

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO/UFMA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS/PPGLB
CAMPUS BACABAL**

MARIA ELIZETE MELO DE OLIVEIRA

**MARCAS DA ENUNCIÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS DE
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: um estudo sobre a revista Ciência Hoje das
Crianças**

Bacabal – MA

2021

MARIA ELIZETE MELO DE OLIVEIRA

**MARCAS DA ENUNCIÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS DE
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: um estudo sobre a revista Ciência Hoje das
Crianças**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, com área de concentração em Linguagem, Cultura e Discurso, na linha Texto e Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Paulo da Silva Lima

Bacabal – MA

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Melo de oliveira, Maria Elizete.

MARCAS DA ENUNCIÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS DE
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: um estudo sobre a revista *Ciência Hoje das Crianças* /
Maria Elizete Melo de oliveira. - 2021.

150 f.

Orientador(a): Paulo da Silva Lima.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras - Bacabal,
Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2021.

1. Efeitos de sentido de oralidade. 2. Marcas de Enunciação. 3. Texto de
Divulgação Científica. I. da Silva Lima, Paulo. II. Título.

MARIA ELIZETE MELO DE OLIVEIRA

**MARCAS DA ENUNCIÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS DE
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: um estudo sobre a revista Ciência Hoje das
Crianças**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, com área de concentração em Linguagem, Cultura e Discurso, na linha Texto e Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Paulo da Silva Lima

Aprovado em 30 de Agosto de 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo da Silva Lima – PPGLB/UFMA (Orientador)

Prof. Dr. Gilmar Bueno Santos - UFPE (membro externo)

Prof. Dr. José Antonio Vieira – PPGLB/UFMA (membro interno)

Dedico este trabalho aos meus pais (In memoriam), que não tinham conhecimento sobre a ciência da linguagem, mas souberam na prática, conjugar o verbo AMAR.

AGRADECIMENTOS

A gratidão foi um sentimento que sempre me envolveu e me acompanhou desde a infância. Aprendi com meus pais a ser grata por tudo. Eles me ensinaram a ter fé em Deus, a nunca desistir, a acreditar em mim, a ver nobreza na simplicidade, ver alegria na tristeza, ver luz nos momentos sombrios e buscar saídas quando tudo parecia estar fechado. Baseado nesses ensinamentos, hoje, agradeço a Deus por ter me concedido a oportunidade de viver diversas experiências que me fizeram ser quem sou. Imersa nesse sentimento de gratidão, reconheço que não caminhei sozinha, e que ao longo desta jornada, muitas pessoas queridas me ajudaram, incentivaram e estiveram comigo. Por isso, agradeço à toda a minha família, aos meus irmãos, e, principalmente à minha mãe (que veio a falecer na semana da minha qualificação), que de forma tão simples, me incentivou, compreendeu e demonstrou tanto amor. À I.M.N, que esteve ao meu lado e soube entender minhas angústias, meu silêncio e minhas alegrias. De coração, obrigada!

Aos amigos que muito me incentivaram, José Rosa, Michelle Vargas e Ana Carla, anjos que cativei do IFPA, campus Marabá Industrial, lugar em que deu origem ao meu projeto de seleção do mestrado, por meio da experiência como docente. Às minhas amigas Orleane, Teresinha, Josy e Neves, e ao meu amigo Ivan Sousa, obrigada pelo apoio, e, principalmente, pela amizade. A todos os colegas da turma, Leonildes, Deymika, Mariana, Anaildo, Edson, Ranyelly e Carmosina, obrigada pelo companheirismo e pelas alegrias compartilhadas. E, um agradecimento especial à Leonildes, Deymika, Anaildo e Edson, vocês foram um suporte em todos os momentos, e digo-lhes, conquistei verdadeiros tesouros.

Ao meu professor orientador, Dr. Paulo da Silva Lima, que me acolheu como orientanda e muito colaborou para o desenvolvimento desta pesquisa e com meu aprendizado. Sem sua ajuda, eu não teria conseguido. A todos os professores do programa PPGLB/UFMA, gratidão pelo conhecimento compartilhado. Aos professores Gilmar Bueno Santos e José Antônio Vieira pelas colaborações na banca de qualificação e defesa, vocês colaboraram muito com a finalização de minha pesquisa. Ao apoio financeira recebido pela FAPEMA em forma de bolsa, através da UFMA, essa ajuda foi essencial para a realização deste sonho. Por fim, gratidão a Deus!

“Sonhos determinam o que você quer.
Ação determina o que você conquista”.

(Aldo Novak)

RESUMO

Nesta pesquisa, nos voltamos para o estudo sobre as marcas de Enunciação empregadas no Texto de Divulgação Científica destinado ao público infantil. Diante disso, seguimos a teoria da Enunciação como base para entendermos sobre as escolhas enunciativas utilizadas e projetadas na construção do enunciado, gerando efeitos de sentidos de oralidade. Para isso, partimos do pressuposto de que o Texto de Divulgação Científica surgiu como uma forma de popularizar a ciência, levando o conhecimento científico não apenas à comunidade acadêmica, mas também a outros públicos, neste caso, o público infantil, e por isso, o texto passa por um processo de retextualização, utilizando estratégias enunciativas que torne a linguagem atrativa e inerente ao universo infantil, afim de que possam compreender o enunciado. Para a realização deste trabalho, tomamos por *corpus* o Texto de Divulgação Científica retirado da Revista Ciência Hoje das Crianças, visto que marcas enunciativas são utilizadas na constituição do texto e projetam efeitos de sentido de realidade, de verdade, de aproximação entre os interlocutores. Nesse contexto, tivemos por mote o seguinte questionamento: de que modo as marcas de Enunciação se manifestam no Texto de Divulgação Científica gerando efeito de sentido de oralidade entre os interlocutores? Diante disso, traçamos por objetivo geral desta pesquisa, analisar as marcas da enunciação presentes em Textos de Divulgação Científica como mecanismo gerador de efeito de sentido de oralidade entre os interlocutores. E os objetivos específicos foram: identificar as marcas da enunciação presente em enunciados escritos, por meio do mecanismo de debreagem actancial que se instala no enunciado produzindo efeitos de sentido de oralidade entre os interlocutores; examinar como a categoria de pessoa se apresenta nos enunciados escritos, manifestando a subjetividade e a objetividade; compreender os diferentes efeitos de sentidos gerados pelas escolhas enunciativas nos enunciados escritos; investigar as marcas de enunciação em Textos de Divulgação Científica da revista Ciência Hoje das Crianças. Diante disso, tivemos como principal base teórica autores como Benveniste (1988; 1989; 1991), Greimas e Courtés (1979), Crestani (2010), Barros (2012), Fiorin (2016), e Flores (2020), Marcuschi (2008; 2010), Marcuschi e Dionísio (2007), Hilgert (2007; 2011; 2015), Bueno (1984), Leibrunder (2002), Valério (2005), Mendes (2006), Giering (2009), Motta-Roth (2009), Sousa (2014) e Boff (2017). Os

procedimentos metodológicos para a realização das análises são de cunho bibliográfico, numa abordagem qualitativa e método interpretativista, embasados em Prestes (2012) e Moita Lopes (1994). Os resultados sinalizam que as marcas de enunciação se manifestam nos enunciados escritos por meio das escolhas enunciativas feitas pelo enunciador no ato enunciativo. E, as escolhas enunciativas utilizados na constituição do texto escrito, bem como os mecanismos de enunciação projetados no enunciado, evocam características próprias de interações faladas, e geram um simulacro de uma interação face a face, com efeito de sentido de oralidade, de realidade e verdade. Além disso, verificamos que oralidade e escrita, mesmo sendo de natureza linguística diferente, ambas se complementam e por pertencerem ao mesmo sistema linguístico, podemos encontrar traços de uma na outra.

Palavras-Chaves: Enunciação. Efeitos de sentido. Oralidade. Texto. Divulgação Científica.

ABSTRACT

In this research, we turn to the study of the enunciation marks used in the Scientific Dissemination Text for children. Therefore, we follow the theory of enunciation as a basis for understanding the enunciative choices used and projected in the construction of the enunciation, generating effects of orality senses. For this, we assume that the Scientific Dissemination Text emerged as a way to popularize science, taking scientific knowledge not only to the academic community, but also to other audiences, in this case, children, and therefore, the text undergoes a reformulation, using enunciative strategies that make the language accessible to children so that they can understand the utterance. In order to carry out this work, we took as corpus the Scientific Dissemination Text taken from the Revista Ciência Hoje das Crianças, since enunciative marks are used in the constitution of the text and project effects of a sense of reality, of truth, of approximation between the interlocutors. In this context, the aim of this research is to analyze the enunciation marks present in Scientific Dissemination Texts as a mechanism that generates the effect of the sense of orality among the interlocutors. Therefore, we had as main theoretical basis authors such as Benveniste (1988; 1989; 1991), Greimas and Courtés (1979), Crestani (2010), Barros (2012), Fiorin (2016), and Flores (2020), Marcuschi (2008 ; 2010), Marcuschi and Dionísio (2007), Hilgert (2007; 2011; 2015), Bueno (1984), Leibrunder (2002), Valério (2005), Mendes (2006), Giering (2009), Motta-Roth (2009), Sousa (2014) and Boff (2017). The methodological procedures for carrying out the analyzes are bibliographical in nature, in a qualitative approach and interpretive method, based on Prestes (2012) and Moita Lopes (1994). The results indicate that the enunciation marks are manifested in the written utterances through the enunciative choices made by the enunciator in the enunciative act. And, the enunciative choices used in the constitution of the written text, as well as the enunciation mechanisms projected in the utterance, evoke characteristics of spoken interactions, and generate a simulacrum of a face-to-face interaction, with an effect of orality, reality and truth. Furthermore, we found that orality and writing, even being of different linguistic nature, both complement each other and because they belong to the same linguistic system, we can find traces of each other.

Keywords: Enunciation marks. Effects of sense of orality. Scientific Disclosure Text.

LISTA DE SIGLAS

AC	Artigo Científico
ADC	Artigo de Divulgação Científica
CHC	Ciência Hoje da Crianças
DC	Divulgação Científica
E	Escrita
F	Fala
G	Gênero
GE	Gênero Escrito
GF	Gênero Falado
TC	Texto Científico
TDC	Texto de Divulgação Científica

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Enunciação e Enunciado	27
Figura 2- Instâncias enunciativas	29
Figura 3 - Instância linguística pressuposta e a instauração do sujeito no enunciado	36
Figura 4 - Categorias de pessoa, espaço e tempo, debreagem e embreagem.....	44
Figura 5 - Representação das pessoas na enunciação	49
Figura 6 - Fala e Escrita no contínuo dos gêneros textuais	61
Figura 7 - Representação da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva	63
Figura 8 - Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita.....	65

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Exemplo de relação entre os sujeitos.....	24
Quadro 2 – Exemplo de discurso direto	29
Quadro 3 – Exemplo da instância linguística pressuposta	32
Quadro 4 - Exemplo de instauração do sujeito na pessoa, espaço e tempo.....	35
Quadro 5 - Exemplo 1 de debreagem enunciativa	38
Quadro 6 - Exemplo 2 de debreagem enunciativa	39
Quadro 7 - Exemplo de debreagem enunciativa	40
Quadro 8 - Exemplo de debreagem interna de segundo grau.....	41
Quadro 9 - Exemplo de debreagem interna de segundo.....	42
Quadro 10 - Exemplos de debreagem actancial	43
Quadro 11 - Exemplo de não pessoa “ele”	50
Quadro 12 - Exemplo de pessoa “eu/tu”	50
Quadro 13 - Dicotomia entre fala e escrita.....	58
Quadro 14 - Uso da oralidade no texto escrito	60
Quadro 15 - Cruzamento da concepção oral e escrita e meio sonoro e gráfico distribuído em gêneros textuais.....	64
Quadro 16 - Exemplo de marcas de oralidade em texto escrito.....	68
Quadro 17 - Dissertações e teses sobre DC	77
Quadro 18: Exemplo 1: ADC1 – Artigo de Divulgação Científica	81
Quadro 19: Exemplo 1: TDC1 - Adaptação do ADC para o TDC.....	83
Quadro 20: Exemplo 2: ADC2 - Excerto do Artigo sobre meio ambiente e ecologia.....	85
Quadro 21: Exemplo 2: TDC2 – Excerto do Artigo Meio Ambiente, o lar de todos nós	86
Quadro 22: Comparação entre trechos dos dois textos	87
Quadro 23: Característica do ADC para o TDC	88
Quadro 24: Modo de escrita do Texto de Divulgação Científica.....	89
Quadro 25 - Textos selecionados para as análises.....	98
Quadro 26 -Categorias de análise.....	99

Quadro 27: Texto 1 - Organização para ninguém botar defeito!	105
Quadro 28: Texto 2 - Tem ciência em tudo – até no balé!	106
Quadro 29: Texto 3 - Etnoconhecimento: saberes que ultrapassam o tempo	108
Quadro 30: Texto 4. Uma partida Genial!.....	109
Quadro 31: Excerto 1 do texto 1	111
Quadro 32: Excerto 1 do texto 2.....	112
Quadro 33: Texto 5 - Restauração é vida de volta!	113
Quadro 34: Texto 6 - E-lixo. O que é isso?	115
Quadro 35: Excerto 2 do texto 1	117
Quadro 36: Excerto 1 do texto 3.....	118
Quadro 37: Texto 7 - A lama que conta história	119
Quadro 38: Texto 8 – Vírus gigante? O que é isso?!	121
Quadro 39 - Sistematização da pesquisa.....	124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 TEORIA DA ENUNCIÇÃO	21
1.1 Enunciação e enunciado	21
1.2 As instâncias enunciativas	28
1.2.1 Instância linguística pressuposta e instância de instauração do sujeito	31
1.3 Mecanismos de enunciação: debreagem e embreagem.....	37
1.4 A categoria de Pessoa na Enunciação	45
2 MARCAS DA ORALIDADE EM TEXTOS ESCRITOS	52
2.1. Características gerais sobre o texto falado e sobre o texto escrito	52
2.2 O texto falado e o texto escrito na perspectiva do <i>continuum</i>	57
2.3 Efeitos de sentido de marcas da oralidade em textos escritos	68
3 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	73
3.1 Breve histórico sobre Divulgação Científica	73
3.2 Artigo de Divulgação Científica	78
3.3 Texto de Divulgação Científica.....	80
3.4 A revista Ciência Hoje das Crianças	92
4 METODOLOGIA DA PESQUISA	96
4.1 Critérios de seleção do <i>corpus</i> da pesquisa	96
4.2 Corpus	97
4.3 Procedimentos de análise	99
5 ANÁLISES E RESULTADOS	101
5.1 Contextualização dos textos analisados da revista Ciência Hoje das Crianças	101
5.2 As debreagens	104
5.3 Categoria de pessoa	111

5.4 Efeitos de sentido de oralidade	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS.....	130
ANEXOS	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

Ao tomar a palavra para estabelecer a comunicação, o locutor põe a língua em funcionamento em um ato individual de utilização, e nesse ato acontece a enunciação, e por meio dela se produz o enunciado. Sendo assim, a enunciação é a atividade linguística de quem fala no momento em que fala e, enunciado, é todo texto dotado de sentido pertencente à fala ou a escrita. Por isso, é possível encontrar em enunciados escritos, marcas enunciativas que identificam o locutor e constroem efeitos de sentido de uma interação face a face.

Nesse sentido, as marcas da enunciação estão presentes nos enunciados e podem ser identificadas por meio dos mecanismos da enunciação, embreagem e debreagem, bem como por recursos linguísticos e escolhas enunciativas que caracterizam uma interação falada. Dessa maneira, a embreagem e debreagem são os mecanismos responsáveis pela instauração da pessoa, espaço e tempo no enunciado e produzem efeitos de sentido de oralidade e proximidade entre os interlocutores. A instauração da pessoa, espaço e tempo nos enunciados escritos, possibilita maior amplitude das percepções enunciativas, que vão além de fatos voltados apenas as perspectivas estruturais e gramaticais da língua, mas abarcam uma visão com maior significação dentro dos usos da linguagem oral e escrita.

Diante disso, para estudarmos e analisarmos oralidade em textos escritos, mesmo sabendo que a oralidade é de natureza da fala e não da escrita, é preciso entendermos que a oralidade pode se manifestar tanto nos enunciados orais como escritos. A oralidade em textos falados pode se manifestar na interação face a face, ou não, espontaneamente ou planejada. E a oralidade nos textos escritos gera efeitos de sentido de oralidade, de realidade, de verdade, de proximidade, de identificação, organização e sentido, produzidos por certos recursos de linguagem utilizados na construção do texto, evocando traços próprios de interações faladas. Nesse sentido, ao falarmos em oralidade em textos escritos, falamos de efeito de sentido de oralidade, em que se cria um simulacro da fala, e ao se conceber oralidade como efeito de sentido, encontraremos marcas de enunciação em textos escritos, seja implicitamente, explicitamente, propositalmente ou espontaneamente.

Sendo assim, tomamos como *corpus* desta pesquisa, Textos de Divulgação Científica destinado ao público infantil, retirados da revista Ciência Hoje das Crianças.

Nesse contexto, enfatizamos a Divulgação Científica, que acontece na difusão da ciência para atingir um público específico cujo objetivo é popularizar ou vulgarizar a ciência, retextualizando textos científicos escrito em termos formais, em textos de divulgação científica com uma linguagem que dialoga significativamente com universo infantil. Nesse processo de transformação, o texto de divulgação científica passa pela retextualização, reescrita, em que são utilizados na construção do texto, certos recursos de linguagem com o intuito de deixar o texto mais próximo do público alvo, que neste caso, são as crianças, criando um simulacro de que o texto escrito pareça um texto oral, como se os interlocutores estivessem em uma interação face a face. Com isso, pode-se afirmar que os textos de divulgação científica apresentam estruturalmente e linguisticamente, mecanismos que demarcam a presença dos mecanismos enunciativos, bem como recursos de linguagem que geram efeitos de sentido de oralidade, e, esses efeitos trazem uma nova percepção sobre as marcas deixadas pelo locutor no enunciado, provocando, questionando e convidando, convocando o interlocutor a participar da leitura do texto, e também guiando o leitor a fazer a leitura e compreensão do texto, causando reflexão em torno da temática e do contexto a qual o texto está inserido.

Na linha dessas considerações, fizemos o seguinte questionamento como pergunta norteadora desta pesquisa: De que modo as marcas de nunciação se manifestam no Texto de Divulgação Científica gerando efeito de sentido de oralidade entre os interlocutores? Na tentativa de encontramos resposta para tal problema, elaboramos os objetivos como forma de prosseguirmos a pesquisa. A saber, a pesquisa tem como objetivo geral: Analisar as marcas da enunciação presentes em Textos de Divulgação Científica como mecanismo gerador de efeito de sentido de oralidade entre os interlocutores. E os objetivos específicos tratam de:

1. Identificar as marcas da enunciação presente em enunciados escritos, por meio do mecanismo de debreagem actancial que se instala no enunciado produzindo efeitos de sentido de oralidade entre os interlocutores;
2. Examinar como a categoria de pessoa se apresenta nos enunciados escritos, manifestando a subjetividade e a objetividade;
3. Compreender os diferentes efeitos de sentidos gerados pelas escolhas enunciativas nos enunciados escritos;

4. Investigar as marcas de enunciação em Textos de Divulgação Científica da revista *Ciência Hoje das Crianças*.

Para o cumprimento desses objetivos, partimos da teoria da enunciação, da noção que temos de que o enunciado é o produto da enunciação, e a partir disso, podemos dizer que o texto é o produto do ato enunciativo, do ato de colocar a língua em funcionamento, para que haja interação entre os indivíduos no contexto de suas práticas sociais. Sendo assim, visto que a enunciação é a ação de interação do enunciador com o enunciatário por meio do enunciado, e o texto é o produto dessa interação, esse texto, tomado por objeto de análise, tem uma instância linguística pressuposta, o que significa dizer, que ao analisarmos um texto, analisamos um produto que é fruto de uma enunciação, ou seja, analisamos o texto de uma enunciação que já aconteceu. E por isso, essa enunciação só pode ser estudada por meio das projeções que o enunciador fez no enunciado pelos diferentes procedimentos enunciativos. Por essa razão, nas análises dos textos iremos identificar, examinar, compreender e investigar esses procedimentos, para assim, encontramos os sentidos por eles produzidos.

A partir disso, pode-se dizer que as pesquisas e análises sobre as marcas da enunciação em Textos de Divulgação Científica, são vistas, hoje, com maior interesse por estudiosos e pesquisadores preocupados com a evolução da língua, por se tratar de uma práxis do cotidiano. Assim, todo o embasamento referente à teoria da enunciação, as marcas de oralidade em textos escritos e sobre a divulgação científica, bem como sobre o texto de divulgação científica, serão essenciais para a realização das análises. E para os procedimentos de análises, será feita uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e adotamos o método interpretativista. De acordo com Prestes (2012), a pesquisa bibliográfica se realiza na tentativa de resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações provenientes de material gráfico, sonoro ou informatizado. E a pesquisa interpretativista de abordagem qualitativa, conforme Moita Lopes (1994), está voltada para a compreensão que o pesquisador tem do objeto de análise, o que se faz entender que teorias voltadas para a realidade são formas de dar sentido ao mundo, sendo que a interpretação final dessas teorias, passa pelo percepção de quem pesquisa. Diante disso, esse tipo de pesquisa auxilia nos pressupostos teóricos e na coleta de dados do *corpus* da pesquisa.

Para a realização das análises utilizaremos oito textos retirados da versão online, seção artigo da revista CHC, que é uma revista destinada ao público infantil, cujos conteúdos são de temas atuais e relevantes para a sociedade e, especialmente, para o público a qual é destinada. A pesquisa está organizada em cinco capítulos, de modo que no primeiro capítulo iniciamos com a discussão sobre a teoria da enunciação, abordando algumas considerações e conceituação sobre enunciação e enunciado, discorrendo sobre as instâncias enunciativas, e também discutiremos sobre os mecanismos da enunciação, embreagem e debreagem e sobre a categoria de pessoa, tendo como principais bases teóricas autores como Benveniste (1988; 1989; 1991), Greimas e Courtés (1979), Barros (2012), Fiorin (2016) e Flores (2020), Crestani (2010). No segundo capítulo, discorreremos sobre as marcas da oralidade em textos escritos, apresentando as características gerais sobre o texto falado e o texto escrito, vendo-os na perspectiva do *continuum*, e discorreremos também, sobre os efeitos de sentido de marcas da oralidade em textos escritos, embasado teoricamente em Marcuschi (2008; 2010), Marcuschi e Dionísio (2007), Hilgert (2007; 2011; 2015).

No terceiro capítulo, teceremos sobre a Divulgação Científica, fazendo um breve histórico sobre Divulgação Científica, e em seguida, falaremos sobre as o Artigo de Divulgação Científica e o Texto de Divulgação Científica, que embora tenham grafias parecidas, apresentam diferentes características em sua construção, e finalizaremos o capítulo apresentando, de forma breve, a revista CHC. Nesse capítulo, tivemos por base teórica, Bueno (1984), Leibrunder (2002), Valério (2005), Mendes (2006), Giering (2009), Motta-Roth (2009), Sousa (2014) e Boff (2017).

No quarto capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos para a realização das análises, baseado em Prestes (2012) e Moita Lopes (1994), e está subdividido em: critérios de seleção de *corpus* da pesquisa, *corpus* e procedimentos de análise. O quinto capítulo, destinaremos às análises dos textos de divulgação científica da revista CHC, e como ponto de partida, faremos uma breve contextualização dos textos analisados, logo após, seguiremos as análises das debreagens, categoria de pessoa e efeitos de sentido de oralidade. Por fim, serão feitas as considerações finais, e em seguida, indicaremos as referências bibliográficas e os anexos referentes ao corpus utilizado na pesquisa.

Diante do exposto, daremos continuidade apresentando o primeiro capítulo, que discorrerá sobre a teoria da enunciação.

1 TEORIA DA ENUNCIÇÃO

Enunciar é um ato único, irrepitível que ocorre em um espaço e tempo determinado e necessita de um sujeito para se realizar, e esse sujeito é perceptível na enunciação e no enunciado pela categoria de pessoa, identificados pelos actantes “*eu/tu*” projetados pelos mecanismos de embreagem e debreagem actancial. Dessa forma, este capítulo está dividido em quatro seções. Na seção 1.1, teceremos conceitos e discussões sobre enunciação e enunciado, de modo que se compreenda que a enunciação é o ato de produzir o enunciado, e enunciado é o produto da enunciação, dentro de um espaço e um tempo. Na seção 1.2, discutiremos sobre as instâncias enunciativas, que funcionam em pares, enunciador e enunciatário, narrador e narratário, interlocutor e interlocutário, e juntos, constituem o sujeito na enunciação. Nesta mesma seção, discutiremos também, sobre a instância linguística pressuposta e sobre a instância de instauração do sujeito. Na seção 1.3, apresentaremos os mecanismos da enunciação, embreagem e debreagem, que são responsáveis pela instauração do sujeito no enunciado. Na seção 1.4, discorreremos sobre a categoria de pessoa na enunciação, entendendo que o espaço e o tempo dependem de um “*eu*” que enuncia, e este “*eu*” a pessoa, possui uma relação de personalidade e de interação entre “*eu/tu*”, e gera efeito de proximidade e subjetividade, e uso da terceira, pessoa, “*ele*”, denominada “*não pessoa*”, gera efeito de distanciamento e objetividade.

1.1 Enunciação e enunciado

Em meio aos diversos estudos e pesquisas voltados para a linguagem são inúmeras as ramificações dos estudos linguísticos, e a enunciação é uma parte desse vasto campo linguístico para ser investigada.

Para Benveniste (1988), a enunciação é um ato individual de utilização e funcionamento da língua. Sendo assim, torna-se um ato único e irrepitível, e se realiza na interação, e por isso, necessita de um sujeito para sua realização, pois quando se enuncia, essa enunciação é dirigida a alguém. Desse modo, se a enunciação é um ato de produzir, cujo sentido está em enunciar, o produto desta enunciação é o

enunciado. Quanto a isso, postulam Greimas e Courtés (1979), que o enunciado é toda grandeza dotada de sentido, que pertence tanto ao texto falado ou escrito. Diante disso, podemos dizer que se enunciação precisa de um sujeito para sua concretização, a prática desse sujeito é que gera sentido, e isso, produz o enunciado, de modo que o sentido se faça, também, sujeito.

E, de acordo com Bakhtin (2011), a língua efetua-se em forma de enunciados orais e escritos, concretos e únicos e é proferido pelos participantes dos campos da atividade humana. Nesse sentido, todas as vezes que o locutor tomar uso da palavra para realizar a comunicação, acontece a enunciação e, é a relação do locutor com a língua que definirá os acontecimentos linguísticos, as escolhas discursivas e lexicais na enunciação. E isso, podemos perceber, na produção de um texto, que dependendo de qual enunciatário pretende-se atingir, a forma de escrita, as escolhas linguísticas, discursivas e lexicais serão utilizadas de forma diferenciada, pois, se o enunciatário for o público infantil, jornalístico, acadêmico, ou pesquisadores inteirados do assunto, para cada públicos serão utilizadas estratégias enunciativas distintas. Isso ocorre porque o enunciador cria uma imagem do enunciatário a qual se dirige, e a partir dessa imagem, são utilizadas diferentes estratégias enunciativas afim de o enunciador alcançar o objetivo desejado, que é persuadir o enunciatário.

Ainda quanto ao uso da língua, na perspectiva enunciativa, Benveniste (1988, p. 82) reitera:

Antes da enunciação, a língua, não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno.

Diante da afirmação do autor, antes de ocorrer o ato enunciativo, a língua é apresentada apenas como uma suposição, uma possibilidade e, somente a partir do momento em que se efetua a enunciação, a língua se torna uma instância do discurso. Dessa forma, na ocasião em que o locutor tomar a palavra e se apropriar da língua para realização da enunciação, ele insere o outro no discurso.

Para Greimas e Courtés (1979), as formas de definição da enunciação são duas: a primeira se refere ao referencial, estrutura não-linguística, que subtende à comunicação linguística, cujo conceito de enunciação, tende à aproximação do ato de linguagem sempre considerado na sua singularidade. A segunda definição, como uma

instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado. Nesta última, a enunciação é concebida como um elemento independente da teoria da linguagem, como uma instância que possibilita a passagem entre a competência e a performance. Diante dessas afirmações, é possível dizer que a enunciação está intrinsecamente ligada ao sujeito, pois o sujeito é que materializa a enunciação, e ao realizá-la, a subjetividade é manifestada.

De acordo com Barros (2012), o sujeito da enunciação assume dois papéis narrativos: o de sujeito pragmático da ação criadora do texto, de seu objeto, de seus valores, crenças e aspirações; e o de destinador que instala no discurso seu destinatário. Nesse sentido, a enunciação se distende em enunciador e enunciatário, tendo o enunciador a função de persuasão por intermédio dos procedimentos e estratégias textuais para convencer o enunciatário a acreditar e aceitar seus valores e crenças e agir em consonância com seus atos, e ao enunciatário, cabe a função de realizar o ato interpretativo do discurso, para que a partir dessa interpretação, possa decidir em acreditar ou não, aceitar ou não o contrato enunciativo proposto pelo enunciador no discurso.

A participação do sujeito na enunciação funciona entre sujeito e objeto, que simula a relação do homem com o mundo, e a própria relação entre os sujeitos que simula, a comunicação e interação entre os homens. Desse modo, assegura Barros (2012, p. 29) que:

Toda comunicação é, como já foi apontado, uma forma de manipulação, em sentido amplo, ou seja, deve ser entendida como uma relação, em que o destinador exerce, principalmente, um fazer persuasivo, e o destinatário, um fazer interpretativo.

Diante disso, tanto destinador quanto destinatário ocupam funções específicas e relevantes na enunciação e na compreensão do enunciado. Desse modo, podemos observar que os sujeitos envolvidos na enunciação, são sujeitos cheios de valores, de crenças, de aspirações, desejos e sentimentos e que há uma interação comunicativa, e isso é que distingue a relação entre os homens das relações do homem com objetos, pois afirma Barros (*Ibid.*) que, as relações que se estabelecem entre os sujeitos envolvidos na comunicação, é uma relação de interação. Para esclarecer essa relação entre os sujeitos, vejamos abaixo um exemplo no Texto de Divulgação Científica (TDC) destinado ao público infantil.

Quadro 1 - Exemplo de relação entre os sujeitos

<p><i>Tesouros do mar</i></p> <p><i>Se alguém lhe contasse que é possível ter uma fazenda debaixo d'água, você acreditaria? E se chegasse a notícia de que a energia elétrica pode ser gerada com o vento que sopra sobre o oceano, você duvidaria? Pois tudo isso é verdade! Quer saber mais sobre estes e outros tesouros do mar? Prenda a respiração e mergulhe na leitura!</i></p> <p style="text-align: right;">http://chc.org.br/artigo/tesouros-do-mar/</p>

Fonte (CHC 2021)

Como podemos observar, no texto acima, há uma relação de interação entre os sujeitos pelas escolhas linguísticas que são usadas para a produção do enunciado. As interrogações e o uso dos dêiticos, a forma em que se organiza o texto, são utilizados para demonstrar essa proximidade entre os sujeitos, enunciador/destinador e, dando a impressão de que há uma interação face a face. Nessa comunicação, ou interação, é usada uma forma de manipulação e persuasão, em que o enunciado/destinador, faz uso da persuasão, enquanto o enunciatário/destinatário utiliza a interpretação. No texto, nota-se o uso da persuasão pelas estratégias que o enunciador utiliza para convencer o enunciatário de seus valores e verdades que apresenta no enunciado. Essas estratégias e escolhas enunciativas são feitas mediante o público a qual se quer atingir. Neste caso, como o público é infantil, a linguagem, escolhas linguísticas, lexicais, semânticas estão voltadas para as crianças em uma linguagem que instiga a criança a participar de uma ação conjunta na construção do conhecimento, não sendo a criança apenas ouvinte, mas tornando-se sujeito dessa construção junto ao especialista. A partir disso, entra o fazer interpretativo, cuja responsabilidade é do enunciatário, que ao ler o enunciado irá refletir se aceita o que é dito, como verdade ou não.

Sendo assim, o funcionamento da manipulação, da persuasão, da comunicação e da interação na enunciação, está inter-relacionadas e funciona por meio de acordo entre enunciador e enunciatário, que por sua vez, deixam marcas enunciativas no enunciado. Pois, segundo Fiorin (2016, p.27), “as marcas da enunciação presentes no enunciado permitem reconstruir o ato enunciativo”, e, ao trabalhar a enunciação, três aspectos precisam ser mencionados: as competências necessárias para a produção do enunciado; a ética da informação; e o acordo fiduciário entre enunciador e enunciatário.

No primeiro aspecto, o sujeito precisa das competências linguística, discursiva, textual e pragmática para a produção do enunciado. A competência linguística, segundo Fiorin (*Ibid.*) abrange o sistema fonológico, morfológico e sintático e o léxico de uma língua, sendo esta, a competência básica para a produção de um enunciado, pois o falante ao conhecer a gramática e o léxico pode produzir enunciados gramaticais e aceitáveis.

A competência discursiva engloba a narrativa, apontando as ações do homem, mostrando as transformações e a busca de valores ocorrentes em todo o texto operadas pelo sujeito. Esta competência apresenta duas facetas, de modo que por um lado temos a tematização, que segundo Flores (*et. al.*, 2020) é o modo pelo qual o enunciador constrói discursos abstratos, e a figurativização, que é o processo em que o enunciador constrói no discurso simulações do mundo real, natural. Tais facetas ajuda no processo de construção discursiva do enunciado, de modo que uma tematiza as ideias principais do que será enunciado, e o outro irá favorecer a construção do enunciado a partir da imagem que se tem do mundo real.

Por outro lado, temos a actorialização, espacialização e temporalização e os mecanismos argumentativos, que conforme Fiorin (2016), vão desde o uso de implícitos à norma linguística adequada, e também do uso das figuras de pensamento aos modos de citação do discurso do outro. Isso se estende também, às formas de argumentação, de efeitos de sentido de realidade e objetividade.

A competência textual, segundo Fiorin (*Ibid.*), diz respeito à utilização semiótica-objeto em que o discurso será veiculado, incluindo processos de criação de imagens em cinema e televisão, bem como os processos de textualização em língua natural. A competência interdiscursiva, liga-se à heterogeneidade que constrói o discurso, e é provocada uma dessemelhança em alguns tipos de discurso devido os conhecimentos culturais e ideológicos, como por exemplo, no discurso polêmico, enquanto em outros discursos, como o discurso cúmplice pertencentes à mesma formação discursiva, há similaridade. Vale lembrar que esses discursos se constroem sobre a identidade do sujeito, e por isso, na constituição do discurso haverá marcas do sujeito que enuncia, seja implícita ou explícita. A competência intertextual diz respeito às relações polêmicas e contratuais de um texto com outros, bem como com a forma de textualizar, e nesse processo de textualização podemos incluir a estilização dos textos.

A competência pragmática “concerne aos valores interlocutórios dos enunciados” (*Ibid.*). A questão pragmática, nesta competência, está relacionada ao valor pragmático que deve ser introduzido nos textos como traços semânticos, o que dá um sentido mais amplo. Nesse contexto pragmático e semântico a noção de valor está ligada ao objeto de valor, e esse objeto de valor é o que o sujeito deseja.

A competência situacional, ligado ao conhecimento acerca da situação que ocorre a comunicação e do “parceiro do ato enunciativo” (*Ibid.*), e se dá por simulações que vão sendo construídas no processo enunciativo e influenciam na construção do enunciado, pois, o contexto situacional é uma espécie de suporte que dá vida ao enunciado que está sendo constituído. Vale acrescentar, que essas competências são indispensáveis para a construção de um enunciado por estarem interligadas no ato enunciativo, que por sua vez, auxiliará o enunciatário na interpretação do enunciado. De acordo com Fiorin (*Ibid.*), “todas essas competências podem ser mais ou menos comuns a enunciador e enunciatário” e são trabalhadas de forma compartilhada, proporcionando o entendimento entre enunciador e enunciatário, visto que, quanto maior a interligação de ambos, melhor será a compreensão teórica dos enunciados produzidos.

O Segundo aspecto, “ética” da informação, conhecido também de ética discursiva, está ligado à cooperação, ou princípio de cooperação, que “rege o que a cultura consideraria como uma troca verbal honesta” (GRIMAS E COURTÉS, 1979, p.108), que na produção do enunciado funciona como código deontológico constituído por máximas conversacionais e injunções discursivas, seguindo as regras e condutas que se julga dever ser observada, que as vezes são seguidas e as vezes são violadas.

Embora essas regras sejam seguidas ou violadas na produção do enunciado, elas existem e delimitam trocas de informações, mesmo que nem sempre estejam explícitos. Nesse aspecto, da ética discursiva, são evidentes a lei da informatividade, que varia de enunciador para enunciatário de acordo com situação de comunicação, e a lei da exaustividade, relacionada à quantidade de informações que se deve apresentar em uma troca verbal (*Ibid.*, p.29), e mesmo que outros recursos discursivos e enunciativos também apareçam e sejam relevantes na produção do enunciado, a informatividade e a exaustividade se instalam no enunciado com mais frequência. E isso, serve tanto para a produção quanto para a interpretação do enunciado.

O terceiro aspecto, o acordo fiduciário, estabelece-se entre o enunciador e enunciatário. O acordo fiduciário apresenta dois pontos: a forma em que o texto deve

ser considerado do ponto de vista da verdade e da realidade, em que no enunciado há critérios que determinam o estatuto da verdade ou mentira, realidade ou ficção; e no segundo ponto são as marcas discursivas, que irão indicar se o enunciado deve ser entendido com o mesmo sentido que foi dito ou não (*Ibid.*, p.30). Com isso, a identidade e a contrariedade são identificadas no enunciado tornando-se contratos enunciativos. Segundo Barros (2020, p.28), o contrato fiduciário “gerencia as relações entre destinador e destinatário dos textos, e de simulacros entre eles, que determinam a intersubjetividade”. Com base nisso, acredita-se que em toda relação comunicativa, há uma tentativa de persuasão e convencimento, nesse caso, entre enunciador e enunciatário.

Para melhor entendimento sobre os pressupostos teóricos estudados nesta seção, na figura abaixo, buscamos fazer uma representação dos principais pontos discutidos.

Figura 1- Enunciação e Enunciado



Fonte: (Elaborada pela autora)

Como vimos na figura, o ato enunciativo produz um enunciado, que por sua vez, exige um enunciadador e um enunciatário. A relação entre ambos, se dá por contratos enunciativos, que são fundamentais na produção e compreensão e interpretação do enunciado.

Destarte, após esse percurso teórico sobre enunciação e enunciado, a relação entre enunciador e enunciatário, e os contratos enunciativos feitos entre ambos, na seção seguinte, abordaremos as instâncias enunciativas que funcionam em pares e utilizam de estratégias enunciativas na construção do enunciado.

1. 2 As instâncias enunciativas

As instâncias enunciativas funcionam em pares, e juntos constituem o sujeito na enunciação. Esses pares formados por: enunciador e enunciatário, narrador e narratário, interlocutor e interlocutário. Em cada instância enunciativa há a presença de dois desses actantes, e são eles que constituem o sujeito na enunciação, pois conforme Fiorin (2016), o “*eu*”, pressupõe um “*tu*”, desse modo, existe um *tu* pressuposto, o enunciatário, e um *tu* projetado no interior do enunciado, o narratário. Além disso, o narrador pode passar a palavra a personagens por meio do discurso direto, instaurando-se como *eu* e colocando as personagens que falam como *tu*. Quando isso ocorre, temos a presença do interlocutor e interlocutário.

Seguindo essa lógica, na composição do TDC, há a presença desses três pares de actantes, de modo que o enunciador é constituído pela equipe da revista, que colabora na produção o texto. A partir disso, o enunciador passa a voz ao cientista ou repórter responsável pela produção do enunciado, tornando-se o narrador do enunciado. Com isso, o enunciador (equipe) e o narrador (cientista ou repórter) passam a enunciar para o mesmo enunciatário e também narratário, que é público leitor, que nesse caso, serão as crianças. No TDC, em algumas situações, essa delegação de voz ocorre por meio do discurso direto, e quanto a isso, assiná-la Boff (2017 p.43):

O mecanismo de delegação de voz em discurso direto projeta no texto efeitos de sentido de realidade, de verdade, e, ao mesmo tempo, de aproximação entre produtores e receptores do texto. Isso ocorre porque o discurso direto pode trazer apreciações, pontos de vista, projetar emoções que não poderiam ser ditas na instância do narrador. Assim, não raro se estabelecem, por meio dessa delegação de voz em discurso direto, laços de uma interação mais próxima com o leitor, mais subjetiva e passional.

Diante dessa afirmação, podemos dizer que os discursos diretos deixam marcas que não podem ser expressadas com a mesma intensidade e sentido pelo enunciador. Tais marcas são perceptíveis a partir da delegação das vozes e influenciam nas relações entre os sujeitos dos discursos, pois, com o discurso direto, emoções, opiniões, escolhas enunciativas são feitas pelos interlocutores, que por sua vez, ganham voz no texto, por essa razão, é que se geram efeitos de realidade, verdade e proximidade. A seguir, um exemplo de discurso direto no TDC.

Quadro 2 – Exemplo de discurso direto

Antes de começar a contar sobre o maior jogo de futebol de todos os tempos, temos que mencionar os treinos mais malucos da história. Tudo começou quando, depois de tantas experiências malsucedidas, Galileu decidiu levar um quadro, desses de escola, para o campo:

– Nós não vamos aprender a jogar como esses feras do futebol em tão pouco tempo. Mas também somos craques, só que nas leis da natureza. Vamos usar essa nossa qualidade para driblar as dificuldades, colocando a ciência no jogo!

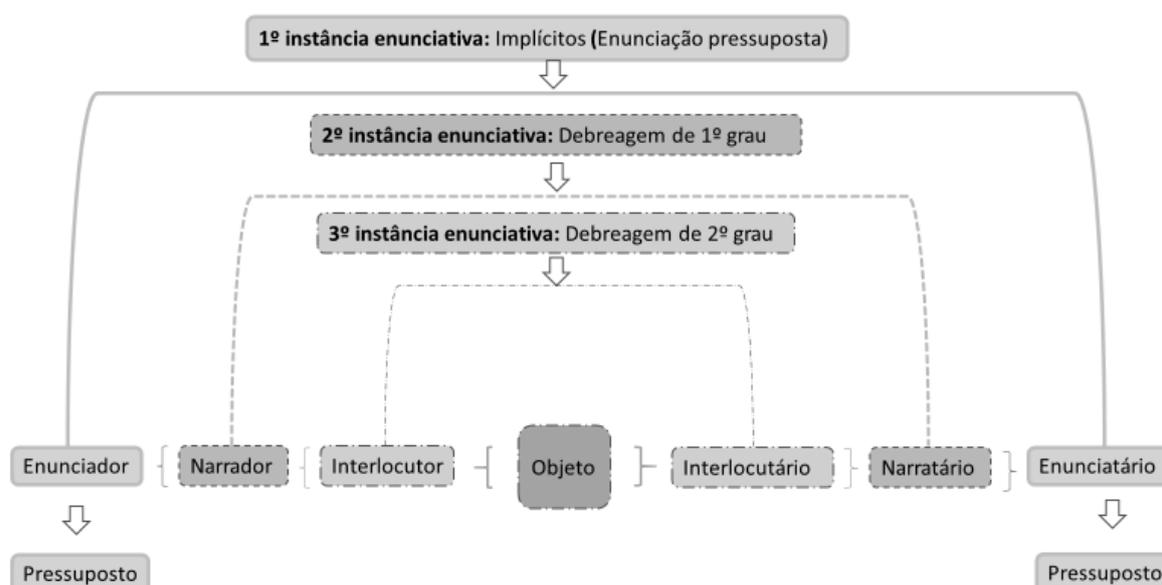
<http://chc.org.br/artigo/uma-partida-genial/>

Fonte (CHC 2019)

Neste exemplo, o discurso direto inicia com o uso do travessão, que demarca o início de um discurso citado. O discurso direto, discurso citado, suscita um efeito de sentido real, de proximidade, que segundo Boff (2017), tal discurso gera laços de uma interação mais próxima e subjetiva com o leitor. Nesse tipo de discurso, emoções, expressões e escolhas enunciativas são feitas pelo interlocutor de maneira particular e real, situações essas, que não podem ser expressadas pelo narrador com a mesma intensidade.

Diante disso, vejamos abaixo de modo esquematizado essas instâncias enunciativas.

Figura 2- Instâncias enunciativas



Fonte: (FIORIN 2016) – Adaptada pela autora.

Na figura podemos observar três instâncias de diferentes eixos discursivos e obedecem a uma hierarquia. A primeira instância, formados pelos pares de actantes, enunciador e enunciatário, é implícita, e Greimas e Courtés (1979, p.145) a definem como “uma instância linguística logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado”. Isso ocorre porque nessa instância há um *eu* que enuncia, embora não apareça no enunciado explicitamente, mas o *eu* enunciador está presente, e por isso, é uma enunciação pressuposta, e, na relação entre enunciador e enunciatário, o enunciador é o sujeito da enunciação.

A segunda instância, composta pelos actantes narrador e narratário, são as debreagens de primeiro grau, que ocorre quando o enunciador delega a voz para o narrador. Essa instância trata dos actantes da enunciação enunciada que ocorre quando o destinador e destinatário do discurso estão instalados de forma explícita no enunciado, denominados, narrador e narratário (GREIMAS; COURTÉS 1979). No caso do TDC, a debreagem de primeiro grau acontece quando a equipe responsável pela revista (enunciador) delega ao cientista ou repórter (narrador), a responsabilidade pelo enunciado.

Na terceira instância, ainda sob a definição de Greimas e Courtés (1979, p.239), instala-se quando o enunciado é reproduzindo no interior do discurso quando

o narrador passa a voz (debreagem interna)¹ sob forma de diálogo para um actante do enunciado, funcionando como simulacro no interior do discurso, pressupõe-se os dois actantes da enunciação, destinador e destinatário, que são denominados conjuntamente interlocutores, ou, separadamente, interlocutor/interlocutário. Nesse caso, ocorre a debreagem de segundo grau, que se dá no TDC, quando o cientista ou repórter (narrador), delega a voz aos atores do discurso (interlocutores) por meio do discurso direto. Em meio a esses três pares de actantes, está o objeto, que é o discurso. Vale ressaltar, que as debreagens internas são os mecanismos da enunciação responsáveis pela delegação de vozes no enunciado. Quanto a esses mecanismos de enunciação, aprofundaremos na seção 1.3.

Após discutirmos sobre as instâncias enunciativas dos pares enunciador e enunciatário, narrador e narratário, interlocutor e interlocutário, e o modo em que funcionam e se apresentam no enunciado, passaremos então para a instância linguística pressuposta e instância de instauração do sujeito. De modo que a primeira é responsável pelo uso de primeira, segunda e terceira pessoa, pelos efeitos de sentido de subjetividade e objetividade, aproximação e distanciamento no enunciado, e a segunda, pelo uso da pessoa, espaço e tempo, e pela relação *eu* e *tu*, também no enunciado.

1.2.1 Instância linguística pressuposta e instância de instauração do sujeito

Para esclarecer a forma em que a enunciação é compreendida, são elencadas duas instâncias: a instância linguística pressuposta e a instância de instauração do sujeito (instalação de pessoa, espaço e tempo). A primeira instância, pelo percurso gerativo, faz menção à imanência, que liga o plano de conteúdo a um ou diversos planos de expressão. Esse percurso gerativo de sentido, diz Flores (2020, p. 104), “é um simulacro metodológico”, e faz-se necessário trabalhar três níveis de profundidade: as estruturas fundamentais, as narrativas e as discursivas, de modo que, as estruturas fundamentais e narrativas constituem a organização virtual do discurso, que se realiza na estrutura discursiva. Dessa forma, diz Flores (2020), que

¹ Exemplos de debreagem interna serão apresentados na seção dos mecanismos da enunciação, neste mesmo capítulo.

a enunciação é a instância de mediação entre os dois primeiros níveis, estruturas fundamentais e narrativas, e o terceiro, a estrutura discursiva. Prossegue afirmando Flores (2020, p.104), que a enunciação:

[...] é o lugar do exercício da competência semiótica, constituídas das estruturas fundamentais e narrativas. Ao mesmo tempo é a instância de instauração do sujeito na enunciação, que opera num tempo, o agora, e num espaço, o aqui. O lugar do *eu-aqui-agora* é a instância de onde se projetam pessoas, espaços e tempos que povoam o enunciado de onde se criam os investimentos semânticos mais concretos do discurso.

Nesse contexto, a competência semiótica² se realiza na enunciação pelos níveis de estruturas fundamentais e narrativas, e no ato enunciativo, instaura o sujeito na enunciação, levando em conta o espaço e o tempo em que o sujeito está inserido no acontecimento enunciativo. Sendo assim, a enunciação é uma instância de mediação, ela garante a discursividade da língua, permitindo passagem da “competência à performance, das estruturas semióticas virtuais às estruturas realizadas sob forma de discurso” (FIORIN 2016, p.31). Junto à instância de mediação, estão também, as estruturas semio-narrativas, que conforme Greimas e Courtés (1979), são formas classificatórias e programadoras da inteligência humana, que atuam como operações e constituem a competência semiótica do sujeito na enunciação. Com isso, constata-se que sendo a enunciação a instância constitutiva do enunciado, logo, constrói suas próprias marcas no discurso.

A instância linguística pressuposta, traz reflexões sobre a enunciação como um processo e sistema. Esse processo enunciativo que é posto no interior do enunciado, não é a enunciação, na íntegra, mas é a *enunciação enunciada*. Sendo assim, conforme Fiorin (2016, p.31), o texto-objeto seria formado por dois conjuntos: a *enunciação enunciada*, que são as marcas identificáveis no texto e remetem à instância da enunciação; e o *enunciado enunciado*, que é a sequência enunciada que não apresenta marcas de enunciação. Vejamos um exemplo da instância linguística pressuposta no TDC. Neste texto estão presentes tanto a *enunciação enunciada* quanto o *enunciado enunciado*.

Quadro 3 – Exemplo da instância linguística pressuposta

² A teoria semiótica, segundo Flores (2005), tem por objeto d estudo o texto e procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz pra dizer o que diz.

Sol, areia, diversão! Olhando para a água tudo parece perfeito, mas lá no fundo (ou também no raso!) há algo que **você** precisa saber: alguns vilões estão ameaçando o oceano! **Não, o tubarão não é vilão coisa alguma e não está na lista!** Na verdade, **ele** ocupa no oceano o mesmo papel que os leões na selva: são reis que permitem a manutenção de um ecossistema equilibrado! Os vilões de verdade **você** vai conhecer agora!

A poluição do oceano é um problema, por vezes, invisível. **Tem gente** que nem acredita que seja tão grave porque se pergunta: se o oceano está tão poluído, como existem tantas praias paradisíacas, sem qualquer sombra de lixo?

<http://chc.org.br/artigo/os-viloes-do-oceano/>

Fonte (CHC 2021) – Grifos nossos

Somente no ato enunciativo é enunciação pode ser tomada como enunciação. De acordo com Fiorin (2016), a enunciação, de uma forma ou de outra, é uma enunciação enunciada, isto é, marcas e traços que a enunciação, deixa no enunciado. *A enunciação enunciada e enunciado enunciado*, geram efeitos de objetividade e subjetividade, aproximação e afastamento, gera uma relação monológica e dialógica no enunciado.

No primeiro parágrafo, temos a presença de uma enunciação enunciada, pois há um *eu* pressuposto que interage com um *tu* representado pelo “você”, também pressuposto. Nesse caso, a enunciação enunciada está demarcada pelo uso da primeira e da segunda pessoa ocorrendo uma relação dialógica. Além disso, ainda no primeiro parágrafo, na frase em destaque, podemos perceber efeitos de sentido de subjetividade e de aproximação entre os interlocutores. *A enunciação enunciada*, segundo Flores (2020), é projetada em primeira e segunda pessoa, no tempo do “*agora*” e no espaço do “*aqui*”. Ainda segundo o autor, os discursos da *enunciação enunciada* produzem efeitos de sentido de aproximação e de relação dialógica entre sujeitos, pois se apresentam como simulacros da enunciação e constroem interações com efeitos de subjetividade.

Para Flores (2020), os discursos organizados em terceira pessoa, no tempo de “*então*” e no espaço do “*lá*”, são *enunciados enunciados*. Desse modo, no segundo parágrafo, há um *ele* pressuposto no termo “tem gente”. Nesse caso, o enunciado enunciado ocorre pela presença da terceira pessoa, que gera efeitos de sentido de distanciamento e objetividade, bem como uma relação monológica. O autor acrescenta ainda, que os discursos de *enunciados enunciados*, produzem efeito de distanciamento da enunciação e de certo modo, produz um monologismo ou autoritarismo das verdades únicas e objetivas, neste caso, a construção dos efeitos de sentido é de objetividade racionais ou intelectuais.

A partir disso, podemos perceber combinações e rupturas no discurso, substituindo uma aproximação pelo distanciamento. Como por exemplo, ao dizer “Maria não vai ao trabalho” ao invés de dizer “Eu não vou ao trabalho”³, no primeiro ocorre um enunciado enunciado, em que o efeito de sentido é de objetividade e distanciamento e no segundo acontece uma enunciação enunciada, cujo efeito de sentido é de subjetividade e aproximação. No exemplo citado, podemos observar que a categoria de pessoa se faz presente pelos pronomes “eu” e “você”. Vale lembrar que assim como destacamos neste exemplo a categoria de pessoa, em outros casos podem ser destacados o espaço e o tempo na enunciação.

A instância de instauração do sujeito que se estabelece na instalação de pessoa, espaço e tempo, vai de encontro com a subjetividade defendida por Benveniste (1988), quando diz que a subjetividade é a capacidade de o locutor se propor como sujeito, pois é na linguagem e pela linguagem que o homem constitui-se como sujeito, de modo que somente na linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade, que é a do ser, o conceito de ego. Diante do exposto, considera-se o *eu* e o *tu*, actantes da comunicação, são utilizados apenas pelos seres humanos, pois a linguagem, ao ser colocada em funcionamento pelo sujeito da enunciação, constrói o mundo enquanto objeto e simultaneamente, constrói a si mesmo. e isso ocorre por meio de uma transitividade, que Greimas e Courtés (1979), chamará de intencionalidade fundante da enunciação, e acrescenta, que a enunciação é um enunciado, cuja função é a intencionalidade e seu objeto é o enunciado, o discurso.

Esse enunciado, afirma Bakhtin (2011), que é individual, e cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, e estes são denominados gêneros do discurso. Desse modo, pode-se dizer que os gêneros do discursos são ricos, diversos e são fontes inesgotáveis de investigação, pois à medida em que cada gênero se apresenta no campo da atividade da linguagem podem ser analisadas de acordo com as condições de produção, formas de uso e contexto, a qual o gênero e o enunciado estão inseridos. O autor reitera, que o estudo da natureza do enunciado e da diversidade de gênero dos enunciados, é de grande importância para quase todos os campos da linguística e da filologia, e a investigação de qualquer área de concentração da linguística, perpassa pelos enunciados concretos, orais e escritos, que estão ligados diretamente aos diversos campos da

³ Exemplo sobre os dois tipos de discursos: enunciação enunciada e enunciado enunciado. Exemplo de autoria própria.

atividade humana. Sendo assim, a língua integra a vida humana através de enunciados concretos, e isso torna possível a vida entrar na língua.

Diante disso, o enunciado se torna um núcleo de investigação da língua, pois sendo a língua estudada sincronicamente, diacronicamente, estaticamente ou em funcionamento, que é o caso da enunciação, ela perpassará pelo enunciado. Nesse raciocínio, para se pensar em linguagem, é necessário olhar além, e ter uma visão enunciativa, pois, “enunciar é criar” (FIORIN, 2016, p. 37), e por ter essa capacidade criadora, a enunciação tem o poder de chamar o *tu* e colocar como pessoa dando-lhe a palavra.

Pela enunciação, vários mundos podem ser criados, pois ela, de certa forma, tem poder para ordenar, e nela, o sujeito se instaura na categoria de pessoa, que por sua vez, está inserido em um espaço e um tempo no acontecimento enunciativo. Dessa forma, encontra-se o fundamento da subjetividade determinante do *status* linguístico da pessoa, esclarecendo que o “*eu*” só existe em oposição ao “*tu*”, só se emprega “*eu*” dirigindo-se a alguém, que por sua vez, torna-se o “*tu*” na elocução. Desse modo, a linguagem só é possível porque o locutor se apresenta como sujeito, e remete-se como “*eu*” no próprio discurso, e pressupõe outra pessoa exterior a mim, que se torna meu “*eco*”, ao qual “digo *tu* e que me diz “*tu*” (BENVENISTE, 1988). Dessa maneira, um, não se concebe sem o outro, ambos se complementam e ao mesmo tempo, se reverterem, partindo da oposição do interior e exterior no processo de enunciação.

Partindo da subjetividade presente na instância de instauração do sujeito, a categoria de pessoa é fundamental para que a linguagem se torne discurso. Para Benveniste (1988), a subjetividade fundamenta-se no exercício da língua, pois ela existe pelo fato de o *eu* enunciar-se. Ao enunciar-se, a pessoa ocupa um determinado espaço e momento, sendo que estes se organizam em torno do sujeito que fala e é tomado por referência. Dessa maneira, o espaço e o tempo da realização do enunciado independem do eu que enuncia. Para demonstrar a instauração do sujeito na pessoa, espaço e tempo na enunciação, tomamos um trecho do mesmo texto de divulgação científica do exemplo anterior.

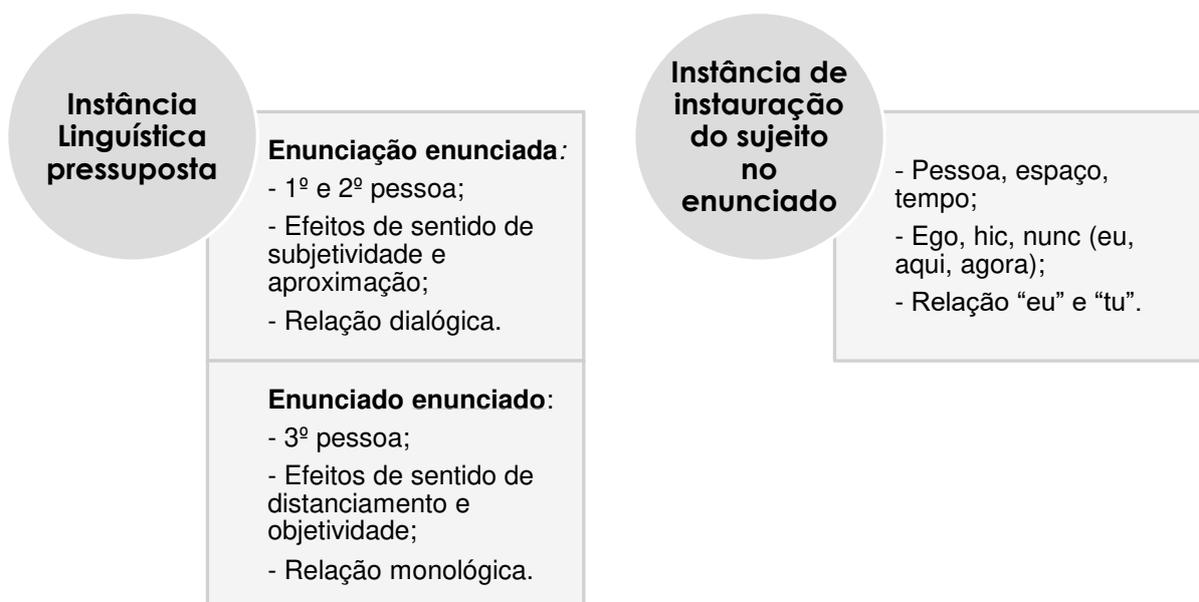
Quadro 4 - Exemplo de instauração do sujeito na pessoa, espaço e tempo

Sol, areia, diversão! **Olhando** para a água tudo parece perfeito, mas **lá** no fundo (ou também no raso!) há algo que você precisa saber: alguns vilões **estão ameaçando** o **oceano!**

No exemplo citado, podemos perceber a instalação de pessoa, espaço e tempo. A pessoa está implícita, é um eu pressuposto. O espaço é explícito nas escolhas enunciativas, lá /oceano, que representam o lugar a qual o enunciado se refere. O tempo, podemos identificar pelas formas verbais no gerúndio, que demonstra algo que está acontecendo no momento/agora. Dessa maneira, podemos dizer que é na enunciação que o sujeito se instaura e nela estão presentes o *ego*, *hic* e *nunc*, (*eu*, *aqui* e *agora*), pois, “o aqui é o espaço do *eu* e o presente é o tempo em que coincidem o momento do evento descrito e o ato de enunciação que o descreve” (FIORIN, 2016. p.36), e, partindo do espaço e tempo, todas as relações espaciais e temporais podem ser organizadas.

Para maior entendimento dos pressupostos teóricos sobre a instância linguística pressuposta e a instauração do sujeito no enunciado, demonstraremos na figura abaixo os principais pontos teóricos discutidos.

Figura 3 - Instância linguística pressuposta e a instauração do sujeito no enunciado



Fonte: (Elaborada pela autora)

Dessa maneira, na enunciação, cada instância se consolida no enunciado de forma diferenciada, possibilitando aos actantes da enunciação se instalarem no

enunciado. Nesse sentido, podemos perceber a presença do eu/pessoa, aqui/espço e agora/tempo no enunciado, e que o sujeito (pessoa) é o centro, e por intermédio desse sujeito, o espaço e o tempo são estabelecidos no enunciado.

Diante do exposto sobre as instâncias enunciativas, prosseguiremos na próxima seção discutindo sobre os mecanismos da enunciação, embreagem e debreagem, que são responsáveis pela instalação do sujeito e pela projeção de efeitos de sentido de realidade no enunciado.

1.3 Mecanismos de enunciação: debreagem e embreagem

A debreagem e embreagem funcionam como os mecanismos de instauração do sujeito no enunciado e ocupam funções específicas na constituição do enunciado e processo de articulação da enunciação

Para Greimas e Courtés (1979, p. 95), a debreagem é definida:

Como a operação pela qual a instância da enunciação disjunge e projeta fora de si, no ato de linguagem e com vistas à manifestação, certos termos ligados à sua estrutura de base, para assim construir os elementos que servem de fundação ao enunciado-discurso.

Diante do exposto, a debreagem ocorre no ato da discursivização, que é o mecanismo fundador da pessoa, espaço e tempo (*eu/tu, aqui, agora*), que sai da instância enunciativa para compor outros elementos que formam o enunciado, e por isso, torna-se indispensável na constituição do enunciado, pois ela contribui com a articulação da enunciação. Na enunciação estão presentes a pessoa, espaço e tempo, logo, a debreagem será actancial, espacial e temporal, levando em consideração, que o *eu/tu, aqui e agora*, presentes no enunciado, são pressupostos à pessoa, espaço e tempo.

A debreagem actancial projeta para fora da instância da enunciação um *não eu*, instalando no discurso os parceiros enunciativos compreendidos pelo *eu* e o *tu*, bem como a posição narrativa que compreende o *ele*. A debreagem espacial projeta para fora da enunciação um *não aqui*, fundando no discurso, o espaço objetivo do enunciado e o simulacro do espaço da enunciação. E a debreagem temporal projeta

para fora da instância de enunciação um *não agora*, constituindo no discurso um simulacro do *agora* e o tempo objetivo do enunciado a partir de um marco temporal, passado, presente ou futuro, a qual denomina-se o *tempo de então* (FLORES, 2020). Diante disso, as projeções feitas para fora da enunciação por meio da pessoa, espaço e tempo (*eu, aqui, agora*) determinam o acontecimento enunciativo, como, actanciais, espaciais ou temporais, possibilitando ao enunciatário perceber a presença do eu, mesmo que implícito e situando-o em um espaço e tempo na enunciação.

A debreagem é dividida em dois tipos: a enunciativa e a enunciva. Conforme Greimas e Courtés (1979), a partir do sujeito da enunciação, implícito, porém, produtor do enunciado, pode-se projetar no momento do ato da linguagem ou dos seus simulacros no interior do discurso, a instalação no discurso, tanto os actantes da enunciação, quanto actantes do enunciado. De acordo com o tipo de debreagem usada no enunciado, serão distinguidas duas formas discursivas ou dois tipos de unidades discursivas: a formas da *enunciação enunciada* e o *enunciado, enunciado*.

De acordo com Flores (2020, p. 74), a debreagem enunciativa é o “procedimento de projeção para fora da instância de enunciação e de instalação no enunciado dos parceiros do ato enunciativo compreendidos pelo *eu* e o *tu* do espaço da enunciação e do tempo da enunciação”. Esse tipo de debreagem é caracterizada pela presença dos actantes *eu/tu*, que por sua vez, produz uma narrativa em que o narrador se apresenta como *eu*, e ao mesmo tempo pode também, apontar o interlocutor a qual se refere. Instaura-se também, o espaço do *aqui*, que se organizam a partir do espaço a qual acontece a enunciação, *aí, ali, lá*. E instituem-se também, o tempo, que corresponde ao *agora*, à concomitância e não-concomitância, à anterioridade e posterioridade, no presente da anunciação. Diante disso, inteirados de que a enunciação perpassa pelos diversos gêneros, vejamos no quadro abaixo um exemplo de debreagem enunciativa um texto literário.

Quadro 5 - Exemplo 1 de debreagem enunciativa

<p style="text-align: center;"> Sim, sinos na capela Alguém vai casar Não sou eu nem ela Mas vamos dançar... Sim, como o pôr-do-sol Ninguém vai fazer Que possa durar Sim, se não for pra sempre Vai ficar pra sempre </p>
--

Que a gente lembrar

<https://www.letras.mus.br/oswaldo-montenegro/sim/>

Fonte (MONTENEGRO 2020) Grifos nossos

No trecho da música “Sim”, de Oswaldo Montenegro, há debreagem enunciativa actancial, espacial e temporal. Como podemos perceber, as debreagens não estão demarcadas pelo “*eu, aqui, agora*” explícitos propriamente nestes termos, estão implícitas em outras escolhas enunciativas que representam a pessoa, o espaço e o tempo. A debreagem actancial está marcada por “não sou eu nem ela”, na presença do “*eu*” enunciado que se confirma no verso, “mas vamos dançar”, demonstrando implicitamente na forma verbal “vamos”, um “*eu* e um *tu*”. A debreagem espacial está presente no verso “sinos na capela”, demarcando *aqui/lá* no enunciado. E a debreagem temporal se manifesta em “pra sempre” e “a gente lembrar” remetendo-se ao “*agora*”, tempo de posterioridade no texto. A seguir, o segundo exemplo de debreagem enunciativa.

Quadro 6 - Exemplo 2 de debreagem enunciativa

Vou-me embora pra **Pasárgada**

Aqui eu não sou feliz

Lá a existência é uma aventura.

<https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2017/05/14/>

Fonte (BANDEIRA 1990) Grifos nossos

Nesse exemplo, podemos observar que a pessoa está explícita pelo pronome “me”, que é uma debreagem actancial. O espaço, também explícito pelo aqui e lá, é debreagem espacial, pois Fiorin (2016, p.38) assegura que “todo espaço ordenado em função do aqui é um espaço enunciativo”. Dessa forma, o “*lá*” que se contrapõe ao “*aqui*” é enunciativo, e o tempo, está pressuposto pela conjugação do verbo “vou”, que demarca o tempo a qual o enunciador se refere.

A debreagem enunciativa opera-se nos actantes “*ele*”, no espaço “*algures*” e o tempo “*então*” do enunciado. Nesse tipo de debreagem não há a presença da pessoa *eu/tu* no enunciado, e sim, a não pessoa/*ele*, e por isso, os fatos são narrados em terceira pessoa. Na debreagem enunciativa, de acordo com Flores (2020, p. 74), “instalam-se no enunciado os actantes do enunciado (*ele*), em que cria uma narrativa

em que o narrador se ausenta do enunciado” o que podemos denominar de narrativa em terceira pessoa, como se os fatos se auto narrassem. Instauram-se ainda, os espaços relacionados às narrativas, por exemplo, primeira parte, segundo capítulo de uma obra, são espaços que não estão relacionados ao espaço enunciativo. Diante disso, nesse tipo de debreagem, *ele*, *algures* e *então*, são inseridos no texto, e os actantes, espaço e tempo passam a fazer parte não mais da enunciação, mas do próprio enunciado. Diante disso, a seguir, vejamos um exemplo de debreagem enunciativa no TDC.

Quadro 7 - Exemplo de debreagem enunciativa

Ele era médico cirurgião e obstetra, um especialista em ajudar as mulheres a terem seus bebês. **Estava** muito animado com o novo trabalho, mas o clima **naquele lugar** era tenso: muitas **mães estavam** perdendo a vida por conta de uma febre misteriosa.

<http://chc.org.br/artigo/os-viloes-do-oceano/>

Fonte (CHC 2021) – Adaptado pela autora/Grifos nossos

Com podemos notar, no exemplo temos debreagem enunciativa de pessoa e de espaço. A debreagem enunciativa de pessoa está presente pela presença da não pessoa/*ele*, o médico. O mesmo ocorre com o termo “mães”, que não especifica quem é, mas subentende-se o uso de “elas”, que também está em terceira pessoa. Diante disso, percebe-se um apagamento das marcas enunciativas, pois nesse caso, não há uma pessoa que fala, mas há pessoas de quem se fala. O espaço é marcado por “naquele lugar”, que constitui um “lá”, o *algures*, lugar este que não é o aqui a qual o enunciativo está.

Tanto a debreagem enunciativa quanto a enunciativa geram efeitos de sentido: o de subjetividade e de objetividade (FIORIN 2016). Desse modo, o efeito de sentido da subjetividade é caracterizado pela instalação dos simulacros enunciativos (*ego*, *hic*, *nunc*) e as análises dos fatos. E o efeito de sentido da objetividade, é manifestada pela eliminação das marcas de enunciação, da *enunciação enunciativa*, construindo o discurso apenas com o *enunciado enunciativo*, dando a entender que o texto é narrado por si próprio.

Com isso, é preciso levar em consideração a debreagem interna. Nesse caso, trata-se de um eu “já debreado, seja ele da enunciação ou do enunciado, se torna uma instância enunciativa, que opera, portanto, uma segunda debreagem, que pode

ser enunciativa ou enunciva” (FIORIN, 2016, p. 39). Desse modo, a passagem da palavra de uma instância enunciativa para outra instância, geram as debreagens internas, que por sua vez, produz o diálogo, de modo hierarquicamente organizado. Na debreagem interna, na instauração das categorias de pessoa, espaço e tempo no enunciado um actante já instalado no discurso, seja ele um narrador ou um ator do enunciado, delega a palavra para o outro, operando assim uma debreagem de segundo ou de terceiro grau (FLORES 2020). Observemos no exemplo abaixo, um diálogo entre duas irmãs em que a mais velha, Leleka, não gostava da irmã caçula, Licinha, por ter síndrome de down.

Quadro 8 - Exemplo de debreagem interna de segundo grau

Leleka dizia: “**Eu** odiava ter uma irmã doente. Ela era tão carinhosa que eu sentia até vergonha de falar isso.
 - Não, ninguém sabe, mas é Leleka, esse nome só eu chamo.
 Falava, como se eu tivesse ao seu lado. Eu briguei, não queria ser irmã da doida”.

Fonte: (Autoria própria)

O exemplo citado é de debreagem interna de segundo grau, que conforme Fiorin (2016, p.39), acontece quando “há mais de uma instância de tomada da palavra”, o autor acrescenta ainda, que “a debreagem interna, serve em geral, para criar um efeito de sentido e realidade, pois parece que a própria personagem é quem toma a palavra, e assim, parece ser exatamente o que ela disse”. Nesse sentido, constata-se no enunciado, a presença de duas vozes, sendo a primeira marcada pela voz do enunciatador Leleka “*eu*”, e a segunda voz é identificada com a fala de Licinha, ator do discurso, “Não, ninguém sabe, mas é Leleka, esse nome só eu chamo”, Dessa forma, se constitui uma debreagem interna, ocorrendo mais de uma instância de tomada de palavra dentro do texto, obedecendo uma hierarquia, de forma que o *eu* narrador, passa a palavra pra um interlocutor. Assim, cada vez que uma voz já debreada der espaço para outra voz dentro do enunciado, seja primeira, segunda ou terceira voz, acontecerá uma debreagem, enunciativa ou enunciva. No quadro a seguir temos um segundo exemplo de debreagem interna.⁴

⁴ Exemplo 2 de debreagem interna, o texto é retirado das Fontes Franciscanas e Clarianas, na narração dos Estimas de São Francisco.

Quadro 9 - Exemplo de debreagem interna de segundo

Finalmente, ouviu a voz de São Francisco e, aproximando-se, viu que ele estava de joelhos em oração, com o rosto e as mãos levantados para o céu e, com fervor de espírito dizia: “Quem és tu, ó dulcíssimo Deus meu? Quem sou eu, vilíssimo verme e inútil servo teu?”(...) Quando chegou perto dele, São Francisco perguntou: “Quem és tu?”. E Frei Leão, todo trêmulo, disse: **“Eu sou Frei Leão, meu pai”**. São Francisco: “Por que vieste aqui, frei ovelhinha? Eu não te disse que não me fiques observando? Dize-me, por santa obediência, se tu viste ou ouviste alguma coisa?”. Frei Leão respondeu: “Pai, eu te ouvi falar e dizer muitas vezes: Quem és tu, ó dulcíssimo Deus meu? Quem sou eu, verme vilíssimo e inútil servo teu?”

(TEIXEIRA, 2014. p. 642- 643).

Fonte (FONTES FRANCISCLARIANAS, 2014) Grifos nossos

O contexto a qual o referido texto foi retirado, é da terceira consideração dos sagrados santos estigmas, do livro de Fioretti, que narra a história dos Estimas, em que Leão presencia as interrogações de Francisco à Deus no momento de profunda meditação. No enunciado, temos debreagem enunciativa e enunciativa. A debreagem enunciativa está marcada no texto pela narração em terceira pessoa, que apreça o “*ele*”, e não o “*eu*” que enuncia. Enquanto a debreagem enunciativa actancial é marcada pela presença do “*eu/tu*” ao dizer “Quem és tu, ó dulcíssimo Deus meu? Quem sou eu, vilíssimo verme e inútil servo teu?”. O texto apresenta também debreagem interna de segundo grau, pois acontece mais de uma instância de delegação de voz e é utilizada para criar efeitos de sentido de uma conversa real, dando a impressão de que quem toma a palavra é o próprio personagem, simulando uma interação face a face. Nesse sentido, constata-se no enunciado, a presença de três vozes⁵, sendo a primeira do narrador ao dizer “Finalmente, ouviu a voz de São Francisco e, aproximando-se, viu que ele estava de joelhos em oração, com o rosto e as mãos levantados para o céu e, com fervor de espírito dizia:”. O ato do narrador passar a palavra para a segunda voz no texto, “Francisco”, é demarcada por “com fervor de espírito dizia”, logo, na tomada da palavra da segunda voz, ocorre uma debreagem

⁵ Quanto às vozes presentes no discurso, trata-se da polifonia que é vista como as vozes polêmicas presentes no discurso, e Fiorin (2016, p.54) confirma “a questão da polifonia concerne ao fato de que várias vozes se apresentam no interior de um discurso” e essas vozes podem aparecer objetivadas ou não, e por esse motivo “a polifonia não se confunde com a bivocalidade, que é o fenômeno pelo qual um mesmo enunciado deixa ouvir diferentes vozes”. Nesse contexto, duas questões são postuladas por Fiorin (2016, p.54), a primeira diz respeito “à existência pressuposta e hierarquizada de diferentes níveis de enunciação (...) delegação das vozes; a segunda concerne à responsabilidade pelos enunciados”, e esse tipo de polifonia está presente nos textos literários, particularmente, no romance, para distinguir os níveis enunciativos, utilizado por Bakhtin (2011, p. 360) “se eu narrar (escrever) um fato que acaba de acontecer comigo, já me encontro, como narrador (ou escritor), fora do tempo-espaço onde o evento se realizou”.

de segundo grau. Em seguida, o narrador toma a palavra novamente passando a palavra para segunda voz, que por sua vez, passa a palavra para a terceira voz ao falar: “Quando chegou perto dele, São Francisco perguntou: “Quem és tu?”. E a terceira voz no texto é confirmada pela fala de “Frei Leão” ao responder a interrogação de Francisco “E Frei Leão, todo trêmulo, disse: “Eu sou Frei Leão, meu pai”. Com isso, a primeira voz, já debreada, passa a voz para a segunda e voz, que também já debreada lança a palavra à terceira, acontecendo um diálogo.

O outro mecanismo de instauração do sujeito no enunciado é a embreagem, que segundo Greimas e Courtés (1979, p.140), “é o efeito de retorno à enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria da pessoa e/ou do espaço e/ou do tempo, bem como pela denegação da instância do enunciado”. Assim como a debreagem, temos a embreagem actancial, espacial e temporal. Sobre isso, diz Flores (2020), que a suspensão de oposições das categorias de pessoa, ou de espaço ou de tempo, faz com que se utilize uma pessoa com valor de outra, de um marcador de espaço com sentido de outro, ou de um tempo com significado de outro. No caso da embreagem actancial, vai neutralizar a categoria de pessoa de modo que se use uma pessoa tendo o valor de outra no discurso, conforme o exemplo abaixo.

Quadro 10 - Exemplos de embreagem actancial

Exemplo 1

Um professor no horário do intervalo em que ele foi lanchar com os alunos, e, durante o lanche ele falou para os alunos: O professor está dizendo que o café está bom, e o bolo também.

(Adaptado da fala de um professor)

Exemplo 2

Quando a mãe fala para o filho: A mãe já falou para você não fazer isso.

(Autoria própria)

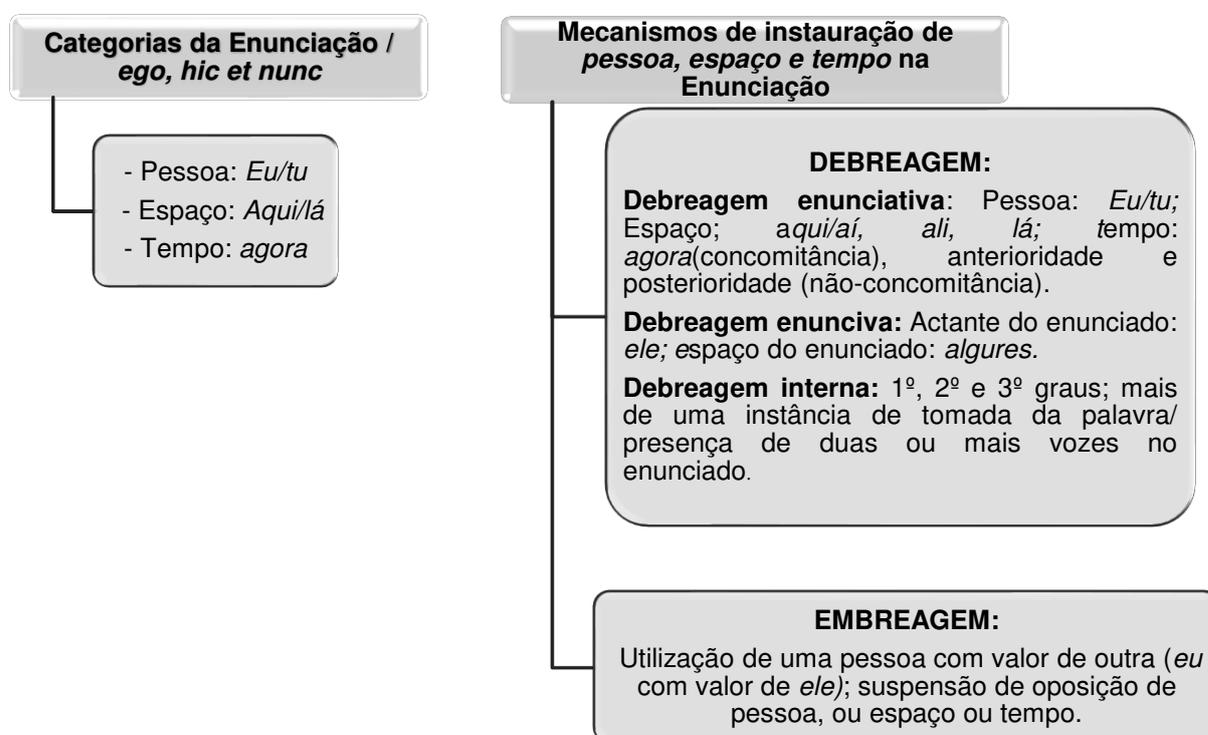
Fonte: (Autoria própria,)

Os enunciados apresentam embreagem actancial enunciativa, pois há uma neutralização da pessoa. No exemplo 1, a neutralização ocorre quando o “professor - eu” que fala, pronuncia como “ele – o professor está dizendo”. E o mesmo ocorre no exemplo 2, quando a mãe que fala, pronuncia “a mãe já falou” ao invés de “eu já falei”. Dessa forma, nos enunciados há um “*e/e*”, que significa “*eu*” evocando uma embreagem enunciativa, pois conforme Fiorin (2016, p. 41), “toda embreagem

pressupõe uma debreagem interior”. Nesse sentido, nos dois exemplos há uma pessoa sendo usada com o valor de outra, por isso, é uma embreagem enunciativa actancial. Assim, da mesma forma que na embreagem actancial ocorre a neutralização da pessoa, a espacial diz respeito a neutralização da categoria de espaço, bem como a embreagem temporal ocorrerá a neutralização do tempo.

Para melhor compreensão sobre os mecanismos da enunciação, elaboramos um quadro representativo das categorias de pessoa, espaço e tempo, e dos mecanismos da enunciação.

Figura 4 - Categorias de pessoa, espaço e tempo, debreagem e embreagem



Fonte: (Elaborada pela autora)

Diante dos pressupostos teóricos abordados sobre as categorias e os mecanismos da enunciação, podemos afirmar que esses mecanismos, debreagem e embreagem, produzem efeitos de sentido no discurso e o narrador pode projetar-se ou distanciar-se do enunciado e “simular uma concomitância dos fatos narrados com o momento da enunciação ou apresentá-los como anteriores ou posteriores a ele; presentificar o pretérito; enunciar um *eu* sob a forma de um *ele*” (FIORIN, 2016, p. 47). Nessa perspectiva, afirma-se que os efeitos de sentido produzidos no discurso pelos

mecanismos da enunciação, dão ênfase ao enunciado, distinguindo a pessoa, espaço e tempo no ato enunciativo e são categorias carregadas de complexidade, reafirmando que a pessoa, espaço e tempo são categorias que transformam a língua no ato do discurso. Sendo o *eu* o ser que enuncia, o *tu* a pessoa a quem o “*eu*” se direciona no ato discursivo, o *aqui* é lugar em que o “*eu*” se encontra no momento enunciativo, e o *agora*, é o tempo a qual a enunciação se refere.

Nesse raciocínio, os mecanismos de enunciação são responsáveis pela instauração da categoria de pessoa, espaço e tempo no enunciado. Categorias essas, que são interpretados como referência na situação enunciativa, compreendidos como marcas actanciais, espaciais e temporais presentes no enunciado. Embora apresentados os elementos linguísticos de pessoa, espaço e tempo, para esta pesquisa nos deteremos somente à categoria de pessoa. Desse modo, na próxima seção, discutiremos sobre a categoria de pessoa na enunciação, que é a categoria responsável pela instalação do sujeito no discurso.

1.4 A categoria de Pessoa na Enunciação

Ao falar da categoria de pessoa na enunciação, vale lembrar da subjetividade que se faz presente no discurso de modo explícito ou implícito. Benveniste (1988), conceitua a subjetividade como a capacidade do locutor para se propor como sujeito no discurso. Essa capacidade dá ao sujeito a condição da linguagem, pois, é nela e por ela que o homem se constitui como sujeito. Com tal pensamento, a ideia de que a linguagem ao ser usada como instrumento de comunicação passa a ser criticada, suscitando um questionamento: Se a linguagem é instrumento de comunicação, a que deve ela essa propriedade? (*Ibid.*). Acerca dessa inquietação, afirma ainda o autor, que duas razões surgem sucessivamente: uma consistiria que a linguagem se encontra de fato, assim empregada, porque os homens não encontram um meio melhor e eficaz de comunicar-se, e a outra é que a linguagem apresenta disposições que a torna apta a servir de instrumento.

Nesse sentido, utilizar a linguagem como instrumento, é coloca-la à oposição o homem com a natureza, afirmando que a linguagem está na natureza do homem, pois, “não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca

inventando-a". (*Ibid.* p. 285). Sendo assim, é inconcebível a ideia de que o homem é reduzido a si mesmo procurando conceber a existência do outro, mas a existência se dá à medida que um homem interage com outro homem, juntos, na linguagem, encontram sua definição e sentido, alocando-se como sujeito.

A partir da ideia de linguagem que propõe ao indivíduo o *status* de sujeito na comunicação, surge a existência do "eu/tu", porque somente a linguagem é que fundamenta na realidade do ser, o "conceito de 'ego'" (*Ibid.* p. 286), afirmando que o indivíduo necessita do outro para se tornar um ser de linguagem. Nesse sentido, a subjetividade tratada por Benveniste, além de consistir na capacidade do locutor se propor como sujeito, consiste também na capacidade psíquica de transcender a conjunto de experiências vividas, experiências essas, que vão afirmar e assegurar a permanência consciente do sujeito. Portanto, a subjetividade pode ser apresentada fenomenologicamente ou psicologicamente, sendo que ela é a "emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem" (*Ibid.* p. 286), pois, é o *ego* que diz *ego*, o "eu" que digo "eu". E nesse dizer, fundamenta-se a subjetividade, que é determinada pelo *status* linguístico da pessoa, por essa razão, é que o uso da subjetividade no estudo sobre linguagem e sentido é indispensável.

Segundo Benveniste (*Ibid.*) a condição do homem na linguagem é única, e a linguagem humana se dá pela interação, e exige a presença do outro. No TDC, por exemplo, a subjetividade é instaurada no enunciado pela presença da categoria de pessoa na enunciação, pois há um "eu" pressuposto ou não, que se dirige a um "tu", e nisso, consiste a presença do sujeito no enunciado. Desse modo, a noção de si próprio se dá pelo contraste, porque ao se empregar "eu" imagina-se que este "eu" se dirige a alguém, que por sua vez, se torna o "tu" na elocução. Essa condição de diálogo é constitutiva e necessita de reciprocidade para a sua concretização, sem essa reciprocidade e interação não há comunicação, pois para Benveniste (1989, p.87), "o que caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginário, individual ou coletivo". Em virtude disso, é perceptível que a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, e remete-se como "eu" no próprio discurso. Assim sendo, o "eu" pressupõe outra pessoa além de mim, uma pessoa que está no meu externo, e ela se torna uma espécie de voz, que a chamo de "tu", e esta voz também me diz "tu", e nessa troca de tomada da palavra, nenhum dos dois termos se concebe sem o outro, são complementares e ao

mesmo tempo reversíveis, partindo da oposição do interior e exterior no processo de enunciação.

A linguagem é profundamente marcada pela subjetividade, a presença do “*eu*” mesmo que de forma impessoal, está intrinsecamente presente no discurso e na escrita do sujeito. É inaceitável uma língua sem a expressão da pessoa (BENVENISTE, 1988), é a expressão própria de cada pessoa que fala, que dá sentido ao dito, expressadas da dimensão do “*eu*” e entendida na dimensão do “*tu*”. Dessa forma, o uso dos “pronomes pessoais” não pode faltar em nenhuma língua, independentemente do tipo, época ou região a qual essa língua esteja inserida. Um conceito de “*eu*” não engloba todos os locutores, a todo momento vários “*eu*” estão com a palavra, portanto, cada “*eu*” remete seu próprio conceito. O “*eu*”, nesse contexto, se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser no que se configura como instância de discurso, cuja referência é atual (*Ibid.*). E, é na instância do discurso que o “*eu*” se designa como locutor, e se enuncia como sujeito. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a subjetividade se fundamenta no exercício da língua, e ao exercitar a língua a colocamos em funcionamento, e nisso consiste a enunciação.

A forma de organização da linguagem permite o locutor apropriar-se da língua quando este se designa como “*eu*”. O ponto de partida para identificar a subjetividade na linguagem são os “pronomes pessoais” porque desses pronomes dependem outras classes gramaticais que também compõem o status do sujeito, a saber: demonstrativos (tempo, espaço e discurso) advérbios (temporalidade), adjetivos (caracterização), que são considerados indicadores da *déixis*, e são utilizados para organizar as relações de espaço e tempo, tendo como referência o próprio sujeito no uso do “isto, aqui, agora” e das correlações “isso, ontem, amanhã” (*Ibid.* p. 289). Vale lembrar, que esses elementos se definem mediante à relação da instância de discurso que são produzidos sob a dependência do “*eu*” que “*a*” se enuncia.

A partir do “*eu*” pode-se conceber a noção de temporalidade dentro do contexto da subjetividade, toda e qualquer língua utiliza a noção de tempo, e há uma organização linguística voltada para a temporalidade, mesmo que cada língua possuindo sua própria estrutura, todas elas distinguem passado, presente e futuro. Desse modo, “a temporalidade humana com todo seu aparato linguístico revela a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem” (*Ibid.*), e a linguagem, é a possibilidade de manifestação da subjetividade. Assim, a subjetividade está presente

no enunciado, mesmo que este siga regras gramaticais específicas para não deixar visível a presença do enunciador, mas ainda assim, ela se faz presente na escrita por meio das impressões de quem escreve. E a categoria de pessoa na enunciação, deixa claro que a subjetividade se faz presente nos enunciados por meio do “*eu*” e do “*tu*”, deixando marcas enunciativas no enunciado.

Diante disso, a categoria de pessoa é fundamental para o processo enunciativo, pois o espaço e o tempo na enunciação dependem do eu que enuncia. Para Benveniste(1991), a categoria de pessoa possui a correlação de personalidade, em que “*eu* e *tu*” é a pessoa e “*ele*” é a não-pessoa, sendo que a primeira que se constitui a partir da segunda é subjetiva, e a segunda é a não subjetiva. Quanto a isso, vale lembrar, que é a situação enunciativa que vai explicar o que é pessoa e o que é não pessoa. A situação do enunciado explicará também que a terceira pessoa não será explicitada na situação, e sim, no contexto.

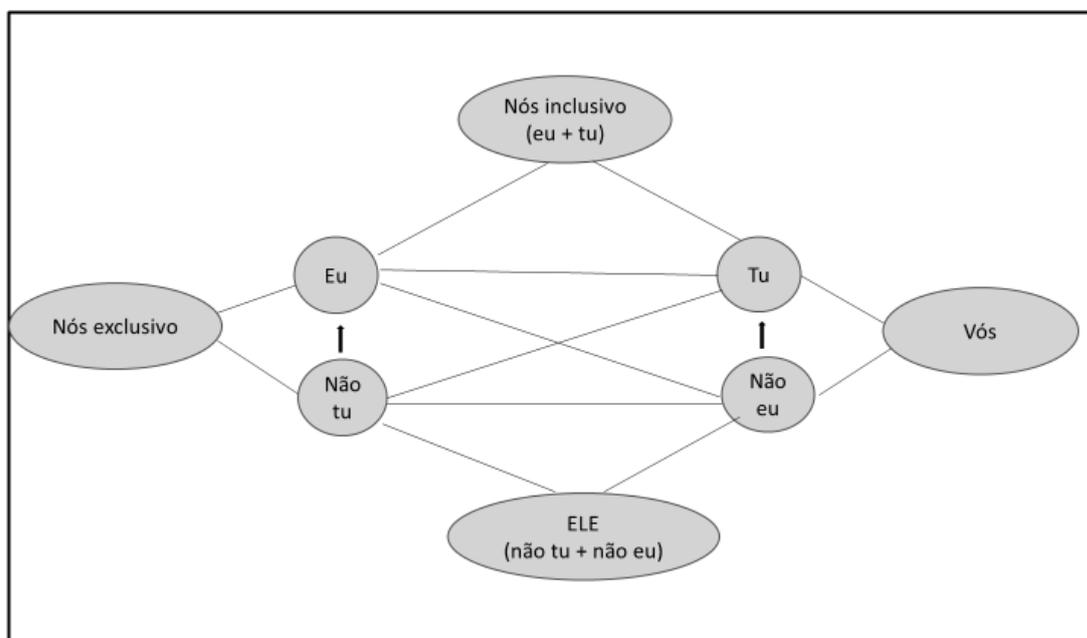
Benveniste (1991, p.250) postula que “a forma dita de terceira pessoa comporta realmente uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não referida a uma ‘pessoa’ específica”. Com isso, constata-se que a terceira pessoa assume uma posição especial na conjugação do verbo, mostrando que a primeira, segunda e terceira pessoa não assumem o mesmo papel no discurso, e em outras línguas, sempre é a terceira pessoa que é empregada quando a primeira e segunda não é apresentada. Sendo assim, “a terceira pessoa é única pelo qual uma coisa é predicada verbalmente” (BENVENISTE 199, p.253), e isso afirma que existem características comuns da primeira e segunda pessoa que as diferenciam da terceira, pois “*eu/tu*” são únicos enquanto o “*ele*” pode não ter sujeito e ao mesmo tempo ser uma infinidade de sujeito, bem como o “*eu/tu* podem reverter-se na situação enunciativa, enquanto o ele não pode ser revertido” (FIORIN, 2016, p.51). E, por isso, a terceira pessoa, por ser única, assume uma posição especial no discurso.

O autor assegura ainda, que, a forma de instituir os atores no discurso é constituída por ações combinadas, que se manifestam sintaticamente e semanticamente, e a debreagem e embreagem, já discutidos na seção anterior, são os mecanismos sintáticos discursivos que se instalam no enunciado da pessoa, que após tematizada e figurativizada se transforma em ator do discurso. Nesse sentido, é importante conhecer a pessoa que se instala no discurso, pois pela demarcação desses atores no discurso, percebem-se os mecanismos sintáticos discursivos presentes no enunciado, pois como afirma Fiorin (2016, p.52):

Eu: quem fala, eu é quem diz eu;
 Tu: aquele com quem se fala, aquele a quem o eu diz tu, que por esse fato se torna o interlocutor;
 Ele: substituto pronominal de um grupo nominal, de que tira a referência, actante do enunciado, aquele de que eu e tu falam;
 Nós: não é a multiplicação de objetos idênticos, mas a junção de um eu com um não eu;
 Vós: um vós é o plural de tu (dêitico) e outro é um vós, em que ao tu se juntam ele ou eles;
 Eles: pluralização de ele.

Diante das pessoas “eu, tu, ele, nós, vós, eles”, apresentadas por Fiorin, os pronomes pessoais exprimem as pessoas do discurso, demarcando quem, a quem, aquele com quem se fala, referenciando-os no discurso. Vale lembrar, que pessoas enunciativas são aquelas que participam do ato comunicativo, “*eu*” e “*tu*”, e pessoa enuncivada é a que pertence ao domínio do enunciado, “*ele*”. Para explicar as pessoas na enunciação, Fiorin (2016, p.52) apresenta o seguinte esquema:

Figura 5 - Representação das pessoas na enunciação



Fonte: (FIORIN 2016) Adaptada pela autora

Diante do quadro apresentado por Fiorin (2016), podemos afirmar que “*ele* (não tu + não eu)”, não participam do ato comunicativo, logo é enuncivado, pois não há alternância de turno com o “*eu*” que enuncia. O “*ele*” no processo comunicativo, não

diz “*eu*” por meio da linguagem, e por esse motivo, podemos dizer que “*e/e*” é a não pessoa, pois se trata de quem se fala e não quem fala. E segundo Crestani (2010, p.58), as demais pessoas constituem pessoas no ato enunciativo e “são enunciativas porque englobam um EU que fala e o TU a quem se fala: Nós, sempre inclui o falante, (EU); VÓS sempre inclui o ouvinte (TU)”. Para melhor entendermos sobre pessoa e não pessoa, vejamos o exemplo a seguir:

Quadro 11 - Exemplo de não pessoa “*e/e*”

“Quem antes afiançar que **essa moça** não se conhece senão através de ir vivendo à toa. **Se tivesse** a tolice de **se perguntar** “quem sou eu?” **Cairia** estatelada em cheio no chão. (...) Provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto. **A pessoa** de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham” (LISPECTOR, 1998, p. 20).

Fonte (LISPECTOR, 1998) Grifos nossos

Esse trecho tem como marca a enuncividade de pessoa, pois podemos observar que o enunciador não se projeta no texto, mas dá espaço para o narrador que se apresenta como terceira pessoa e fala de um “*e/e*” que não está explícito no enunciado, esse “*e/e*”, podemos identificar por meio de “*essa moça - ela*”, “*se tivesse – se ela*”, “*cairia – ela*”, “*a pessoa*”. Agora vejamos outro exemplo em que aparece *eu/tu*.

Quadro 12 - Exemplo de pessoa “*eu/tu*”

Você faz regime para emagrecer, menina? Macabéa não soube o que responder.
 – **O que é que você come?**
 – Cachorro-quente.
 – Só?
 – **Às vezes como sanduíche de mortadela.**
 – Que é que você bebe? Leite?
 – Só café e refrigerante.
 – Que refrigerante? — perguntou ele sem saber o que falar. À toa indagou:
 – Você às vezes tem crise de vômito?
 – **Ah, nunca! Exclamou muito espantada, pois não era doída de desperdiçar comida, como eu disse.**

Fonte (LISPECTOR, 1998) Grifos nossos

Nesse trecho, a narrativa é em torno de uma consulta que Macabéa faz ao médico e há um diálogo entre as duas, marcando novamente diferentes vozes na

narrativa. É possível notar a presença do actante “*eu*” implícito na fala de Macabéa “às vezes como sanduíche de mortadela”, que delega a voz a um “*tu*” na fala do médico. Como os actantes “*eu*” e “*tu*” são reversíveis na comunicação, à medida que o médico fala e Macabéa escuta, ele torna-se o *eu* e ela se torna o *tu*, quando há a inversão das falas, ela passa a ser o *eu* e ele se torna o *tu*. Nesse caso, podemos dizer que as pessoas que aparece no enunciado são pessoas enunciativas, pois tem um *eu* que fala e um *tu* a quem se fala. A partir desses dois exemplos, podemos perceber que a categoria de pessoa gera efeito de proximidade e subjetividade com o uso da primeira pessoa “*eu/tu*”, e de distanciamento e objetividade pelo uso da terceira pessoa “não pessoa- *ele*”.

Diante do aparato teórico sobre a teoria da enunciação discutidos neste capítulo, podemos perceber que todo ato de fala está inserido em um contexto enunciativo e produz um enunciado, seja oral ou escrito. E no enunciado ficam marcas enunciativas, que dependendo das escolhas linguísticas, lexicais e sintáticas utilizadas na constituição do enunciado, podem gerar efeitos de sentido de proximidade e distanciamento, subjetividade e objetividade entre enunciador e enunciatário. Para isso, existem mecanismos responsáveis pela instauração desses efeitos de sentidos no enunciado, de modo que a subjetividade aproxima o destinador do destinatário por meio de marcas enunciativas que geram efeitos de sentido de oralidade, de realidade, de verdade nos enunciados, e a objetividade gera distanciamento.

Por isso, partindo dessas marcas enunciativas com características orais em textos escritos, daremos continuidade à pesquisa, discutindo no capítulo dois, sobre as marcas da oralidade em textos escritos, cuja ênfase será em discorrer sobre as características gerais sobre o texto falado e o texto escrito, sobre o texto falado e o texto escrito na perspectiva do *continuum* e sobre os efeitos de sentido de marca de oralidade em textos escritos, mostrando que tanto a fala (enunciação) quanto escrita (enunciado) estão interligadas, de modo que a fala pode ter características de textos escritos, bem como na escrita pode ter marcas orais.

2 MARCAS DA ORALIDADE EM TEXTOS ESCRITOS

Após a discussão sobre enunciação, neste capítulo, teceremos discussões sobre as marcas de oralidade em textos escritos, e deixamos claro, que ao falarmos em marcas de oralidade em textos escritos, falamos de efeitos de sentido de oralidade, de um simulacro de realidade da fala que são produzidos por certos recursos linguísticos utilizados na construção do texto escrito, que evocam características específicas de interações faladas. Para isso, na seção 2.1, como ponto de partida, discutiremos sobre as características gerais sobre o texto falado e o texto escrito. Em seguida, na seção 2.2, abordaremos o texto falado e o texto escrito na perspectiva do *continuum*, levando em conta o contexto enunciativo, confirmando que todo ato de fala provém de uma enunciação, que produz um enunciado oral ou escrito. Por isso, oralidade e escrita devem ser vistas como atividades interativas e complementares inseridas em um contexto enunciativo, de práticas socioculturais, e não mais como atividades estanques e dicotômicas. Para tanto, na seção 2.3, discorreremos sobre os efeitos de sentido de marca de oralidade em textos escritos, visto que em enunciados escritos podem ser usados certos recursos da linguagem que caracterizam a oralidade como efeitos de sentido de oralidade.

2.1. Características gerais sobre o texto falado e sobre o texto escrito

A fala e a escrita são as duas formas de uso da língua mais utilizadas para as relações sociointeracionais do ser humano. Marcuschi e Dionisio (2007, p. 14) postulam que “a língua é um dos bens sociais mais preciosos e mais valorizados por todos os seres humanos em qualquer época, povo e cultura”. Por meio dela, pode-se organizar formas de vida, individual ou social, adquirir conhecimentos, ser inserido na sociedade, pois ela está diretamente ligada às ações coletivas praticadas pelo homem dentro da sociedade, e além disso, é uma herança social deixada às novas gerações.

Diante disso, os usos que fazemos da língua são ricos e diversos, mas nem por isso podemos utilizá-la de qualquer modo, pois, fala e escrita seguem uma organização própria que possibilita a compreensão e socialização. Nesse sentido,

Marcuschi e Dionisio (2007) esclarecem que toda língua tem um vocabulário, uma gramática e algumas normas devem ser observadas na produção dos gêneros textuais de acordo com as normas sociais, e também, de acordo com as necessidades cognitivas adequadas à situação concreta de uso e aos interlocutores. Para disso, as normas estabelecidas para os usos da língua precisam ser observadas para que seja feito o uso adequado de cada modalidade.

Segundo Perini (2004), a manifestação básica e fundamental da língua é a fala, que é advinda da tradição linguística social que cada indivíduo traz consigo por meio de suas experiências dos grupos sociais que estão inseridos, pois o falante de uma língua aprende primeiro a falar e depois a escrever. Por isso, a oralidade está intrinsecamente ligada a escrita, mesmo que por vezes essas marcas orais sejam implícitas nos enunciados escritos, em decorrência dos contextos enunciativos e de usos da língua.

A oralidade e a escrita são práticas linguísticas que se concretizam em enunciados orais ou escritos, e provém de uma enunciação. Nesse sentido, tanto a oralidade quanto a escrita, são utilizadas em situações concretas de uso da língua, de modo que cada uma dessas modalidades, dentro de seu próprio contexto de uso apresentam suas particularidades. Marcuschi e Dionisio (2007) elencam que a oralidade nunca desaparecerá e sempre estará e será, ao lado da escrita, um meio de expressão discursiva e de atividade comunicativa. Desse modo, a oralidade tem sempre seu lugar, mesmo em enunciados escritos, e se formos observar as duas modalidades de forma paralela, iremos perceber que a proximidade e relação entre a fala e escrita, de acordo com Perini (2004) é mais complexa do que se dão a entender. Diante disso, percebe-se que fala e escrita se completam, e juntas favorecem melhor desenvolvimento e funcionamento da língua, de modo que tanto fala quanto escrita apresentam suas características próprias, desde o ato enunciativo à produção do enunciado.

Para Marcuschi (2010), a oralidade é uma prática social de interação para fins comunicativos que se apresenta de diversas formas e são fundados na realidade sonora, que vai desde uma realização mais informal à mais formal nos variados contextos de uso, e é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra forma de comunicação ou tecnologia. Com base nessa afirmação, a oralidade sempre será a porta de entrada de inserção à racionalidade e a identidade social e grupal dos indivíduos. Por isso, não se deve olhar primeiramente para as regras e

estrutura da língua, mas para seus usos, pois são os usos que fazemos da língua que determinam as variações e diversas manifestações linguísticas existentes. Como manifestação de prática, a fala é adquirida de forma espontânea nos diversos contextos informais, nas relações dialógicas e sociais do cotidiano. Tais práticas, são instauradas desde os primeiros gestos e sinais comunicativos do nascimento do homem, pois, de acordo com Marcuschi (2010), o aprendizado, bem como o uso da língua natural é uma forma de o indivíduo inserir-se e socializar-se na sociedade.

Nesse contexto, é comum, ao se falar em oralidade, pensar em uma comunicação por meio da fala, particularmente a interação face a face, uma conversa, envolvendo o sujeito que fala e o que escuta. E isso, segundo Hilgert (2011, p. 172), “acontece quando ao menos dois indivíduos se encontram e, a partir desse encontro, sem preparação prévia, iniciam um diálogo sobre um tema de interesse comum naquele momento”. Essa comunicação se dá de forma espontânea, sem um planejamento de um discurso oral, mas que ocorre obtendo o principal objetivo: a comunicação.

A fala se dá em tempo real condicionada à situação de produção, num dado tempo e espaço bastante diverso do contexto de produção da escrita. De acordo Schank e Schwitalla (1980), explica Hilgert (2007) que para um texto ser considerado de língua falada precisa atender simultaneamente as seguintes exigências:

- ser uma formulação *ad hoc* livre, sem preparação detalhada anterior;
- consistir numa fala em situação face a face, de maneira tal que tempo e lugar de produção e recepção coincidam;
- consistir numa fala em situação natural, na qual a atividade de fala em si mesma não é objeto de observação;
- ocorrer na ausência de observadores, não participantes da atividade de fala, os quais possam exercer uma influência inibidora sobre a interação dos falantes.

Diante dessas condições de produção, pode-se afirmar que o texto falado é uma conversação espontânea realizada entre dois sujeitos que se dá pela alternância dos turnos- interação entre falante e ouvinte de maneira sequenciada. Os turnos se formam pela interação responsiva de diálogo entre ouvinte e falante, que tomam a palavra para juntos construir um sentido no enunciado.

Na medida em que os turnos vão se alternando em meio às condições de produção, surge um texto que vai sendo planejado à medida que vai se constituindo.

Por isso, em texto falado comumente encontram-se problemas de formulação como a descontinuidade, pausas, hesitação, desvios, reinícios, alternâncias, repetições e correções. Esses problemas podem ocorrer também nos textos escritos, mas “é no texto falado, na conversação, que eles costumam aparecer com mais intensidade” (CRESTANI 2010, p. 41), pois no processo de produção do texto escrito as pausas, a procura pelo melhor termo, as incorreções, as correções, as hesitações pelo processo de enunciação se apagam.

Hilgert (2007, p. 72) apresenta um exemplo que elenca fortemente a produção do texto falado que está se constituindo em tempo real, num dado tempo e espaço.

Doc. e:: além desses jantares dançantes festas a senhora vai a alguma outra festividade?

[

Inf. a h : :também ()... quando (tenho que ir)... sempre é em função dessa sociedade que meu marido está já está há dez anos... assim:: na diretoria... uma vez ele era tesoureiro... outra vez vice-presiDENTE outra:: agora ele é::... eu disse vice-presidente ainda agora né? Mas não vice-presidente é o outro... ele FOI no ano passado... **ele é:: como é que se diz a pessoa que cuida do CLUbe... que toma:: não é ecônomo é o que toma conta assim do::... dessa parte:: que ele tem que cuidar das Obras tudo**

Doc. diretor patrimonial...

Inf. di/diretor:: do patrimônio.. é isso... né? E então a gente:: quando tem também... esses encontros que chamam-se regionais... porque teve esse encontro mundiAL né? (HILGERT 1997, p. 98).

No enunciado, pode-se observar a ausência de planejamento e a constituição do texto em tempo real em uma interação face a face prototípica do texto falado, projetado no produto da própria produção que se dá de forma espontânea. Segundo Hilgert (2007, p. 73), isso ocorre pelos “traços de alternância de turnos, as perguntas dirigidas por um interlocutor ao outro, os sinais do falante do tipo “né”, que vão marcar o caráter dialogal e a interação face a face”. Isso comprova-se no texto pela fala do documentarista e do informante (Doc. e:: além desses jantares dançantes... Inf. a h : :também ()... quando (tenho que ir)... e também pelo trecho em destaque (**não é ecônomo é o que toma conta assim do::... dessa parte:: que ele tem que cuidar das Obras tudo**) que na ausência de palavras no próprio andamento do discurso, há uma fala do documentarista inserindo (**Doc. diretor patrimonial...**) complementado a fala da informante (**Inf. di/diretor:: do patrimônio.. é isso... né?**) tornando-se parte do discurso. Além disso, um sinal do falante “né” está presente no texto caracterizando a oralidade. Ainda são encontrados no texto, explicita Hilgert (2007), os alongamentos vocálicos, as pausas (sinais de [::] e [...]), as interrupções, os

abortamentos sintáticos, as correções, todos apontam para a simultaneidade da formulação e do planejamento do texto.

Nesse sentido, observa-se que na alternância dos turnos entre o documentarista e o informante há dois sujeitos que constroem o enunciado simultaneamente, um “*eu* e um *tu*” em um determinado tempo e espaço “*aqui e agora*” no momento da enunciação. Com isso, observa-se no texto que a constituição do texto falado possui características próprias e ocorrem de acordo com suas condições de produção, e, colabora nas estratégias de produção. Mesmo reconhecendo a inegável importância da escrita para a sociedade, e sendo vista como a linguagem de mais prestígio nas civilizações “letradas”, pode-se afirmar que a oralidade nunca deixará de existir e sempre caminhará junto à escrita, pois ambas são as duas grandes formas de expressão comunicativa do ser humano.

No que concerne à escrita, Marcuschi (2010) diz que:

(...)a escrita seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especialidades materiais e se caracteriza por sua constituição gráfica, embora envolva recursos de ordem pictórica e outros (...). Pode-se manifestar pela escrita alfabética (...). No geral nunca há “escritas puras”, trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar à fala (MARCUSCHI, 2010, p. 26).

Baseado nessa afirmação, a escrita é um complemento da fala e não uma modalidade de uso isolado. A prática da escrita se constitui pela grafia, mesmo envolvendo outros recursos linguísticos. E para chegar à essa prática, necessita letramento. E, em uma sociedade pautada por padrões formais de letramentos, a escrita é indispensável no cotidiano, e tornou-se também, essencial para vivermos no mundo moderno. Isso se dá não por ser mais importante que a fala, mas pela forma que se implantou na sociedade, chegando a um elevado grau de desenvolvimento, educação e poder.

A escrita não representa a fala, porque no texto escrito não se pode produzir as expressões, os gestos, os movimentos do corpo assim como o texto falado expressa. No entanto, afirma ainda Marcuschi (2010), que a escrita apresenta recursos próprios como, tamanho e tipo de letra, cores e formatos, elementos pictóricos dentre outros, que não estão presentes no texto oral. Desse modo, é perceptível que cada um possui suas próprias características, não se pode negar a semelhança que há entre seus produtos, pois ambas podem expressar as mesmas

intenções (BOTELHO, 2012), uma vez que a seleção de elementos linguísticos, tanto da fala quanto da escrita, se dá a partir de um mesmo sistema da língua, e por esse motivo, apresenta diversas possibilidades do uso de itens comuns em ambas as modalidades.

A escrita, para Marcuschi (2010), por ser pautada pelo padrão, não é estigmatizadora e não serve como fator de identidade individual ou grupal, porque tanto oralidade quanto escrita são práticas sociais e não duas propriedades diversas da sociedade. Diante disso, sendo a oralidade e escrita práticas sociais, vale acrescentar que a oralidade pode existir sem a escrita, no entanto, a escrita não pode existir sem a oralidade, pois a existência dos textos escritos necessita do uso da linguagem oral para fundamentar-se. Por isso, comumente serão encontrados traços de um uso em outro. Nessa perspectiva, percebemos que tanto o texto oral quanto o texto escrito são práticas de usos da língua e apresentam características próprias, e são utilizadas na sociedade de modo que cada uma dessas práticas tenha a sua devida importância.

Postas as principais características do texto falado e do texto escrito, discorreremos na próxima seção, sobre o texto falado e o texto escrito na perspectiva do *continuum*, e veremos que mesmo se tratando de modalidades de uso da língua diferentes, a fala e a escrita não são dois sistemas linguísticos, e não dicotômicas, mas são duas formas de uso da língua que se complementam.

2.2 O texto falado e o texto escrito na perspectiva do *continuum*

A linguagem oral e a linguagem escrita são as duas principais formas de comunicação humana e, mesmo que sejam usadas em contextos e formas diferentes, ambas, apresentam semelhanças. Embora por muito tempo, oralidade e escrita, tenham sido estudadas pelo ângulo da dicotomia, considerando a oralidade como dialogada e a escrita como monologada, hoje podem ser vistas dentro de um *continuum*, como “atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais” (MARCUSCHI 2010, p. 16), cujos usos dessas práticas são considerados aspectos fundante da língua.

Mas se formos comparar fala e escrita de forma dicotômica, teremos duas formas de uso totalmente distintas, pois, Perini (2004) afirma que há duas formas de analisar a fala e a escrita, ressaltando que de modo geral, a escrita é considerada a correta, mais bonita; enquanto a oralidade é conceituada como cheia de erros, falhas, conhecida como inculta. De modo geral, olhando para a fala e escrita dicotomicamente, perceberemos que as características e diferenças mais atribuídas entre essas duas modalidades, segundo Koch (1992), Marcuschi e Dionísio (2007) e Marcuschi (2010) são⁶:

Quadro 13 - Dicotomia entre fala e escrita

Fala	Escrita
Não-planejada	Planejada
Fragmentária	Completa
Predominância de frases curtas, simples ou Coordenadas.	Elaborada
Pouco uso de passivas	Predominância de frases completas
Contextualizada	Descontextualizada
Dependente	Autônoma
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Imprecisa	Precisa
Não normatizada	Normatizada
Dependente	Autônoma
Imprecisa	Precisa
Concreta	Abstrata

Fonte (KOCH 1992; MARCUSCHI E DIONÍSIO 2007; MARCUSCHI 2010) Adaptado pela autora.

Conforme explicitado no quadro, analisar fala e escrita de formas dicotômica, leva-se em conta apenas o planejamento, verbalização e estrutura da língua, separando forma e conteúdo, tornando-as estanques, deixando de lado as características dos textos produzidos, os usos discursivos da língua nos diversos contextos e condições de produção, e a própria produção textual. Essa realidade de analisar fala e escrita separadamente, perdurou por muito tempo, e isso causava distanciamento entre esses dois usos da língua.

⁶ Quadro de demonstração das diferenças entre fala e escrita – Adaptado pelo autor baseado em Koch (1992), Marcuschi e Dionísio (2007) e Marcuschi (2010).

Percebendo que os estudos dicotômicos entre oralidade e escrita não contemplavam vários aspectos relevantes dos usos da língua, aponta Marcuschi (2010, p.27), que muitos estudiosos debruçaram-se aos estudos entre fala e escrita na perspectiva do *continuum*, como, “Chafe (1982, 1984 e 1985), Tenner 1982,1985), Gumperz (1982), Biber (1986, 1995), Blanche-Benveniste (1990), Halliday /Hasan (1989), que perceberam as relações entre fala e escrita dentro de um contínuo”, seja no âmbito tipológico ou da realidade cognitiva e social. Com isso, passou-se a considerar os usos da língua e também, as diferentes estratégias de planejamento das modalidades; as diferenças dos gêneros fundados nas condições de produção; as dimensões significativas de variação linguística; a relação entre os gêneros e o contínuo tipológico; a complexidade estrutural das modalidades e um maior ou menor envolvimento dos interlocutores (BOTELHO 2004). Desse modo, olhando por esse novo ângulo, oralidade e escrita não são distintas, pois ambas tomam posse da língua como sistema linguístico e, isso, as tornam semelhantes.

Nessa perspectiva, podemos observar que a escrita é utilizada em paralelo com a oralidade em diversos contextos sociais do cotidiano, tais como, a escola, o trabalho, atividades simples e burocráticas, atividades intelectuais, relacionamento familiar, atividades corriqueiras, dentre outras diversas formas de utilização. Em cada contexto, as motivações e objetivos de uso são diferentes, pois cada um se dá em contextos de produções distintas. Nesse sentido, há uma fusão de escrita e contexto em paralelo com a oralidade, porque em cada um desses contextos, a escrita não será usada da mesma maneira por todas as pessoas que fazem parte desse mesmo contexto, cada um, dependendo da função que ocupar, utilizará a escrita para fins diferentes. Assim, afirma Marcuschi (2010), a escrita torna-se uma prática comunicativa relevante e muito proveitosa em vários sentidos.

Com base nisso, podemos observar que na realidade atual da sociedade, a oralidade e a escrita são essenciais em todos os contextos de uso, e é utilizada pela maioria dos falantes, de modo que o papel de cada um desses usos é claro e preciso e não são confundidos pelos usuários. Nessa perspectiva, pode-se constatar que oralidade e escrita possuem uma forma própria de funcionamento e cada uma ocupa um importante papel na sociedade. Com base nisso, confirma-se que a oralidade e a escrita não devem ser estudadas de forma dicotômica, mas *num continuum*, conforme explicita Marcuschi (2010):

As relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado num *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua. Também não se pode postular polaridades estritas e dicotomias estanques (MARCUSCHI 2010, p.34).

Com base nisso, ao olhar ambas as modalidades *num continuum* não percebemos diferenças entre oralidade e escrita, uma vez que as duas pertencem ao mesmo sistema linguístico e, nesse âmbito, serão considerados os textos informais como prototípico da linguagem oral e textos formais como prototípico da linguagem escrita. E, em conformidade com Marcuschi (2010, p. 35), “assim, como a fala não apresenta propriedades intrínsecas negativas, também a escrita não tem propriedade intrínseca privilegiada”. No entanto, se essas modalidades forem avaliadas a partir de seus prototípicos e particularidades, aí sim, serão encontradas grandes diferenças, pois oralidade e escrita apresentam características, particularidades e processos de funcionamento distintos. Com isso, vejamos no quadro abaixo, um recorte de um artigo da revista Ciência Hoje da Crianças para exemplificar essa presença da oralidade em texto escrito.

Quadro 14 - Uso da oralidade no texto escrito

<p>Que Mistura é essa?</p> <p>Vamos montar um quebra-cabeça de palavras. Pegue ‘eco’ (= casa), junte com ‘toxi’ (= tóxico) e, por último, acrescente ‘logia’ (= estudo). O resultado – confere aí! – é ‘ecotoxicologia’, certo? Essa é uma área da ciência que, podemos dizer, estuda as toxinas presentes na nossa casa. Ou melhor: estuda os efeitos de substâncias químicas no ambiente (que é a casa de todos) e também nos seres vivos. Parece que vai rolar uma química entre você e esse texto! Vem saber mais!</p> <p style="text-align: right;">http://chc.org.br/artigo/que-mistura-e-essa/315</p>

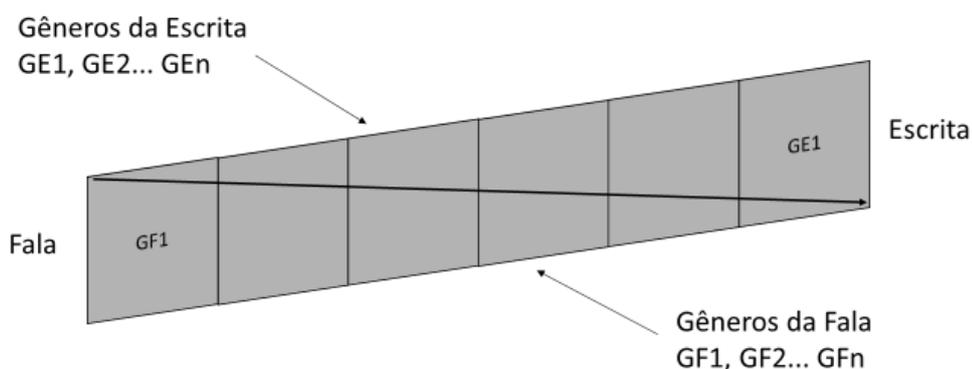
Fonte (CHC 2021) – Grifos nossos

Nesse texto, nota-se a presença da oralidade na escrita pelas escolhas enunciativas que dão efeito de sentido de oralidade, de verdade de realidade aproximando os interlocutores no enunciado. Isso confirma, que a oralidade está ao lado da escrita e que sendo vistas na perspectiva do *continuum*, apresentam semelhanças de modo que se complementem. Pois oralidade e escrita não são estanques, pelo contrário, são cheias de dinamismo, refeitas, recriadas mediante o contexto de uso e necessidade da língua.

Dessa maneira, em consonância com Marcuschi (2010, p. 37), “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos”. Desse modo, fala e escrita estão entrelaçadas quando estudadas dentro de um *continuum*, e para, Kato (1987), o que vai determinar as diferenças entre as modalidades oral e escrita são as condições de produção, que irão refletir sobre uma maior ou menor dependência do contexto, bem como um maior ou menor grau de planejamento. Por esse motivo, as condições de produção e particularidades de outras ordens, tornam fala e escrita modalidades específicas da língua. E, por isso, não são modalidades estanques e não devem ser estudadas de forma distintas, pois os estudos de oralidade e escrita se fundamentam nos usos da língua.

Partindo dessas diferenças dentro de um *continuum*, temos como consequência correlações em diversos planos que resulta em um conjunto de variações. Desse modo, a fala e a escrita podem ser vistas *num continuum* dos gêneros textuais, e podem ser representadas e distribuídas pelo meio de produção e concepção discursiva. Conforme exposto por Marcuschi (2010), no gráfico abaixo observemos fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais.

Figura 6 - Fala e Escrita no contínuo dos gêneros textuais



Fonte (MARCUSCHI 2010) Adaptada pela autora

Na figura apresentado por Marcuschi (2010), podemos observar que os dois domínios linguísticos se encontram nos gêneros (G) textuais da fala e da escrita. Ambos se dão em dois *contínuos*: um na linha dos gêneros textuais (GF1, GF2... GEn e GE1, GE2... GEn) e outro na linha de características específicas de cada modalidade. Nesse sentido, um gênero próprio da fala (GF), uma conversa espontânea entre amigos, por exemplo, representaria no gráfico o (GF1) e seria um prototípico da modalidade falada, sem necessidade de compará-la com um gênero escrito (GE). Da mesma forma que o gênero escrito (GE1) que seria um prototípico da escrita, como por exemplo, uma apresentação de comunicação acadêmica em um congresso, não precisa ser comparado com o GF.

Observando os dois exemplos, temos produções de textos diferentes em condições naturais e espontâneas de produção construídos nos diversos domínios discursivos da escrita e da fala. Nesse sentido, há um entrelaçamento de muitos aspectos entre as duas modalidades que constituem uma mistura dos domínios dessas modalidades. Como exemplifica Marcuschi (2010, p.38), se observar textos de um noticiário de televisão, são textos originalmente escritos, no entanto o leitor só receberá oralmente. O texto de divulgação científica destinado ao público infantil, por exemplo, é um texto escrito, mas apresenta características orais que geram efeitos de sentido de oralidade, e isso mostra que fala e escrita se entrelaçam na constituição do tipo de enunciado que se vai produzir.

Temos, por outro lado, outros eventos de produções bem comuns, por exemplo, as aulas ministradas pelo professor são expositivas e originais, sem um texto escrito do que irá falar. No entanto, antecedente às aulas, foram feitas leituras e nelas foram acrescentados comentários e/ou anotações que embasam a fala do professor em sala. Diante disso, é importante compreender nesse contexto que:

Um dos aspectos centrais nesta questão é a impossibilidade de situar a oralidade e a escrita em sistemas linguísticos diversos, de modo que ambas fazem parte do mesmo sistema da língua. São, portanto, realizações de uma gramática única, mas que do ponto de vista semiológico podem ter peculiaridades com diferenças acentuadas, de tal modo, que a escrita não representa a fala (MARCUSCHI 2010, p.38 -39).

Nessa perspectiva, oralidade e escrita pertencem ao mesmo sistema da língua e podem apresentar diferenças e semelhanças. Nos textos orais, por exemplo, podemos observar palavras, gestos, mímicas, sons e etc... e os textos escritos não

apresentam apenas as letras do alfabeto, mas há também a presença de fotos, gráficos, quadros e outros recursos linguísticos utilizados para representações.

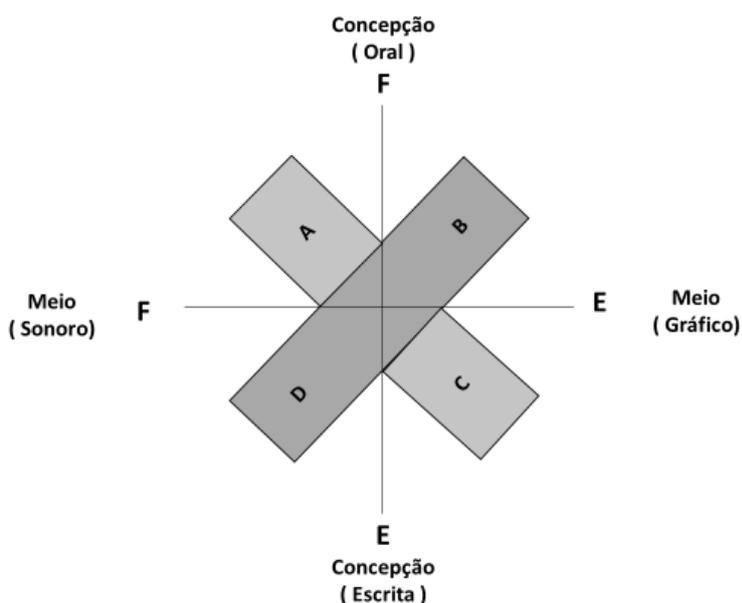
Assim, é evidente que há um entrecruzamento entre os textos de modalidade oral e escrita, pois conforme explicita Koch (1997):

Existem textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos ao polo da fala conversacional (bilhetes, cartas familiares, textos de humor, por exemplo), ao passo que existem textos falados que mais se aproximam do polo da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros), existindo, ainda, tipos mistos, além de muitos outros intermediários. (KOCH, 1997, p. 32)

Diante desse posicionamento, cada modalidade de uso da língua apresenta suas próprias características, não negando a possibilidade de aparecer características mútuas em ambas. Além disso, existem os tipos mistos que irão se entrecruzarem em vários aspectos e em gêneros diferentes.

Marcuschi (2010) faz uma representação da oralidade e escrita pelo meio (sonoro e gráfico) de produção e concepção (oral e escrita) discursiva. Vejamos no gráfico abaixo:

Figura 7 - Representação da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva



Fonte (MARCUSCHI 2010) Adaptada pela autora

Marcuschi (2010) apresenta nessa figura, ideias diferentes e mistas de relações dos gêneros oral e escrito pelo meio e concepção discursiva, sendo que a fala (F) é de concepção oral e o meio sonoro e a escrita (E) está representada pela concepção escrita e meio gráfico. Na representação gráfica, o “a” é domínio oral (posicionado entre oral e sonoro) tanto na concepção quanto ao meio. Em oposição de “a” seria o domínio “d” que corresponde ao domínio típico da escrita (posicionado entre gráfico e escrita). Se fossemos observar apenas por estes dois ângulos de “a” e “d”, teríamos duas modalidades totalmente dicotômicas. Mas os domínios “b” (posicionado entre oral e gráfico) e “c” (posicionado entre sonoro e escrita) são mistos, e nesse ponto acontece uma mesclagem das duas modalidades.

Com isso, certifica-se que textos orais, além de utilizar a sonoridade como meio, utiliza-se também da graficalidade, e o “som não é uma condição suficiente para a definição da língua falada” (*Ibid.* p. 102). Da mesma forma que textos escritos, não utiliza apenas a escrita, mas pode fazer uso do meio sonoro. Portanto, acrescenta Marcuschi (2008), que a percepção oral ou escrita indica o meio de origem da produção, e não a natureza do ato cognitivo de criação.

Vejamos no quadro abaixo, baseado em Marcuschi (2008), alguns gêneros que podem ser inseridos nesse cruzamento de concepção oral e escrita e meio sonoro e gráfico, e dentre eles estão alguns gêneros de esferas digitais.

Quadro 15 - Cruzamento da concepção oral e escrita e meio sonoro e gráfico distribuído em gêneros textuais

Gênero textual	Concepção discursiva		Meio de produção		Domínio
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita	
Conversa espontânea entre pai e filho, ou entre amigos.	X	x	X	x	ABCD
Produção de um artigo científico		X		X	D
A transcrição da fala do professor em sala de aula		X	X		BC
A homilia de um padre publicada no folheto mensal da paróquia	X			X	AC
Texto de Divulgação Científica	X	X	X	X	ABCD
Aula/palestras/mesa redonda/ congressos pelo Youtube	X	X	X	X	A B C D
Aula/palestra pelo Google Meet	X	X	X	X	A B C D

Podcast	X	X	X	X	ABCD
Conversas pelo WhatsApp	X	X	X	X	A B C D
Chamada de vídeo pelo WhatsApp	X		X		AC

Fonte (MARCUSCHI 2008, p. 193) Adaptado pela autora

Conforme os exemplos apresentados no quadro, há um cruzamento entre gêneros prototípicos da oralidade “a” e escrita “d” com os gêneros mistos “b” e “c”. Dentre os gêneros apresentados no quadro, os de esfera digital, vem se destacando nos últimos anos pela grande quantidade de pessoas que fazem uso dos meios digitais, não apenas para uso exclusivo de comunicação, mas são utilizados também, para fins educacionais. Como exemplo disso, temos o uso desses gêneros no contexto pandêmico, nos anos de 2020 e 2021, que professores e alunos tiveram que se adaptar a essa nova forma de ensino por meio remoto. Diante disso, percebe-se que oralidade e escrita estão entrelaçadas em alguns gêneros, e por isso, precisam ser vistas na perspectiva do *continuum*.

E nessa perspectiva dos gêneros textuais no *continuum*, Marcuschi (2010) faz a seguinte representação:

Figura 8 - Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita

	Comunicações pessoais	Comunicações públicas	Textos instrucionais	Textos acadêmicos	
	<ul style="list-style-type: none"> cartas pessoais Bilhetes Outdoors Inscrições em paredes Avisos 	<ul style="list-style-type: none"> Notícias de jornal Cartas do leitor Formulários Entrevistas Volantes de rua 	<ul style="list-style-type: none"> Textos publicitários Cartas comerciais Narrativas Telegramas Atas de reuniões 	<ul style="list-style-type: none"> Divulgação científica Textos profissionais Editoriais de jornais Manuais escolares Resumos Instruções de uso Bulas Receitas em geral 	E S C R I T A
		<ul style="list-style-type: none"> Convocações Comunicados Anúncios classificados Noticiário de rádio Noticiário de TV Explicações técnicas 			
F A L A	<ul style="list-style-type: none"> Inquéritos Reportagens ao vivo Discursos festivos Entrevistas pessoais Entrevistas e discussões no rádio/TV Debates 		<ul style="list-style-type: none"> Aulas Relatos Narrativas Piadas Noticiário de TV ao vivo Noticiário de rádio ao vivo Exposições informais 	<ul style="list-style-type: none"> Exposição acadêmica Conferência Discursos oficiais 	
	<ul style="list-style-type: none"> Conversas públicas Conversa telefônica Conversas pelo WhatsApp Conversa espontânea 				
	Conversações	Entrevistas	Apresentações e reportagens	Exposições acadêmicas	

Fonte (MARCUSCHI 2010) Adaptada pela autora

Podemos observar na figura apresentada, que em meio aos diversos gêneros textuais apresentados, Marcuschi (2010) destaca no centro da figura alguns gêneros considerados mistos por se entrecruzarem sob muitos aspectos, por serem gêneros que se entrelaçam com outros gêneros, não só no campo da escrita, mas também no âmbito da fala. No caso do texto de divulgação científica destinado ao público infantil, embora sendo um texto de esfera escrita, se entrelaça com o texto de esfera da fala pelas escolhas enunciativas que geram efeitos de sentido de oralidade, de realidade, aproximando e compelindo o interlocutor a participar da leitura e da produção de conhecimento.

Sobre o contínuo dos gêneros textuais, Marcuschi (2010) reitera:

O *contínuo dos gêneros* textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o *contínuo das características* que produzem as variações das estruturas textuais discursivas (sic), seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão *num contínuo de variações*, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de *contínuos sobrepostos* (MARCUSCHI, 2010, p. 42). Grifos do autor.

Com base nesse posicionamento, nota-se que o contínuo dos gêneros textuais no contexto da fala e escrita correlacionam-se, e as estratégias de formulação determinam as características comuns entre as modalidades oral e escrita, e produzirão as variações das estruturas textuais discursivas. Nesse sentido, não se pode ver a fala apenas como dialogada e a escrita como monologada, pois fala e escrita apresentam um *continuum de variações*, porque tanto fala quanto escrita sofrem variações.

Nesse raciocínio, para evitar dicotomias estritas entre fala e escrita, as comparações e análises feitas entre ambas as modalidades devem ser feitas dentro do *continuum* dos gêneros textuais. Para isso, deve-se ter a noção de concepção do funcionamento da língua no viés das condições de produção, e também da atividade e função que os produtores e receptores dos discursos assumem na sociedade, considerando os contextos reais de produção, e não apenas do sistema linguístico.

Com isso, afirma ainda Marcuschi (2010), que as forma linguística em que os textos se organizam se dão no uso da língua em atividade discursiva em uma determinada situação, e isso vale para a fala e para a escrita. Com base nessa afirmação, pode-se dizer que fala e escrita podem ser analisadas não na perspectiva de um sistema linguístico, mas na perspectiva de uso na situação discursiva, e por

isso, a relação entre fala e escrita se torna mais eficaz se levar em conta o uso do código, e não apenas o código.

Embora já explicitado na figura, Marcuschi (2010) aponta que os aspectos mais notáveis entre fala e escritas na perspectiva do *continuum* indicam:

- Que as semelhanças são maiores que as diferenças, tanto em aspectos linguísticos quanto sociocomunicativos;
- As relações de semelhanças e diferenças não são estanques nem dicotômicas, mas contínuas;
- As relações podem ser melhor compreendidas se forem observadas *num continuum* dos gêneros textuais;
- Muitas características e diferenças que são atribuídas a uma das modalidades são propriedades da língua;
- Não há nenhuma diferença linguística notável que perpasse o contínuo de toda a produção falada, ou de toda produção escrita caracterizando uma das duas modalidades;
- Fala e escrita são normatizadas em todas as suas formas de manifestação textual;
- Fala e escrita são multissistêmicas, pois não se operam nem se constituem em uma única dimensão;
- Entre fala e escrita, uma das características mais notáveis está na ordem ideológica da avaliação sociopolítica em sua relação com a fala e a forma que dela nos apropriamos para estabelecer, manter e reproduzir relações de poder.

Diante do exposto, certifica-se que a escrita não representa a fala e podem ter relações entre elas, desde que não sejam em termos de inferioridade e superioridade. E olhando por esse ângulo, as duas tornam-se contínuas e são duas possibilidades de usos da língua nas relações sociointerativas.

Diante disso, após esses pressupostos teóricos sobre fala e escrita na perspectiva do *continuum*, que ficou claro, que em textos escritos podem haver marcas de oralidade, discutiremos na próxima seção sobre essas marcas de oralidade não apenas como expressões que caracterizam um texto oral, mas trataremos da oralidade como efeito de sentido de realidade, de verdade, de proximidade entre os

interlocutores que, além de causar esses efeitos, compele o leitor a participar da leitura e da produção do conhecimento.

2.3 Efeitos de sentido de marcas da oralidade em textos escritos

Por muito tempo se pregou que em textos escritos não existiam marcas orais, que a oralidade se restringia apenas à fala, e a escrita deveria ser correta e seguir os padrões gramaticais. Por isso, na atualidade, pesquisar sobre as marcas da oralidade em textos escritos é fazer um percurso da evolução da Língua, identificando suas mudanças e adequando à realidade do estudo do texto, levando em consideração, não só a mudança ocorrida como um fato isolado, mas também, os fatores linguísticos, socioculturais e todos os aspectos sociointeracionais que envolvem fala, escrita e seus respectivos usos.

Nessa perspectiva, acompanhando esse processo de evolução nos estudos sobre textos orais e escritos, Silva (2011) assegura que a oralidade na escrita atua como um efeito de sentido que é produzido por certos recursos de linguagem usados na constituição do texto escrito e evocam características próprias das interações faladas. Sendo assim, encontraremos nos textos escritos marcados pela oralidade, uma simulação de uma interação face a face gerando efeito de sentido de realidade e verdade.

Nos enunciados, orais ou escritos, há sempre expressão de quem fala, seja de modo implícito ou explícito. Nesse sentido, vale lembrar que no enunciado escrito, expressões linguísticas próprias da oralidade são usadas propositalmente pelo enunciador com o intuito de persuadir o enunciatário. Pois segundo Hilgert (2011), ao se falar em oralidade em textos escritos, faz-se referência a efeitos de sentido de oralidade que são produzidos pelo uso de certos recursos de linguagem na construção do texto. Partindo desse pressuposto, vejamos no exemplo a seguir, a presença dessas marcas de oralidade em textos escritos em um excerto retirado de um texto de divulgação científica da revista Ciência Hoje das Crianças (CHC).

Quadro 16 - Exemplo de marcas de oralidade em texto escrito

CRISPR PARECE BISCOITO, MAS NÃO É

Cá entre nós, CRISPR (pronuncia-se “crisper”) **bem que** parece nome de biscoito. Mas, como o título do texto já diz, não é. CRISPR é algo novo e tão incrível que mereceu até o Prêmio Nobel em 2020, o prêmio mais importante da ciência! Está mais para tesoura do que para algo comestível. **Você já vai entender.**

Para entender o que é CRISPR, primeiro é preciso saber o que é DNA e qual é a sua função. **Então, vamos lá!** DNA é algo que fica dentro de todas as células de um ser vivo – seja uma bactéria, uma planta, um fungo, uma pessoa, um elefante...! E a função do DNA é determinar as características físicas de um ser vivo. Outra coisa interessante sobre o DNA é que ele é formado por uma combinação de quatro componentes representados pelas letras A, C, G e T, que se repetem muitas vezes, como se fosse uma grande “sopa de quatro letrinhas”. Essa combinação de letras forma o que chamamos de “código da vida” e é única para cada indivíduo, ou seja, cada ser vivo tem a sua própria sequência de DNA.

Mesmo cada indivíduo apresentando uma sequência de DNA diferente, algumas partes desse DNA (chamadas de genes) são idênticas ou muito parecidas, pois contêm informações (ou códigos) essenciais para a vida de todos os indivíduos. Às vezes, alguns desses genes vêm “**escrito errado**”, ou seja, a sequência de letrinhas vem com o código trocado e aquele indivíduo pode ficar doente. Talvez **você até já** tenha ouvido falar de algumas doenças que acontecem por causa disso. O câncer, por exemplo, é uma doença que acontece por uma combinação de vários fatores, incluindo alterações (mutações) na sequência de DNA.

Felipe Piedade Gonçalves Neves

Instituto Biomédico

Universidade Federal Fluminense

Rachel Leite Ribeiro

Faculdade de Medicina

Universidade Federal Fluminense

<http://chc.org.br/artigo/crispr-parece-biscoito-mas-nao-e/316>

Matéria publicada em 01.12.2020

Fonte (CHC 2020) Grifos nossos

Nesse texto, podemos observar algumas marcas próprias da oralidade, que geram efeito de sentido de oralidade, que simula uma interação face a face, aproximando os interlocutores no enunciado. Esses efeitos de sentido de oralidade, convocam o interlocutor a participar do processo de leitura do texto, e também, direciona o leitor a fazer um percurso linear na leitura e compreensão do texto, causando reflexão em torno da temática e do contexto a qual o texto está inserido.

Nessa perspectiva, é comum, em alguns gêneros, encontrarmos em textos escritos marcas de textos falados, e o TDC destinado ao público infantil, é um desses gêneros, cujas marcas são usadas intencionalmente com o propósito de persuadir o enunciatário. Da mesma forma, não encontramos essas marcas em algumas tipologias e gêneros textuais, pois, a abordagem da oralidade na escrita ainda se limita a critérios estruturais, como sintaxe e léxico, e o caráter gramatical da própria estrutura de alguns tipos de textos escritos, impede a manifestação oral, como por exemplo, um artigo científico, uma dissertação, uma tese, dentre outros. Mesmo não aparecendo

marcas de oralidade em todas as tipologias e gêneros, a oralidade se manifesta em textos escritos por meio dos efeitos de sentidos de oralidade, podendo ser inserida na estrutura do enunciado que é o lugar de ocorrência da materialização e das escolhas discursivas feitas pelo enunciador em decorrência das condições de produção do enunciado, bem como das estratégias de formulação.

Diante disso, encontrar marcas de oralidade em textos escritos, parece contraditório, pelo fato de a oralidade ser da natureza da fala e não da escrita. Mas isso é possível se não focar apenas na oralidade como meio de manifestação oral da linguagem, mas se for concebida a oralidade como efeito de oralidade produzido em textos escritos pelo uso de recursos da linguagem que evocam características próprias das interações faladas (HILGERT 2011). Olhando por esse ângulo, serão encontradas marcas orais em textos escritos, uma vez que o enunciador de um texto oral, também pode enunciar textos escritos, e nesse ato, as marcas de quem enuncia pode aparecer implícita ou explícita. Vale lembrar, que as marcas orais presentes em textos escritos, além de produzirem efeitos de sentido de oralidade, tem propósitos comunicativos prototípicos da fala, cujo intuito, é utilizar a linguagem oral em textos escritos transmitindo a ideia de uma interação face a face. Pois fala e escrita apresentam mais afinidades que diferenças (HILGERT 2011), e essas afinidades encontradas nos usos das duas modalidades, permitem a junção e diversificação dos textos orais e escritos.

Hilgert (2011) admite que o texto escrito, pelas próprias condições de produção, marcadas pelo distanciamento entre autor e leitor não expõe de forma tão explícita e minuciosa as marcas de quem fala. Mas isso não significa que não sejam encontradas evidências de relações de proximidade entre destinador e destinatário. Com isso, focalizar os traços que revelam essa proximidade em textos escritos por meio das marcas orais, é trazer para a escrita a abordagem da oralidade. Como observa Hilgert (2015):

Na escrita, a oralidade é de ordem conceptual, na medida em que o texto, no todo ou em alguma de suas partes, é reconhecido pelo usuário da língua como tendo configuração oral em razão de certos recursos e estratégias usados em sua construção. Em outras palavras, esses recursos e estratégias, por evocarem elementos das interações faladas, produzem no texto escrito efeitos de oralidade e, por isso, efeitos de proximidade (HILGERT 2015, p.62).

Em consonância com o autor, a noção de proximidade produzida pelas marcas de oralidade nos textos escritos não pode ser vista como uma proximidade real, mas como um efeito de sentido utilizado no discurso como estratégia de construção do texto. E o que irá determinar o grau de oralidade e escrituricidade nos textos serão as situações comunicativas que envolvem o texto no ato de sua produção.

De modo geral, o que habitualmente distingue aproximação e distanciamento nos textos orais e escritos são as condições em que são produzidos, de modo que as situações marcadas por proximidade caracterizam oralidade e situações de distanciamento caracteriza a escrita. Conforme Hilgert (2007), à proximidade e à distância estão ligados vários fatores que configuram os interlocutores e suas relações interativas, tais como o grau de privacidade, de cumplicidade, de envolvimento emocional, de espontaneidade, de cooperação, de dialogicidade. Em alguns momentos, esses fatores serão responsáveis pelo uso da linguagem mais voltada para recursos verbais, outros momentos para a linguagem não verbal e em outros momentos serão valorizados aspectos de entonações e gestualidade.

Com isso, as situações provocadas pela proximidade e distância nos textos irão determinar as diferentes formas de produção e de estrutura dos textos produzidos, bem como os mais variados gêneros de textos, entre as quais pode-se destacar pelos índices de maior ou menor planejamento textual, referências metadiscursivas, seleção lexical, sintaxe paratática ou hipotática (HILGERT 2007). Além disso, as situações de aproximação e distanciamento na produção dos textos, se ligam ao tempo e ao espaço, que são as duas categorias que organizam a estrutura dêitica dos textos, e possibilitam a produção em tempo real e a presença dos interlocutores, e organiza os recursos simbólicos de gestualidade, mímica, olhares, movimentos que são essenciais para gerar efeitos de sentido. Nesse contexto, percebe-se que vários elementos, além dos efeitos de sentidos de oralidade e aspectos estruturais dos usos da língua, o tempo e o espaço também são importantes para a caracterização da oralidade da escrita.

Diante disso, constata-se que a relação entre fala e escrita reflete na dinamicidade da língua em funcionamento, pois a “fala caracteriza-se pelas atividades tipicamente desenvolvidas nos processos de textualização” (MARCUSCHI; DIONÍSIO 2008, p. 74) dos procedimentos de formulação textual da fala. Dessa maneira, olhar a fala na íntegra de sua especificidade é notar aspectos relativos aos processos de

produção textual ligados aos saberes individuais, tempo, espaço físico e condições de produção dos falantes.

Destarte, após percorremos sobre os pressupostos teóricos sobre as marcas da oralidade em textos escritos, de percebermos as características gerais sobre texto falado e textos escrito, e de vermos o texto falado e o texto escrito na perspectiva do *continuum*, entendemos que a oralidade em textos escritos, nesse contexto, é tratada como efeitos de sentido de oralidade, causada por certos recursos de linguagem que geram efeitos de sentido de proximidade, de verdade e realidade no enunciado escrito. Dessa maneira, encontraremos uma simulação da realidade da fala, um simulacro da fala em textos escritos marcados pela oralidade. Sendo assim, no próximo capítulo, discutiremos sobre a divulgação científica, englobando as diferenças entre o Artigo de Divulgação Científica (ADC) e o TDC, e faremos também, um breve apanhado sobre a revista CHC, objeto de estudo desta pesquisa.

3 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Neste capítulo, discutiremos sobre Divulgação Científica, que vem difundindo-se por diferentes meios de comunicação, e tem por finalidade divulgar o conhecimento científico e popularizar a ciência, transmitindo valores relevantes para a população, por estar inserido no contexto histórico, político e social. Desse modo, na seção 3.1, faremos um breve percurso histórico sobre a DC para entendermos o modo que se deu o processo de popularização da ciência atuando nos contextos científico, midiático e educacional, e a partir disso, compreendermos como chegamos às atuais pesquisas voltadas para a DC e como pesquisadores cientistas se dedicaram para esse acontecimento que marcou a história da Ciência. Na seção 3.2, trataremos sobre o ADC, enfatizando o modo de circulação na sociedade, sua função dentro do meio científico e para o público destinado. Na seção 3.3, abordaremos sobre o TDC, que figura socialmente como um instrumento de popularização da Ciência, levando o conhecimento científico para além da comunidade acadêmica, com uma linguagem acessível e adequada ao público destinado, neste caso, o público infantil. Na última seção deste capítulo, 3.4, de forma breve, teceremos sobre a revista CHC, objeto de estudo desta pesquisa.

3.1 Breve histórico sobre Divulgação Científica

No cenário da discussão sobre DC, vale entender, primeiramente, o conceito de ciência e qual o papel que ocupa na sociedade. Para Motta-Roth (2009, p.32) ciência pode ser definida como “conhecimento de qualquer objeto ou fenômeno por intermédio da observação, identificação, descrição, investigação ordenada e explicação do fenômeno com base em um paradigma vigente”. Segundo Moreira (2012), baseada nas palavras de Sousa Santos (1989) diz que a ciência pode ser concebido como uma prática social de conhecimento, e com base em Japiassú (1975), a ciência não possui apenas uma definição, que ela pode ser uma procura metódica do saber ou um modo de interpretar a realidade; que pode ser uma instituição com grupos de pressão e preconceitos, com suas recompensas oficiais ou pode ser

subordinado a instâncias administrativas políticas e ideológicas; que pode ser tanto uma aventura intelectual que conduz a um conhecimento teórico (pesquisa) quanto um saber realizado ou tecnicizado.

Com base nesses conceitos, Moreira (2012, p. 56) concebe a ciência como:

Uma prática social constituída por sujeitos que realizam atividades, bem como compartilham saberes, recursos e regras estabelecidas social e culturalmente de modo a estabelecer conhecimentos teóricos, metodológicos e tecnológicos a partir de modelos científicos vigentes.

Diante dessa afirmação, podemos afirmar que a ciência é considerada como uma prática social que está diretamente ligada aos sujeitos que realizam e difundem os saberes e atividades científicas dentro de um contexto social, cultural e ideológico. Convém ressaltar, que o conhecimento adquirido pela prática de vida, quando interligados ao conhecimento teórico, metodológico e técnico, torna-se conhecimento científico. Desse modo, há várias formas de fazer ciência, bem como de divulgá-la e torná-la acessível à sociedade, tanto às comunidades letradas, quanto ao público não letrado.

Dessa forma, inteirados sobre os conceitos de ciência, vale saber que a DC, também conhecida como vulgarização ou popularização da ciência, segundo Bueno (1984, p. 19) “é a transposição de uma linguagem especializada para uma linguagem não especializada, com o objetivo de tornar o conteúdo acessível a uma vasta audiência”. Nesse sentido, a DC exerce o papel de socializar o saber levando informações científicas a diferentes públicos. Reitera ainda Bueno (1984), que a DC utiliza recursos, técnicas e processos para a veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral. Nesse raciocínio, os meios pelos quais são divulgados e disponibilizados esses saberes precisam atingir o público a qual se destina.

De acordo com Loureiro (2003, p.91), a DC se compõe no “emprego de técnicas de recodificação de linguagem da informação científica e tecnológica objetivando atingir o público em geral e utilizando diferentes meios de comunicação de massa”, tem um papel político-social que se expressa por meio da educação científica, não em sentido restrito, mas em sentido abrangente em que se conceba a ciência como “instrumento de mudança social” (MENDES 2006. p.15). Nessa

abrangência, enfatizamos a DC inserida nos contextos histórico, político, social da ciência, bem como das estruturas sociais e organizacionais, pois, a junção da institucionalização da ciência, da DC e da sociedade foram primordiais no processo de busca da legitimação da ciência. Sendo assim, surgiram preocupações de instituições científicas, bem como de cientistas a buscarem atividades ligadas à sociedade, por meio da DC.

Em meio a isso, em meados do século XIX, iniciou-se o processo de fechamento institucional, que segundo Mendes (2006), esse processo se deu na construção de uma identidade com os pares e de um público específico para ciência, e o fechamento do campo de atuação dos cientistas e de profissionalização foi simultâneo com a necessidade de marcar a autoridade sobre o que faziam. Baseado nisso, foi acordado que quem falaria sobre ciência seriam os cientistas, esses teriam a responsabilidade de falar para os outros cientistas quanto para os não-cientistas. Desde então, os cientistas começaram o processo de popularização científica diretamente ligada à sociedade.

Paralelo à institucionalização da ciência organizada em sociedades científicas, sentiu-se a necessidade um novo padrão científico de comunicação, isso seria tanto para as revistas científicas quanto para a imprensa, pois esse padrão de comunicação científica facilitaria a divulgação. Os novos rumos tomados pela DC foram de grande avanço para o mundo científico e para a comunidade, pois à medida que a circulação, a divulgação e a popularização da ciência foram feitas de forma mais ampla, a comunidade científica crescia, e a sociedade passou a ter contato com a ciência por meio de instrumentos diversificados de DC. Desse modo, os cientistas passaram a ter maior interesse e dedicação pela DC no intuito de terem reconhecimento da sociedade pelo trabalho que começaram a desempenhar, buscando criar vínculos com a sociedade e suscitando uma nova visão de onde a ciência poderia ser útil e como poderia atuar em meio à sociedade.

Nesse panorama, a DC delineou-se por três grandes contextos: o científico, educacional/didático e midiático/jornalístico. O primeiro contexto, assinala Costa (2014), constitui-se pela união de interesses de agentes dos contextos científico e educacional, revelando-se pelo afinco de cientistas e professores interessados no desenvolvimento científico do País e na valorização da ciência. Entre os representantes, nessa época, destacaram-se Henrique Morize, Edgard Roquete-Pinto, Amoroso Costa e Miguel Osório de Almeida, ambos ligados à Associação

Brasileira de Ciências e à Associação Brasileira de Educação. Pela inspiração desse contexto, surgiu depois, em meados de 1948, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência-SBPC, que contemplou entre seus objetivos, a DC.

O segundo contexto, assumiu o papel de popularizar a ciência e tirá-la do domínio exclusivo dos especialistas. Esse contexto, caracterizou-se pela implementação de “práticas de interação entre os cientistas e outros setores da sociedade, pela implementação de museus, centros e feiras de ciência e pela realização de filmes educativos, programas de rádio e televisão” (SOUSA 2014, p. 239). Esse contexto se deu por volta dos anos de 1960 a 1980.

O terceiro contexto, associa o contexto científico e educacional, que de acordo com Sousa (2014, p. 240), “traduz-se principalmente no incremento da divulgação científica nos diversos meios de comunicação”, tendo José Reis como representante.

Diante dessas constatações, “a divulgação científica tornou-se uma possibilidade de tradução da ciência em ações práticas e, dessa forma, participar como elemento capaz de reforçar a mudança sociocultural” (MENDES 2006, p.17). Com isso, os cientistas passaram a ter reconhecimento e encontrar seu lugar na sociedade levando o conhecimento científico as diversas classes sociais, deixando de ser um conhecimento restrito aos cientistas e a comunidade acadêmica e popularizando a DC, possibilitando outros grupos a terem acesso.

Ainda sobre DC, acrescenta Valério (2005, p. 5):

A divulgação científica figura socialmente como um valioso instrumento de popularização dos saberes e valores científicos; como importante ferramenta educacional; como um esforço de democratização do conhecimento científico, entre outras atribuições.

Nesse paradigma, a DC facilita a popularização do saber científico, e as discussões realizadas sobre a potencialidade e funcionalidade das atividades e divulgação do saber científico, apontam novas possibilidades e ampliam o conhecimento científico na sociedade. Nesse contexto, a produção do conhecimento científico é uma das formas de disseminar saberes dos mais diversos ramos da ciência.

Diante do exposto, pode-se constatar que a DC se tornou popular, ou seja, a ciência foi popularizada na sociedade, e a DC tem sido tema de várias pesquisas científicas utilizando diferentes veículos de divulgação da ciência e comunicação

social para diferentes públicos, inclusive o público infantil, a qual se inclui a revista CHC, objeto desta pesquisa. Dentre as diversas pesquisas realizadas sobre DC, destacamos as seguintes:

Quadro 17 - Dissertações e teses sobre DC

TÍTULO	AUTOR	DIS. /TESE	UNIVERSIDADE
A Divulgação Científica em <i>Ciência Hoje</i> : Características discursivo-textuais	Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes	Tese/2000	UFP
Uma perspectiva histórica da divulgação científica: a atuação do cientista-divulgador José Reis (1948-1958)	Marta Ferreira Abdala Mendes	Tese//2006	FIOCRUZ
A oralidade como estratégia enunciativa no jornal on-line	Luciana Maria Crestani	Tese/2010	MACKENZIE
Interações e práticas de letramento mediadas pela revista <i>Ciência Hoje</i> das Crianças em sala de aula	Sheila Alves de Almeida	Tese/2011	USP
As marcas de oralidade em textos de Divulgação Científicas para crianças	Tatiana Gonçalves Silva	Dissertação/2011	MACKENZIE
Análise crítica de gêneros de popularização da ciência da área de informática no jornal zero hora (2009)	Tânia Maria Moreira	Tese/2012	UFSM
Divulgação Científica e embates ideológicos no discurso na revista <i>Ciência Hoje</i> nas décadas de 1990 a 2000	Luiz Rosalvo Costa	Tese 2014	USP
Notícias on-line: estratégias enunciativas de apelo ao sensível	Josiane Boff	Dissertação/2017	UPF

Fonte: Elaborado pela autora

Nessa perspectiva, vale salientar que a DC se tornou alvo de pesquisas em diferentes áreas de conhecimento, bem como lugares e instituições diferentes, e ambas colaboram com o avanço da Ciência, incitando pesquisadores a desbravarem este campo vasto de conhecimento científico, levando a ciência aos públicos

diversificados, seja o público científico ou não. Dentre essas pesquisas, vale ressaltar que a revista CHC, tem sido objeto de estudo da DC, por apresentar um conteúdo científico para um público considerado como não cientista. E isso reafirma que a DC tem cumprido com o papel de levar a ciência à sociedade aproximando a população do saber científico, considerando o contexto histórico- político-social, traduzindo a ciência para ações práticas, colaborando com a mudança sociocultural da sociedade.

No bojo dessa discussão sobre DC, na próxima seção abordaremos, de forma breve, sobre ADC, enfatizando o modo de circulação na sociedade, bem como sua função dentro do meio científico e para o público destinado.

3. 2 Artigo de Divulgação Científica

O ADC, de acordo com Köche e Marinello (2015), é um tipo de gênero textual que torna público os conhecimentos advindos de pesquisas realizadas em diferentes áreas da ciência. Desse modo, por se tratar de um texto científico, cogita-se a ideia de que apenas as pessoas de grau de instrução mais elevado têm acesso a essas informações por serem sujeitos capazes de compreender a complexidade existente nos textos produzidos dentro dos critérios exigidos. No geral, são textos publicados em revistas e periódicos impressos ou *on-line*, cuja autoria pode ser de um pesquisador da área de conhecimento a qual o texto está inserido, bem como por um jornalista inteirado do assunto, ou o artigo pode ser publicado sem um autor específico, sendo neste caso, o periódico o responsável pela matéria publicada.

Giering (2009) afirma que o ADC se encontra na intersecção dos contextos científico, midiático e didático. Quanto ao contexto científico, apresenta maior grau de cientificidade e abarca “a formação sociodiscursiva da ciência e apresentam, igualmente, características do gênero discursivo artigo científico, especialmente os de visada fazer-saber” (GIERING 2009, p. 64). Sendo assim, os ADC ligados a esse contexto se aproximam do gênero artigo científico. O artigo científico é destinado a revistas e periódicos científicos, cuja finalidade é divulgar resultados de pesquisas sobre temáticas já exploradas ou não, pelo meio científico, explicitando e esclarecendo o conhecimento teórico, dados obtidos e analisados sobre temas discutidos no meio científico que se destina a um público especializado.

O artigo científico é um modelo acadêmico ensinado nas universidades, que faz parte de um quadro dos mais variados trabalhos científicos ensinados na academia, e pode ser feito percorrendo vários caminhos da pesquisa, os mais comuns são: revisão bibliográfica, estudo de caso, pesquisa ação. E, todos esses trabalhos científicos, conforme Lakatos e Marconi (1996), devem ser elaborados de acordo com normas pré-estabelecidas e com fins aos quais se destinam.

De acordo com Pereira (2012, p.351),

Os artigos científicos constituem a unidade de informação do periódico científico. Por meio deles, as informações do autor são transformadas em conhecimento científico, que é de domínio público. Se o artigo é divulgado adequadamente, ele poderá ser lido, citado e utilizado por profissionais (...) nas suas atividades diárias. Por divulgação adequada entenda-se aquela efetuada em periódico científico que adota o procedimento de revisão por pares.

Nessa perspectiva, os artigos científicos produzidos, conforme ensina a academia, possuem exigências e estruturas próprias e seguem o padrão da Associação Brasileira de Normatização de Trabalhos (ABNT), desse modo, precisa obedecer às normas exigidas para ser validado e reconhecido cientificamente pelas revistas e periódicos.

O contexto midiático, ainda segundo Giering (2009) no qual se inserem os artigos DC, abrange os artigos que estão ligados ao discurso jornalístico e ao gênero notícia e circulam nos meios de comunicação institucional, de massa e na mídia. Os artigos ligados a este contexto, predominam o fazer-saber, pelo fato de divulgarem uma investigação ou uma descoberta científica.

Nesse contexto, nota-se a evolução da ciência com novas formas de expandir o conhecimento científico, dando espaço a outras formas de divulgação, circulação e produção do saber científico. Com isso, entra em pauta a ciência produzida pelo jornalismo, não qualquer jornalismo, mas o jornalismo científico, que nas últimas décadas têm produzido ciência em diversos campos de conhecimento e divulgado para a sociedade de maneira mais acessível ao público em geral. Nesse sentido, reitera Silva (2009, p. 200):

É visível o fortalecimento do Jornalismo como campo científico-institucional nos últimos cinco anos no país (ver a ainda recente criação da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor) e de revistas acadêmicas, linhas e núcleos de pesquisa e programa de pós-graduação especializado em jornalismo etc.). Compassada com a institucionalização de

seu campo científico, segue a especificidade da reflexão acadêmica, na direção da disciplinarização, para a defesa de um território delimitado para a produção e reprodução do saber jornalístico.

Nesse raciocínio, o artigo científico apresenta outras vertentes, que também segue regras, no entanto, produz saber científico em outros campos, neste caso, o campo jornalístico. Nesse contexto, podemos perceber que houve um rompimento do letramento acadêmico específico do nível superior, que serviu como ponte para chegar a outro universo do saber científico. Esse rompimento, aproximou o saber científico da sociedade e vem colaborando, de forma prática, com a disseminação da ciência e com o desenvolvimento sociocultural do público destinado, seja o público cientista ou não.

O ADC de cunho jornalístico, está presente nos jornais, revistas, em versões online e impressas, nos sites, nas redes sociais, no rádio e TV, apresenta uma opinião, argumentos e fundamentos referenciados em bases científicas. O fato de o texto ser de cunho jornalístico e seguir uma estrutura diferente do Artigo Científico cobrado e produzido pela comunidade acadêmica, não deixa de ser científico, pois neste modo, o saber científico é apresentado em uma outra modalidade

De acordo com Giering (2009, p. 64), “o contexto didático, por sua vez, mostra-se especialmente nos artigos DC de visada fazer-compreender”. Nesse contexto está inserido o *corpus* desta pesquisa, direcionado ao público infantil, nos quais se encontra uma organização explicativa do tipo pergunta-resposta, como forma de convocar o leitor a participar e interagir do ato enunciativo. Nesse fazer-compreender, entra em questão, predominantemente, a explicação de um determinado tema que pode fazer parte ou não do cotidiano do leitor infantil, sob o viés científico.

Na linha dessas considerações, pode-se dizer que o ADC não se limita apenas à divulgação que englobe a massa, mas está presente na sociedade de forma prática e acessível, de forma impressa e *online*, veiculada por diversos meios de comunicação midiática abrangendo a massa de modo geral. Dessa forma, já tendo abordado sobre o ADC, na próxima seção, iremos discutir sobre o TDC, e, por meio de exemplos, iremos esclarecer as diferenças e semelhanças entre ambos.

3.3 Texto de Divulgação Científica

Há quem confunda ADC com o TDC, pois mesmo que os termos escritos sejam parecidos, existem diferenças em sua constituição. Desse modo, iniciaremos dizendo que o TDC surgiu com a ideia de produzir e divulgar o conhecimento científico para outros públicos, passando assim, a popularizar/vulgarizar a ciência, para que o conhecimento científico não ficasse restrito apenas aos que tem maior grau de escolaridade, mas que esse conhecimento pudesse atingir aos que ainda não conseguem compreender os termos técnicos ou a norma culta a qual os textos científicos são produzidos.

Conforme Maingueneau (1997), o TDC é resultante de uma atividade discursiva que se desenvolve em diferentes condições de produção daquelas em que os cientistas produzem o conhecimento científico. Por essa razão, é um texto que baseado em outro texto científico, sem perder o sentido, passa por um processo de retextualização, que segundo Marcuschi (2010) é uma atividade de transformação. Para isso, deve-se levar em consideração o contexto de produção e o público a qual o texto é destinado, no intuito de transmitir o conhecimento científico por meio de uma linguagem mais acessível, tornando-se compreensível ao enunciatário.

Diante disso, mostraremos a seguir exemplos de ADC e TDC para fazermos uma comparação das diferenças e/ou semelhanças que esses textos possuem entre si após ser retextualizado pelo pesquisador. No primeiro exemplo, temos um ADC⁷, intitulado “*A mãe Samaúma*”, retirado do blog Terra Náuas.

Quadro 18: Exemplo 1: ADC1 – Artigo de Divulgação Científica

⁷ Primeiro exemplo de Texto Científico. Obs: No conto original, o autor trata o espírito como "doncella lupuna", ou seja, donzela, optei por trata-la como Mãe, uma vez que o clímax da história se dá com ela dando sua vida pelo filho.

A Mãe Samaúma

Um Conto Amazônico
por: *Arnaldo Quispe*

As tribos da Amazônia concordam que a Samaúma tem na sua base (sacupema) uma grande porta invisível aos olhos humanos, usada para se comunicar com mundos existentes. Esta porta é uma passagem de trânsito entre os mundos humano e o universo espiritual amazônico. Por esta porta entram e saem seres mitológicos da "Selva Mãe" e em especial muitas vezes se fala de uma bela garota que vive na árvore e que representa o espírito essencial da samaúma. Quando moça, havia sido uma grande curandeira e protetora dos animais e plantas da floresta amazônica.

Diz a lenda que em tempos antigos esta curandeira testemunhou a morte de seu marido pela picada de uma cobra venenosa. Na ocasião, era uma jovem inexperiente e não o pode curar. A vida de seu marido foi extinta em seus braços, sem conseguir salvá-lo. Depois de recuperar o ânimo perdido dedicou sua vida a curar mordidas e picadas de cobras e outros animais peçonhentos. Foi a melhor curandeira nesse sentido. Ela descobriu um remédio natural para tais acidentes ofídicos: usando tubérculos da planta *jérgon sacha* (***Dracontium lorettense***) como um cataplasma. Depois de curada, a vítima poderia encarnar o espírito da serpente como seu animal protetor, além de ter uma maior imunidade contra as picadas.

Quando seu filho mais velho cresceu e se tornou curador como sua mãe, sofreu uma estranha picada de cobra, que não encontrou antídoto eficaz. Como sua mãe não conseguia encontrar a cobra que havia causado essa tragédia, optou por uma medida radical: usando rapé, conversou com o espírito da planta e esta lhe disse que se queria que seu filho vivesse, deveria dar seu espírito em troca, na base da samaúma (sacupemas). Como ela não tinha dúvidas, deu a sua própria vida para que o seu filho novamente encontrasse saúde. Dessa forma, seu filho se recuperou a tempo e sua mãe passou a ocupar um lugar de honra no reino da floresta e desde então passou a viver para sempre na samaúma. A "Mãe Samaúma" é um espírito que protege e está sempre atenta a tudo que acontece na grande floresta verde. Olha e protege com sua poderosa energia todos os seus irmãos mais novos, sejam plantas ou animais da selva.

<http://terranauas.blogspot.com/2013/05/a-mae-samauma.html>

Fonte (TERRA NAUÁS 2013) Grifos nossos

O ADC1 é um conto amazônico que relata uma lenda da tribo Indígena Ticuna. Essa lenda ressalta a importância que a árvore Samaúma tem para os povos Ticunas e o porquê de essa árvore ter se tornado sagrada para a tribo.

Por se tratar de um ADC, é escrito na linguagem padrão, em terceira pessoa, cujas escolhas lexicais feitas para a produção do enunciado não mostram o enunciador de forma visível, isso, segundo as normas exigidas para a escrita de um texto científico na linguagem padrão. Se o texto for analisado em outras perspectivas, por exemplo, na perspectiva da enunciação, argumentação, discurso, dentre outros, podemos perceber a voz do enunciador. Nesse caso, como o texto é um ADC, necessita de regras específicas próprias do gênero, no seu processo de escrita.

Leibruder (2002) assegura que os TDC estão fundamentados nas convenções linguísticas próprias ao texto científico, fazendo uso de uma linguagem objetiva, concisa e formal; o padrão lexical (nominalizações, vocabulário técnico e emprego de verbos na 3ª pessoa do singular, acrescido da partícula “se” (índice de indeterminação do sujeito), ou na 1ª pessoa do plural (sujeito universal, ocasionando o apagamento do sujeito). Desse modo, o ADC contribui para a ampliação de pesquisas, conhecimentos, bem como para servirem de aporte teórico para outros pesquisadores na elaboração de novos trabalhos científicos.

Dessa forma, após essa breve discussão sobre o ADC, vejamos um TDC⁸ adaptado a partir do ADC apresentado no exemplo ADC1, acima abordado.

Quadro 19: Exemplo 1: TDC1 - Adaptação do ADC para o TDC

A ÁRVORE SAGRADA DA AMAZÔNIA	
<p>A mitologia indígena brasileira é repleta de figuras ligadas à força da natureza. Tupã seria o deus do trovão, criador do céu, da terra e das águas. Jaci seria a deusa Lua, mãe dos vegetais. Guaraci, o deus Sol, seria o guardião do dia. E a samaúma, conhece? Ela é a árvore sagrada da Amazônia para os povos indígenas da região. Mas por quê?</p> <p>A samaúma é uma das maiores árvores do Brasil, com cerca de 60 metros de altura e troncos com dois metros de diâmetro. Os cientistas a batizaram de Ceiba pentandra, mas, popularmente, também é chamada de samaumeira, árvore da vida ou escada do céu. Para os indígenas da região amazônica, ela é a “mãe-das-árvores”.</p> <p>Segundo a mitologia indígena, assim como as mães costumam sempre olhar por suas crias, a samaúma, por sua grandiosidade, “enxerga” toda a floresta por cima. Ainda por essa tradição, na base da árvore existe um portal invisível aos olhos humanos que liga o nosso universo ao universo dos seres divinos, que protegem a floresta e os animais, como um “espírito materno”.</p>	
<p>Aníbal da Silva Cantalice Universidade Federal do Piauí Marcela Eringe Mafort Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais Jean Carlos Miranda Universidade Federal Fluminense</p>	

Fonte (CHC 2020) Grifos nossos

Nesse texto, podemos observar que, comparando ao exemplo ADC1, houve uma retextualização e adaptação quanto à estrutura e escolhas lexicais de modo que se tornasse um texto com a linguagem acessível ao público infantil. Enquanto o ADC tem em sua construção um vocabulário e escrita pautada nos critérios da linguagem

⁸ TDC adaptado pela Revista Ciência Hoje das Crianças (CHC) a partir do TC “A Mãe Samaúma”. Vale lembrar que a revista CHC é de cunho científico e tem por objetivo levar o conhecimento ao público infantil, e para isso, adapta os TC para um vocabulário acessível ao público destinado.

padrão da Língua Portuguesa, o TDC também tem uma estrutura própria e segue critérios exigidos para a produção do próprio gênero, porém é constituído por uma linguagem acessível, com uso de interrogações, efeitos de proximidade e de interação entre os interlocutores, uso de vocabulário própria da linguagem oral.

É importante frisar, que diferentemente do ADC, o TDC possibilita a personificação dos interlocutores, seja de forma implícita ou explícita, podendo aparecer no enunciado por meio dos pronomes pessoais em primeira ou terceira pessoa, pelas marcas de enunciação orais ou escritas, pelas embreagens e debreagens e por expressões linguísticas que provocam efeitos de proximidade e distanciamento. Vale lembrar, que as marcas linguísticas presentes no texto não são transparentes e funcionam como pistas para chegar ao sujeito divulgador, enunciador, de modo que este já ocupa uma posição já imbricada na instância das formações imaginária do enunciatário.

Com isso, pode-se notar que mesmo passando por esse processo de retextualização, o texto não perde o sentido nem sua originalidade, ele apenas é recontado de forma diferenciada. E isso, é o principal foco do TDC, veicular, compartilhar o conhecimento científico, construir o conhecimento de forma conjunta, é retextualizar em uma linguagem dialogada e inerente ao público alvo.

Para isso, as escolhas lexicais e a linguagem utilizada intencionalmente são imprescindíveis para alcançar o objetivo, a começar pelo título que gera curiosidade no enunciatário. Tanto o título como o primeiro parágrafo são modos de captar a atenção do enunciatário sobre o conteúdo abordado como forma de persuadi-lo a continuar a leitura. Sobre isso, ressalta Sousa (2000, p.23), que essas questões são levantadas para estimular a curiosidade e a leitura, pois:

O discurso expresso nesta parte é retórico, isto é, quer convencer a criança a realizar a leitura. Outra forma de incentivar a leitura é a colocação, no primeiro parágrafo de uma frase que chame a atenção e mobilize a criança. Muitas vezes, isso se repete ao longo do texto. Abre-se um diálogo com a criança, que permite uma explicação que leva em conta "o leitor criança ideal" [...]. A abertura e a introdução da matéria, constituintes do sumário, seguem o padrão jornalístico, no qual o leitor é o foco e em que se apresenta o assunto considerado mais relevante.

Diante dessa afirmação, podemos dizer que o modo em que o conteúdo é abordado no primeiro parágrafo é uma estratégia para chamar a atenção do

enunciatório, utilizando frases de efeitos de sentido de aproximação e persuasão que pode estimular, convencer e mobilizar a criança a realizar a leitura.

Dando sequência às diferenças entre o ADC e o TDC, vejamos mais um exemplo de um trecho de um artigo postado no blog Beduka, cuja matéria fala sobre ecologia⁹ e meio ambiente.

Quadro 20: Exemplo 2: ADC2 - Excerto do Artigo sobre meio ambiente e ecologia

O que significa Ecologia?

A **Ecologia** é o subtópico da biologia que se dedica ao estudo científico dos seres vivos e suas interações com o meio ambiente em que nascem, se desenvolvem e vivem. A Ecologia não estuda somente as grandes zonas vegetais, mas sim qualquer forma de ambiente, como os centros urbanos, por exemplo.

A palavra Ecologia vem da união de dois termos gregos: *Oikos*, que quer dizer “casa”, e *logos*, que significa “estudo”. Portanto, Ecologia significa o “estudo da casa” ou então, o “**estudo do habitat dos seres vivos**”.

A Ecologia analisa não somente os organismos em si (sua fisiologia reprodutiva, alimentar, etc.) como também os **fatores físicos** que influenciam essas relações (a pressão atmosférica, a umidade do solo, a temperatura, etc). A **Ecologia** é uma matéria ampla e complexa que se preocupa com o entendimento do funcionamento de toda a natureza.

<https://beduka.com/blog/materias/biologia/ecologia-e-meio-ambiente>

Fonte (BEDUKA 2019) Grifos nossos

No excerto do artigo, podemos notar que a informação é veiculada, compartilhada para o enunciatório em uma linguagem que segue os padrões da norma padrão da língua portuguesa, não especificando o público a qual é destinado, mas pela própria linguagem, percebe-se que o texto é destinado para quem tem conhecimento de leitura e escrita da língua portuguesa. Nessa perspectiva, afirma Leibrunder, (2000, p. 231):

[...]o padrão lexical (nominalizações, vocabulário técnico), e o emprego de verbos na 3ª pessoa do singular, acrescidos da partícula se índice de indeterminação do sujeito), ou na 1ª pessoa do plural (sujeito universal), ocasionando o apagamento do sujeito, são algumas das evidências linguísticas através das quais as características acima podem ser constatadas.

Nesse raciocínio, pode-se dizer que o ADC é produzido baseado nos critérios específicos para a escrita científica, e escrito em terceira pessoa, o enunciador não aparece de forma explícita, ocasionando um determinado apagamento do sujeito.

⁹ Artigo do blog Beduka. Matéria: Ecologia e meio ambiente – qual o significado de cada um e qual a diferença?

Agora vejamos um excerto de outro artigo¹⁰ do mesmo conteúdo destinado ao público infantil.

Quadro 21: Exemplo 2: TDC2 – Excerto do Artigo Meio Ambiente, o lar de todos nós

MEIO AMBIENTE, O LAR DE TODOS NÓS!

Sabia que 5 de junho é o Dia Mundial do Meio Ambiente? A data foi criada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1975. A principal mensagem desse dia é “preserve a natureza!”. Mas será que nós, seres humanos, estamos colaborando para isso? Será que temos agido de forma responsável em relação ao ambiente natural que nos cerca? Muitas vezes, parece que esquecemos que fazemos parte da natureza e que a nossa sobrevivência depende de outros seres vivos e do equilíbrio ambiental... O que podemos fazer para mudar isso?

O primeiro passo na preservação da natureza é conhecer mais sobre o ambiente em que vivemos. Você já deve ter ouvido falar em ecologia, mas sabe o seu significado? **O termo ‘ecologia’ vem do grego. É a soma das palavras *oikos*, que significa ‘casa’, e *logos*, que significa ‘estudo’. Portanto, ao pé da letra, ecologia é o ‘estudo da casa’, sendo que essa “casa” é o lugar onde vivemos, é o meio ambiente!**

<http://chc.org.br/artigo/meio-ambiente-lar-de-todos-nos/>

CHC, seção artigo, nº 311, Junho de 2020

Fonte (CHC 2020) Grifos nossos

Esse excerto foi produzido baseado nas informações fornecidas no texto anterior, e por se tratar de um TDC destinado ao público infantil, é perceptível a diferença nos termos linguísticos utilizados para a construção do sentido do texto.

O primeiro parágrafo do texto faz uma breve introdução sobre a temática lançando ao enunciatário alguns questionamentos como forma de aproximação entre os interlocutores. O texto inicia com a palavra “sabia”, palavra esta, que é utilizada intencionalmente pelo enunciador por fazer parte do vocabulário do público infantil e que evidencia oralidade, construindo um simulacro de interação face a face.

O segundo parágrafo, explica algumas indagações feitas no parágrafo anterior, ampliando o conteúdo abordado. Mais uma vez, o enunciador utiliza uma interrogação para introduzir ao enunciatário a explicação da pergunta logo a seguir, e para essa indagação, o uso de “você já deve ter ouvido falar” é importante para fazer com que o enunciatário, no caso as crianças, se sintam próximas e convidadas a adentrar no conteúdo trabalhado. A explicação da palavra “ecologia”, encontra-se com

¹⁰ Artigo da Revista Ciência Hoje das Crianças – CHC, edição 311, intitulada: Doença de bicho ou de gente?

os mesmos termos científicos do texto anterior, no entanto, é explicado com uma linguagem mais acessível por ser destinado às crianças.

Vale ressaltar que além de todos os fatos elencados sobre a estrutura do texto, os interlocutores aparecem no texto por meio do pronome “nós”, “você” e dos verbos conjugados em primeira pessoa do plural “estamos, temos, esquecemos, fazemos” que diferentemente do texto anterior, não há o apagamento do enunciador, e nesse caso o enunciador aparece justamente para produzir um efeito de sentido de proximidade e de interação face a face, ou seja, interação oral. Vejamos algumas diferenças no quadro a seguir¹¹:

Quadro 22: Comparação entre trechos dos dois textos

<p>Excerto 1: A palavra Ecologia vem da união de dois termos gregos: <i>Oikos</i>, que quer dizer “casa”, e <i>logos</i>, que significa “estudo”. Portanto, Ecologia significa o “estudo da casa” ou então, o “estudo do habitat dos seres vivos”.</p> <p style="text-align: right;">BEDUKA, Abril de 2019 - (grifos do autor).</p>
<p>Excerto 2: O termo ‘ecologia’ vem do grego. É a soma das palavras <i>oikos</i>, que significa ‘casa’, e <i>logos</i>, que significa ‘estudo’. Portanto, ao pé da letra, ecologia é o ‘estudo da casa’, sendo que essa “casa” é o lugar onde vivemos, é o meio ambiente!</p> <p style="text-align: right;">CHC, seção artigo, nº 311, Junho de 2020 - (Grifos nossos)</p>

Fonte: adaptado pela autora

Nesses dois trechos, verificamos que a informação transmitida é a mesma, no entanto, alguns termos linguísticos são usados de formas diferentes. No caso do excerto 2, por se tratar de um TDC, é produzido com uma linguagem mais acessível e com características orais, e isso constatamos no uso dos termos “ao pé da letra - sendo que essa “casa”, além de ser um texto mais explicativo.

Diante do exemplo citado, podemos afirmar que a DC acontece na difusão da ciência para atingir um público específico, e conforme Santos (2007, p. 48), o texto científico é produzido por uma comunidade de especialista, cujo objetivo, é atingir dois públicos. Por um lado, o discurso científico que se destina a um público específico e com circulação restrita a este campo. Por outro lado, a Divulgação Científica que tem por finalidade divulgar o conhecimento científico para um público ampliado e de não especialistas, pois a ideia principal não é formar especialistas, mas transmitir e

¹¹ Comparação entre os trechos dos dois excertos para mostrar a diferença na forma de escrever de um Texto Científico e o Texto de Divulgação Científica.

compartilhar saberes. Nesse sentido, na tabela abaixo elencamos algumas características de semelhanças e/ou diferenças entre o ADC e o TDC¹² para crianças.

Quadro 23: Característica do ADC para o TDC

TEXTO CIENTÍFICO	TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA (PARA CRIANÇAS)
<ul style="list-style-type: none"> • Requer conhecimento teórico; • Linguagem complexa; • Norma padrão da Língua; • Impessoal, escrito em 3º pessoa; • Há “apagamento” do enunciador; • Argumentativo; • Expositivo; • Objetivo; • Objetiva transmitir conhecimento teórico científico. 	<ul style="list-style-type: none"> • Linguagem acessível; • Uso da norma padrão da língua, porém, faz uso de palavras própria do vocabulário oral; • Aparecimento dos interlocutores, uso de 1º e/ou 3º pessoa; • Argumentativo; • Expositivo; • Pode ser subjetivo; • Explicativo; • Objetiva apenas transmitir conhecimento.

Fonte: Elaborado pela autora

Diante das características elencadas entre os dois tipos de textos, é perceptível que os dois tipos de textos visam transmitir conhecimento, mesmo que de forma diferente, e para público diferenciado. Desse modo, Silva (2006, p. 53) afirma que o termo “divulgação científica, longe de designar um tipo específico de texto, está relacionado à forma como o conhecimento científico é produzido, como ele é formulado e como ele circula numa sociedade como a nossa.” A circulação do TDC se dá em meios diversos, e está presente na Escola, na TV, na rádio, nos jornais, nas revistas impressas e online, internet, cada um com a seu modo e com linguagem própria, permitem que o conhecimento científico circule tanto na comunidade de especialistas, quanto um público mais amplo a qual é direcionado.

Por perpassar e transitar por meios de comunicação diversificados, pode-se notar que a DC abarca área diversificada da ciência, abarcando e promovendo diálogos entre os diversos saberes dos conteúdos abordados, cada um com sua especificidade, mas favorecendo especificamente a disseminação do saber científico em todas as formas de uso e veiculação a qual o conhecimento científico é transmitido.

¹² Tabela de algumas características entre o Texto Científico e o Texto de Divulgação Científica para crianças. Autoria própria.

Nesse sentido, os TDC's podem enriquecer e serem um grande suporte para o ensino e aprendizagem, não só na escola, mas em todos os públicos as quais os textos forem transmitidos com o intuito de levar esse conhecimento de forma mais simples, porém científica.

Isso se dá pelo fato de os TDC's possuírem um discurso específico, amplo e de grande variedade de textos, levando em consideração o contexto de produção e o público específico de cada texto produzido. Considerando que cada texto possui um público específico, aqui abordamos os textos destinados ao público infantil que exige uma reformulação e uma linguagem apropriada para as crianças, buscando termos linguísticos apropriados que possam chegar ao entendimento do interlocutor.

Vejam no quando abaixo, um exemplo¹³ de forma mais detalhada para melhor compreendermos o modo em que o texto é escrito e como o conteúdo é abordado com uma linguagem pertencente ao campo semântico das crianças.

Quadro 24: Modo de escrita do Texto de Divulgação Científica

<p>Nariz para fazer som!</p> <p>Você recebeu o convite para assistir à apresentação de uma grande orquestra. O teatro está lotado e o seu ingresso é para – uau! – a primeira fila! Você está muito perto dos músicos. Pode ver violinos, violoncelos, contrabaixos, harpas, flautas, clarinetes, trompetes, tubas. O som é puro encantamento. Você aproveita cada segundo e sai de lá com a certeza de que uma obra musical é resultado da união de diferentes fontes sonoras, traduzindo a emoção de um compositor.</p> <p>Continue viajando na imaginação e tente imaginar que você recebeu um convite para ver outra orquestra. Dessa vez não será no teatro, mas no fundo do mar! Os músicos são nada mais, nada menos do que os golfinhos! Sim, esses animais marinhos evoluíram um instrumento capaz de compor combinações de sons indispensáveis para se comunicarem com o seu grupo, navegar e caçar. Que instrumento é esse? O nariz dos golfinhos!</p> <p style="text-align: right;">http://chc.org.br/artigo/nariz-para-fazer-som/</p> <p style="text-align: right;">CHC, Seção Artigo, Edição 294, 2019</p>
--

Fonte: (CHC 2019) Grifos nossos

Ao lermos o texto, podemos perceber que é abordado um conteúdo que desperta a curiosidade do interlocutor por meio de uma comparação feita entre instrumentos musicais e músicos de uma orquestra com o barulho emitido pelo nariz dos golfinhos. No título do texto, “Nariz para fazer som!”, podemos notar que da

¹³ Texto retirado da Versão online da RCH para exemplificar o modo em que se utiliza os recursos linguísticos acessíveis ao público infantil na produção do texto.

palavra “nariz” que é um membro do corpo, que para se tornar compreensível no enunciado é feito a reescritura fazendo uma ligação das palavras “nariz e som” de modo que dê sentido ao título provocando curiosidade no interlocutor, incitando-o à leitura do texto por completo, pois, apenas pelo título, o interlocutor não tem como saber de imediato, do que de fato, se trata o texto.

No primeiro parágrafo podemos observar que o sentido do texto é compreendido pelo fato de as palavras serem usadas pela própria significação. As palavras “orquestra, teatro, músicos” são usadas no seu sentido literal, pois segundo o dicionário online Michaelis (2020), orquestra é o conjunto de instrumentistas que executam peças musicais e sinfônicas normalmente sob regência de um maestro, “teatro” lugar destinado à representações de obras (dramáticas, comédias, romance e etc...) e outros espetáculos públicos, e “músicos”, são profissionais que exercem atividades relacionadas à música. Dessa forma, essas palavras se tornam compreensíveis no enunciado pela sua significação e passam a fazer sentido mediante ao campo semântico do interlocutor.

No segundo parágrafo, o enunciador faz uso do verbo “continue” no imperativo e convoca o enunciatário a permanecer fazendo um percurso pelo conteúdo a qual está abordando quando fala “continue viajando na imaginação”. Essa expressão é utilizada no intuito de fazer com que o enunciatário, já conhecendo o enunciado anterior, possa adentrar no enunciado posterior, afim de levar o interlocutor a construir sua própria compreensão do enunciado como um todo. Vale ressaltar, que nessa transição do primeiro para o segundo parágrafos, o espaço de enunciação muda de um parágrafo para o outro, e conseqüentemente, o sentido.

Desse modo, podemos perceber que a palavra “orquestra”, está presente no segundo parágrafo, mas na construção desse enunciado ela se apresenta não mais no sentido literal, como no primeiro parágrafo. Nesse caso, acontece o processo de reescrituração¹⁴, que segundo Machado (2019) é o modo em que uma palavra é redita por outras palavras e como isso produz outros sentidos no acontecimento enunciativo, estabelecendo uma relação do presente da enunciação com o passado, com o memorável que é recortado. Nesse sentido, a palavra “orquestra”, no segundo

¹⁴ Os processos de designação e reescrituração são estudados por Guimarães (2009) em Semântica do acontecimento, uma perspectiva da Semântica da Enunciação. A designação e reescrituração aparecem com frequência no Texto de Divulgação Científica, especificamente aos destinados às crianças.

parágrafo, está relacionada a uma orquestra de golfinhos, que passa a ter significado dentro do contexto semântico-enunciativo a qual está inserido. Esse mesmo processo ocorre com as palavras “teatro e músicos”. Vale salientar, que esse modo de redizer o conteúdo do texto, também se recorre com frequência ao uso de metáforas¹⁵ para melhor explicar a temática trabalhada para as crianças.

Na sequência, podemos observar no enunciado “Dessa vez não será no teatro, mas no fundo do mar” que a palavra “teatro” está semanticamente ligada ao termo “fundo do mar”. Nesse caso, o termo utilizado com uso de metáfora, expande o sentido da palavra teatro ampliando a visão do enunciatário e situando-o no espaço enunciativo a qual o enunciador está se referindo, o “fundo do mar”. Conforme Guimarães (2009), aqui essa ligação entre as expressões é um modo de ampliar o que está dito no termo teatro. Esse mesmo processo ocorre em “Os *músicos* são nada mais, nada menos do que os golfinhos!”, ao esclarecer para o enunciatário que os músicos são os golfinhos, e não os musicistas a qual a palavra se refere no primeiro parágrafo. Nesse caso, “golfinhos”, aparece no texto com sentido literal e ao mesmo tempo no sentido figurado com o sentido de “músicos”.

Nesse sentido, segundo Guimarães (2009, p. 54), “uma expressão linguística reporta-se a uma outra por algum procedimento que as relaciona no texto integrado pelos enunciados em que ambas estão”. Esse procedimento se dá pela interpretação de uma palavra diferente de si, em virtude de outra palavra que se usa para se referir a um termo já utilizado. Nessa perspectiva, podemos usar uma palavra, termo ou expressão linguística para redizer o dito com outros termos que se ligam ao dito em um dado espaço semântico e enunciativo abrindo espaço para uma nova interpretação.

Dando continuidade ao sentido do enunciado, a palavra “instrumento”, condensa todos os instrumentos musicais citados no primeiro parágrafo “violinos, violoncelos, contrabaixos, harpas, flautas, clarinetes, trompetes, tubas”. Percebe-se que há resumo de informações sem perder o sentido do enunciado, e em apenas uma palavra “instrumento” ficam implícitas informações que podem ou não ser expostas sem prejudicar o sentido do enunciado. Vale lembrar, que nesse segundo parágrafo o campo semântico da palavra instrumento já está relacionado ao nariz do golfinho, explícito pelo enunciado “instrumento capaz de compor combinações de sons”. Nesse

¹⁵ O uso de metáforas no Texto de Divulgação Científica é utilizado com frequência para explicar de forma mais detalhada o conteúdo para as crianças.

mesmo enunciado, além da palavra instrumento há também “compor combinações de sons” que se liga semanticamente no enunciado com “união de diferentes fontes sonoras” no primeiro parágrafo. Ainda no segundo parágrafo, podemos perceber que as palavras “navegar e caçar” não se apresentam com significado literal, e mesmo não estando explícitas em outras partes do enunciado, o sentido é formado pelo contexto semântico e espaço enunciativo do enunciado como um todo.

Na linha das considerações feitas no exemplo acima, podemos afirmar que o TDC tem uma forma específica para atingir seu objetivo, é um texto que necessita ser pensado e elaborado observando os detalhes necessários para que seja eficaz ao público direcionado. Por isso, faz uso de vários recursos linguísticos para ser formulado e compreendido como um todo, dando várias possibilidades de análises e interpretações.

Diante disso, em meio aos pressupostos teóricos deste capítulo que tratamos sobre DC, e nesta seção sobre TDC, na seção a seguir, abordaremos a CHC, que se insere no contexto didático, embora esteja presente também, no meio midiático e científico. Assim, daremos continuidade com a discussão discorrendo sobre a revista CHC.

3.4 A revista Ciência Hoje das Crianças

Para início dessa discussão, vale saber sobre a SBPC, que embora não sendo o único órgão envolvido no processo de desenvolvimento da DC nas décadas de 60 a 70, é uma das grandes responsáveis pelas atividades relacionadas à disseminação da DC no Brasil. Nesse processo, órgãos como, como editoras e empresas jornalísticas, visando o possível retorno econômico, passaram a implantar importantes iniciativas para o setor. Neste cenário, foi criada a revista CH, imersa nesse panorama de mudanças científicas que abarcava os contextos político-social, econômico e ideológico, que também está presente na construção enunciativa da revista, na qual ocupa uma predominância em seu conteúdo, transmitindo não só o saber científico, mas fazendo uma junção da ciência com a atualidade.

Quanto a isso, afirma Sousa (2014), a combinação das três correntes da DC, a proposta da CH se integrou a uma estratégia que se desdobrava em outras

iniciativas da SBPC nos anos seguintes, que articula elementos das esferas científicas, educacional e midiática em um projeto moderno de atuação que reitera o entendimento da ciência como um conhecimento comprometido com o futuro, com a promoção da educação e do desenvolvimento, colaborando com as problemáticas sociais, e contribuindo também, na construção de uma sociedade esclarecida pelo pensamento racional. Desse modo, os embates ideológicos, a sociedade, a política, a economia e o desenvolvimento sociocultural, serviram de alicerce para o surgimento da CH, e conseqüentemente, sua continuidade.

Reitera Costa (2014, p. 246), que:

Comparando a produção enunciativa da revista na década de 1980 com as das décadas seguintes, é possível, então, perceber que algumas descontinuidades em grande medida explicáveis pelo assédio de esquemas cognitivos, procedimentos interacionais, padrões de enunciação, referências espaço-temporais e representações do conhecimento científico implicados pelos sistemas de regulação econômica, política e social instituídos pela supremacia da acumulação flexível.

Nesse raciocínio, pode-se perceber que as mudanças ocorridas nas produções seguintes, acompanharam o tempo e foram se ajustando à realidade a qual a sociedade estava inserida, pois, se o tempo muda, a tendência é que as pessoas, a sociedade ou instituições, acompanhem essas transformações ocorridas no meio social, necessitando algumas vezes passar por um processo de desconstrução para acontecer uma nova reconstrução.

Nesse processo de mudança, anos depois, em 1986, foi elaborada pelo Instituto Ciência Hoje, a CHC, com o intuito de despertar a curiosidade das crianças e proporcionar o aprendizado de forma criativa, mostrando que a ciência está presente no dia-a-dia e que ela pode ser ensinada de forma divertida. Por se tratar de uma revista de qualidade e renome, por apresentar conteúdos relevantes para o público, passou a ser distribuídas para as escolas públicas do Brasil. Convém ressaltar, que a CHC foi a primeira revista brasileira a escrever sobre ciência para as crianças e já ganhou o prêmio José Reis de divulgação científica.

Visto que a CHC visa a promoção e divulgação da ciência para o público infantil, e está inserida no contexto didático, ressaltar o que orienta Bueno (2009, p. 162):

[...] a divulgação científica não está restrita aos meios de comunicação de

massa. (ela) inclui não só os jornais, revistas, rádio, TV ou mesmo o jornalismo online (sic), mas também os livros didáticos, as palestras de cientistas e pesquisadores abertas ao público leigo, o uso de histórias em quadrinhos ou de folhetos para veiculação de informações científicas (encontráveis com facilidade na área da saúde/Medicina), determinadas campanhas publicitárias ou de educação, espetáculos de teatro com a temática de ciência e tecnologia (relatando a vida de cientistas ilustres) e mesmo a literatura de cordel, amplamente difundida no Nordeste brasileiro (BUENO, 2009, p. 162)

Nesse raciocínio, nota-se que a autora insere material didático no contexto de DC, e por isso, a CHC pode ser inserido no contexto didático, sendo utilizada como um material paradidático, pois possibilita o público leitor, neste caso o público infantil, se apropriar de temáticas relevantes que são discutidas na academia e que estejam ligadas ao cotidiano, fazendo uso de uma linguagem de fácil compreensão. Por isso, a CHC é reconhecida como uma revista que produz conhecimento científico para as crianças, por se encaixar dentro dos atributos didáticos, científicos e midiáticos da DC. Sendo assim, além de estar presente na revista, tanto impressa quanto online, a CHC está presente na televisão, pois a TV Cultura, tendo por base a CHC, criou o espaço de nome Pequeno Cientista, cujos protagonistas são Rex e Diná. E a Empresa Municipal de Múltiplos da Cidade do Rio de Janeiro, sob consultoria da equipe da CHC, criou a série, Detetives da ciência, no intuito de mostrar o lado científico do dia a dia. Além disso, as versões de maior destaque da CHC, tornam-se livros, publicados pela editora Companhia das Letrinhas.

A revista CHC é subdividida nas seções de jogos e brincadeiras, mão na massa, superdicas, fala aqui, artigos, baú de histórias, quero saber, gente da nossa história, ciência, onde estamos, quando crescer vou ser, mundo animal, que bicho foi esse?, matematicamente, como diria o cérebro e de olho no espaço. Mas para esta pesquisa, selecionamos apenas a seção artigo para retirarmos os textos para as análises, por se tratar de TDC. Com base na leitura, podemos dizer que a revista CHC é uma revista híbrida e de qualidade, e no Brasil, foi a primeira revista, pensada e planejada para se tornar um veículo de comunicação de cunho de DC para crianças. Por ser uma revista de cunho científico, conta com a colaboração de vários cientistas de diferentes áreas para manter a qualidade científica, precisão do conteúdo veiculado, bem como para continuar perseverante com seu ideal.

Com isso, podemos dizer que além de a revista CHC apresentar um cunho científico, apresenta por meio dos textos e pela forma que é abordado temas atuais, relevantes, acessíveis que leva o interlocutor a fazer uma relação com as práticas

sociais e discursivas, bem como uma intertextualização e contextualização com outras temáticas discutidas na sociedade em diversas áreas de conhecimento. Assim sendo, tendo realizado todo o percurso teórico desta pesquisa, no próximo capítulo descreveremos os procedimentos metodológicos utilizados para alcançamos os resultados deste trabalho.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, descreveremos o percurso realizado nesta pesquisa, os recursos, procedimentos e categorias de análises utilizados, a fim de mostrar como se constituiu a esta pesquisa e a escolha do *corpus*. Para tanto, dividimos o capítulo em em três seções. Na primeira seção, 4.1, descreveremos sobre os critérios de seleção do *corpus*. Na segunda seção, 4.2, defino o *corpus*. Por fim, na terceira seção, 4.3, descrevo os procedimentos e categorias de análises.

4.1 Critérios de seleção do *corpus* da pesquisa

A escolha do objeto de pesquisa se deu devido o Texto de Divulgação Científica ser tema de pesquisas recentes voltadas para a vulgarização ou popularização da ciência, uma vez que o conhecimento científico sempre foi voltado para a comunidade acadêmica com normas cultas e apropriada para um público letrado. Desse modo, a revista CHC entra em cena por se preocupar com a divulgação do conhecimento científico para um público que ainda não conhece e não pertence à comunidade acadêmica, e por isso, tornou-se um veículo de divulgação do conhecimento científico para o público infantil, cujo conteúdo é adequado e reformulado com uma linguagem apropriada para as crianças.

Diante disso, os textos publicados pela CHC são apropriados para estudos e pesquisas em diversas áreas da linguística, bem como para os estudos enunciativos. Para selecionar o *corpus* deste trabalho foram realizadas pesquisas no site da revista CHC e foram selecionados inicialmente 10 textos da seção Baú de Histórias e 12 textos da seção Artigo a qual foram lidos minuciosamente para entender de que modo o texto se apresentava e ao mesmo tempo identificando nos textos as categorias a serem analisadas. Os textos da seção Baú de História foram relevantes na leitura para poder comparar o modo em que se apresentavam os textos entre uma seção e outra e perceber como a seção artigo se destacava por ser um gênero especificado.

Após a leitura dos 22 textos iniciais, selecionamos mais 12 textos das seção Artigo para ler e fazer anotações pertinentes às categorias de análises escolhidas para

a realização da pesquisa. Em seguida, já com algumas anotações, escolhemos mais 10 textos para fazer a leitura e agregar mais possibilidade de escolha dos textos para análise. Vale ressaltar, que os textos selecionados e lidos foram das edições dos anos de 2018, 2019 e 2020. Dentre os 44 textos lidos, escolhemos 8 para as análises, e para chegarmos á essa escolha, usamos a técnica de corte, ou seja, durante a leitura dos textos eliminamos os artigos que apresentavam as mesmas categorias de análises, então, foram escolhidos os textos cujas categorias apareciam com maior pertinência. Convém lembrar, que em alguns textos são encontrados as mesmas categorias de análises, porém em contexto e situações diferenciadas.

Os critérios adotados para a seleção do *corpus* foram: os textos perteceram às versões online da revista CHC das edições de 2019 e 2020, por serem as versões mais atualizadas e por serem publicadas concomitantemente com o período de realização da pesquisa. Quanto ao conteúdo, foram selecionados textos cuja temática fosse relevante e diversificada. Ressaltamos que além desses critérios elencados, os textos foram escolhidos também por apresentarem as categorias de análises propostas nos objetivos desta pesquisa. A seguir, discorreremos sobre o *corpus da pesquisa*.

4.2 Corpus

O *corpus* da pesquisa foi retirado da revista Ciência Hoje das Crianças (CHC), cujos textos são de divulgação científica. Desse modo, analisamos oito textos retirados das versões online da revista CHC, cujos temas são atuais, diversos e relevantes para o público a qual se destina e para a sociedade de modo geral.

Como base teórica para as análises, utilizamos a teoria da enunciação para entendermos de que modo funcionam os elementos linguísticos e os mecanismos enunciativos na construção do texto. Utilizamos também as marcas de oralidade em textos escritos para compreendermos como se dá o processo da presença da oralidade em enunciados escritos. Os pressupostos teóricos foram essenciais para entender como funciona as escolhas enunciativas utilizadas nos enunciados escritos, bem como compreender os diferentes modos de produção de efeitos de sentido e como esses efeitos colaboram para persuadir o leitor.

Para melhor nos inteiramos dos textos escolhidos, fizemos um quadro abaixo que especifica cada um dos textos selecionados¹⁶.

Quadro 25 - Textos selecionados para as análises

1 Organização para ninguém botar defeito! /CHC, Seção Artigo, Edição 300, 2019.
2 Tem ciência em tudo – até no balé! / CHC, Seção Artigo, Edição 301, 2019.
3 Etnoconhecimento: saberes que ultrapassam o tempo / CHC, Seção Artigo, Edição 301, 2019.
4 A lama que conta história / CHC, Seção Artigo, Edição 302, 2019.
5 Uma partida Genial! / CHC, Seção Artigo, Edição 298, 2019.
6 E-lixo. O que é isso? / CHC, Seção Artigo, Edição 299, 2019.
7 Restauração é vida de volta! / CHC, Seção Artigo, Edição 305, 2019.
8 Vírus gigante? O que é isso?! / CHC, Seção Artigo, Edição 305, 2019.

Fonte (Elaborado pela autora)

Os textos selecionados foram publicados na versão online da revista CHC na seção artigo, dos anos de 2019 e 2020. Cada um dos textos selecionados aborda conteúdos diversificados e com temas relevantes. O texto um ensina o processo de fazer uma tabela organizada para inserir as principais coisas que o enunciatário gosta de fazer; o texto dois faz usa a arte, o balé, para explicar as leis da gravidade, fazendo uma junção do conhecimento artístico com alguns conhecimentos da física; o texto três faz uma comparação com os saberes tecnológicos da atualidade com a cultura de outros povos que no passado não tinham acesso à tecnologia; o texto quatro compara os jogadores de uma partida de futebol com um grupo de cientistas fazendo uma alusão aos estudos científicos: o texto cinco aborda questões ambientais, especificamente, sobre degradação e restauração da natureza; o texto seis faz um questionamento sobre o que é feito com o lixo eletrônico; o texto sete trata do processo de retirada da lama de dentro da água para realização de pesquisas; e o texto oito, fala da descoberta do vírus *Acanthamoeba polyphaga Mimivirus*, maior que os vírus comuns. Todos esses textos constam nos anexos desta pesquisa. Após sabermos quais textos foram analisados, passemos então, aos procedimentos de análise.

¹⁶ Quadro dos títulos dos textos selecionados, seção e edições das publicada pela revista CHC.

4.3 Procedimentos de análise

Para esta pesquisa, temos como proposta, analisar as marcas da enunciação presentes em Textos de Divulgação Científica como mecanismo gerador de efeito de sentido de oralidade entre os interlocutores. Para isso fizemos uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e adotamos o método interpretativista.

Segundo Prestes (2012, p. 20), a pesquisa bibliográfica “se efetiva tentando-se resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações provenientes de material gráfico, sonoro ou informatizado”. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa dá auxílio no aporte teórico, bem como na coleta de dados do *corpus* de pesquisa. E a pesquisa interpretativista de abordagem qualitativa, conforme Moita Lopes (1994), é voltada para a compreensão que o pesquisador tem do objeto de análise, o que se faz entender que teorias voltadas para a realidade são formas de dar sentido ao mundo, sendo que a interpretação final dessas teorias passa pelo percepção do pesquisador. Vale ressaltar, que para a realização das análises foi feito primeiro uma análise piloto do texto, uma partida genial, a qual foi corrigida pelo professor orientador, com sugestões e questionamentos pertinentes que contribuíram para a realização das outras análises.

Diante disso, antes de iniciarmos as sequências de análises, fizemos uma breve contextualização de todos os textos para melhor compreensão dos enunciados. Vale deixar claro também, que em cada texto analisado identificamos categorias iguais e distintas de análise¹⁷, e por isso, em algumas categorias de análises fizemos alguns excertos pelo fato de o texto completo já ter sido analisado em outra categoria. Sendo assim, no quadro a seguir, veremos a sequência e as categorias de análises.

Quadro 26 -Categorias de análise

Sequência de análise	Categoria de análises
As debreagens	<ul style="list-style-type: none"> • Debreagem enunciativa; • Debreagem enunciva; • Debreagem de primeiro grau; • Debreagem de segundo grau;

¹⁷ Corpus analisados e as categorias de análise encontrada em cada texto

Categoria de pessoa	<ul style="list-style-type: none">• Pessoa;• Não pessoa;• pessoa transformada (discurso reportado);
Efeitos de sentido de oralidade	<ul style="list-style-type: none">• Escolhas linguísticas projetadas nos enunciados que geram efeitos de sentido de oralidade.

Fonte (elaborado pela autora)

Convém ressaltar, que na teoria da enunciação discutimos sobre os mecanismos de enunciação, embreagem e debreagem, mas nos textos analisaremos apenas a debreagem. Portanto, tendo definido os procedimentos de análises, no capítulo 6, descreveremos e interpretaremos os resultados obtidos nas análises dos dados.

5 ANÁLISES E RESULTADOS

Neste capítulo, apresentaremos os resultados das análises do *corpus* desta pesquisa. Nos textos selecionados para as análises, percebemos aproximação dos interlocutores por meio da estrutura própria do ADC e dos mecanismos linguísticos utilizados na construção do texto. Por isso, vale deixar claro que analisamos as marcas da enunciação presentes em TDC como mecanismo gerador de efeito de sentido de oralidade entre os interlocutores. Para isso, na seção 5.1, faremos uma breve contextualização dos textos escolhidos para as análises. Em seguida, na seção 5.2, analisaremos as depreagens enunciativa, enunciva, depreagem interna de primeiro e de segundo grau. Na seção 5.3, analisaremos a categoria de pessoa. E na última seção, 5.4, analisaremos os efeitos de sentido de oralidade presentes nos enunciados escritos.

5.1 Contextualização dos textos analisados da revista *Ciência Hoje das Crianças*

Nos textos analisados, perceberemos as marcas da enunciação por meio de estratégias enunciativas e escolhas linguísticas que geram efeitos de sentido de oralidade, de verdade e de aproximação entre os interlocutores. Todos os textos tratam de assuntos variados, atuais e relevantes para a sociedade e para o público infantil. Diante disso, iniciamos fazendo uma breve contextualização dos temas abordados nos textos.

No primeiro texto, *Organização para ninguém botar defeito*, já no título, pode-se notar pela forma em que está escrita, a familiaridade do vocabulário usado com a linguagem voltada para crianças que interfere diretamente na forma em que o conteúdo é abordado. Quanto ao conteúdo, podemos perceber que o texto, mesmo sendo destinado para crianças, apresenta uma temática voltada para elementos químicos, a qual é de difícil compreensão, mas que ao ser transformado estruturalmente em um TDC com aspectos concernentes ao campo semântico e linguístico próprio deste gênero, torna-se acessível ao público infantil. Isso se dá pelo

fato de o TDC ter o propósito de atingir o público infantil, e para isso utiliza recursos disponíveis no sistema linguístico para atingir seu objetivo.

O segundo texto, *Tem ciência em tudo – até no balé*, mostra como a ciência está presente no dia a dia fazendo uma alusão do conhecimento científico com o balé. Isso se dá logo pelo título, que já é feita uma aproximação da ciência com uma arte, o balé, e desperta curiosidade no leitor para saber que tipo de ciência existe nessa arte. Com a junção de texto científico com a realidade do leitor, observa-se que o conhecimento científico chega ao leitor não apenas por textos científicos complexos, mas que pode chegar ao interlocutor de forma mais simples e de fácil entendimento, pois segundo Bueno (1984), a divulgação científica não se caracteriza apenas como possuidora de um discurso próprio, mas se define também, por possuir um campo de conhecimento mais amplo devido à grande variedade dos textos produzidos de acordo com as condições de produção e o público a qual deseja atingir.

O terceiro texto, *Etnoconhecimento: saberes que ultrapassam o tempo*, faz um percurso na história da evolução de conhecimentos tecnológicos e saberes advindos de povos, costumes e culturas que ajudaram na evolução da ciência. Com isso, é feita uma alusão à tecnologia, afirmando que vivemos na era da informação e que a humanidade está cercada e imersa na tecnologia. Ao estar inserido no meio tecnológico, o interlocutor compreenderá o sentido do enunciado, pois todas as palavras e termos utilizados pertencem ao campo semântico dos interlocutores, isso faz com que haja entendimento do texto em sua essência.

O quarto texto, *Uma partida genial*, faz uma comparação de uma partida de futebol com as leis da natureza, dando ênfase não apenas aos jogadores, mas principalmente, para a bola. Para essa comparação, o narrador utiliza nomes de cientistas importantes, como, Galileu, Bernoulli, Marie Curie, para fazer essa comparação, explicando a ciência por meio de uma partida de futebol, cujos nomes dos jogadores são os cientistas. Essa comparação feita entre os jogadores e os cientistas, aborda dois cenários importantes para a sociedade e para o público leitor, pois, tanto a ciência quanto o futebol fazem parte do cotidiano do enunciatário e isso faz com que se torne atrativo a temática abordada.

O quinto texto, *Restauração é vida de volta*, aborda uma temática relevante, não só para o público leitor, mas para toda a sociedade, pois fala sobre a importância da preservação da natureza, afirmando que no passado existiam muitas plantas, bichos, enquanto hoje, devido a devastação da natureza, as árvores e os bichos estão

poucos, alguns até entraram em extinção. Desse modo, o texto faz uma alerta para as questões ambientais e ao mesmo tempo enfatiza que há pesquisadores específicos para restaurarem essas áreas afetadas pela degradação da natureza. Com isso, pelo título do texto já se desperta a curiosidade do enunciatório para saber a que tipo de restauração o enunciador se refere, e isso incita a leitura do texto por completo. Desse modo, tendo em vista que a palavra restaurar, pode ser direcionada para várias coisas em diversos contextos e sentidos, nesse enunciado, trata-se da restauração da natureza. Diante dessa temática, podemos dizer que, a restauração da natureza é uma temática sempre atual, pois na atualidade, vivemos imersos em uma constante degradação da natureza e é sempre bom trabalhar essa temática não só a nível de conhecimento, mas também a nível de conscientização sobre a preservação do meio ambiente.

O sexto texto, E-lixo. O que é isso?, faz alguns questionamentos e ao mesmo tempo comunicados importantes de utilidade pública, mostrando o que deve ser feito com o lixo eletrônico que é produzido pela família, por cada pessoa ou mesmo pela sociedade. Ao mesmo tempo, afirma que jogar esse lixo eletrônico no lixo comum não é a melhor opção, pois isso colabora com a destruição do planeta, e também da saúde humana. Esses questionamentos já criam efeito de sentido de proximidade entre os interlocutores. Diante disso, a temática torna-se relevante não apenas por se tratar do lixo eletrônico, mas pode ser estendida pela produção do lixo de modo geral, que além de causar danos à natureza, causa danos também na vida humana.

O sétimo texto, intitulado, A lama que conta história, fala sobre pesquisas que são feitas na lama para obterem informações e fazerem descobertas de seres que viveram na água, ou até mesmo fora da água, e fazem isso com a ajuda de equipamentos e de profissionais específicos da área. Diante disso, pode dizer que essa temática, até então era desconhecida para muitos, pois são poucas as pessoas que se interessam pelo conhecimento científico voltada para estudos dessa natureza. Sendo assim, por meio desse conhecimento pode-se expandir novos conhecimentos e interesses sobre a temática abordada.

No oitavo e último texto, Vírus gigante? O que é isso?!, aborda uma temática voltada para a área da biologia, falando sobre um vírus considerado grande em relação aos outros vírus, mas que mesmo sendo considerado grande, não pode ser visto a “olho nu”, e que esse vírus já existia a cerca de 200 anos, mas pelo fato dos cientistas filtrarem algumas soluções, apenas os pequenos vírus passavam pelos

poros dos filtros, enquanto os vírus maiores ficavam escondidos e não eram visualizados pelos cientistas. Isso leva a entender que são diversos os vírus existentes e cada um se apresenta de modo particular e necessita de estudos específicos para serem conhecidos e pesquisados adequadamente.

Desse modo, após a contextualização de cada texto, antes de iniciarmos as análises, vale deixar claro, que em cada instância enunciativa há dois actantes que juntos irão constituir o sujeito na enunciação, são eles: enunciador e enunciatário, narrador e narratário, interlocutor e interlocutário. Segundo Crestani (2010), o enunciador designa a primeira instância enunciativa e também comportam outros actantes em segunda e terceira instância na enunciação e este se dirigirá ao enunciatário. O narrador e narratário utilizaremos para nos referirmos à segunda instância na enunciação. O interlocutor e interlocutário, usaremos nas relações de terceira instância para nos referirmos aos atores do enunciado em discurso direto. E o termo locutor, usaremos para nos referirmos aos atores do enunciado cujas vozes são submetidas pelas do narrador em discurso indireto.

Quando à oralidade, vale lembrar, que evidenciamos a oralidade como efeito de sentido de oralidade, e por isso podemos conceber que mesmo em textos escritos, estão presentes as marcas de enunciação, levando em consideração o contexto de produção, o ato enunciativo e o enunciado. Diante disso, pelo fato de o TDC passar por um processo de transformação em sua construção, as marcas enunciativas se fazem presente no enunciado visando proximidade entre os interlocutores, fazendo com que o texto escrito pareça um texto oral.

Diante disso, vale acrescentar que todos os textos analisados estão por completo nos anexos. Desse modo, após um apanhado geral sobre a temática de cada texto, daremos início às análises, iniciando belas debreagens.

5.2 As debreagens

A debreagem é uma operação que projeta no enunciado as categorias de pessoa, espaço e tempo na enunciação, e funciona como um mecanismo de instauração do sujeito no enunciado ocupando uma função específica na constituição do enunciado e no processo de articulação da enunciação. A debreagem actancial

projeta um não *eu* para fora da instância enunciativa e instala no discurso os parceiros enunciativos compreendidos pelo *eu* e o *tu*. A debreagem enunciativa é caracterizada pela presença do *eu* e o *tu* no enunciado, e a debreagem enunciativa se caracteriza pela presença do *ele*, actante do enunciado. A debreagem interna de primeiro grau está inserida na segunda instância, composta pelos actantes, narrador e narratário, e ocorre quando o enunciador delega a voz para o narrador. A debreagem interna de segundo grau ocorre quando o narrador delega a voz para o interlocutor sob forma de diálogo no enunciado e está inserida na terceira instância, tendo como pares de actantes, interlocutor e interlocutário. Sendo assim, analisaremos nos textos a seguir, as debreagens enunciativa, enunciativa e debreagens de primeiro e segundo grau.

Quadro 27: Texto 1 - Organização para ninguém botar defeito!

1	Tem gente que adora organizar as coisas. Você é dessas pessoas? Consegue, por exemplo, fazer listas daquilo que gosta? Suas brincadeiras favoritas? Músicas? Tipos de
2	comida? Tente fazer uma lista e organizar, por assunto, as suas preferências. Escreva as
3	brincadeiras uma debaixo da outra, as músicas também, as comidas idem...logo, logo você
4	não terá uma lista, mas uma tabela de tudo o que gosta! Pois, uma tabela muito famosa foi
5	criada de maneira parecida há 150 anos. Nela, o cientista russo Dmitri Mendeleev organizou
6	todos os elementos químicos conhecidos até aquela época de acordo com suas características.
7	Ele ainda deixou espaços para elementos que seriam descobertos. Como é que pode?
8	Os elementos químicos reunidos por Mendeleev fazem parte da nossa vida. Na
9	verdade, tudo à sua volta tem elementos químicos. Inclusive o papel em que você está
10	escrevendo sua lista, assim como a tinta da caneta, e até sua mão, o resto do seu corpo, a
11	água, o planeta inteiro – ufa! Tudo que existe está composto por elementos químicos. E tudo é
12	formado por partículas muito, muito pequenas chamadas átomos.
13	Cada elemento químico é um tipo diferente de átomo. Hoje conhecemos 118 elementos
14	químicos. E eles estão todos na tabela que Mendeleev criou. Já percebeu que essa lista
15	ocupou muito espaço na vida do cientista, não é? E deve ter dado um trabalhão escrever os
16	nomes dos elementos...então, a solução foi abreviar, usando um símbolo para cada item. Quer
17	um exemplo? Se você adora comida mineira e resolve fazer uma lista de comidas da região,
18	ela poderia ficar assim:
19	Pão de queijo – P
20	Frango com quiabo – Fr
21	Feijão tropeiro – Fe
22	Canjiquinha – Ca
23	

CHC, Seção Artigo, Edição 300, 2019

Fonte (CHC 2019) Grifos do nossos

No texto, no início do primeiro parágrafo, linha 1, na expressão, *tem gente*, o enunciador pressupõe um *ele*, mas sem deixar claro a quem está se referindo, este *ele*, pode ser as crianças às quais se refere ou outro público. Nesse caso, podemos dizer que instância linguística pressuposta se trata de uma enuncividade, ou seja, é um *enunciado enunciado*, por apresentar-se em terceira pessoa, causar, entre os interlocutores, efeitos de sentido de distanciamento com o uso da terceira pessoa, e por apresentar objetividade e relação monológica. A debreagem enunciativa, ocorre

também, com o uso dos pronomes possessivos *suas/sua/seu*, linhas 2, 3 e 11, e mesmo não estando explícito, percebe-se que o enunciador se dirige a um enunciatário, de modo que este enunciatário se sinta convidado a adentrar-se no contexto do enunciado. De acordo com Hilgert (2007, p.69), “condições de distanciamento engendram textos caracterizados pela escrituralidade”, isto é, pela menor ausência de traços orais. Nesse caso, mesmo causando um distanciamento entre os interlocutores pelo uso da terceira pessoa, a expressão *tem gente* é uma marca enunciativa com característica de texto falado.

Além disso, na tentativa de criar efeito de sentido de proximidade entre os interlocutores, o narrador lança perguntas ao narratário, linhas 1, 2, 3 e 8, Você é dessas pessoas? Consegue, por exemplo, fazer listas daquilo que gosta? Suas brincadeiras favoritas? Músicas? Tipos de comida? (...) Como é que pode?. Ainda nas palavras do autor (*Ibid.*), “condições de proximidade geram interações que resultam em textos identificados pela oralidade, isto é, por marcas próprias das interações faladas”. Com isso, podemos notar que a presença de interrogações, além de provocar relação de proximidade entre os interlocutores, funcionam também, como uma forma de o enunciador persuadir o enunciatário a adentrar no conteúdo de modo que o enunciatário formule uma resposta, simulando a ideia de que enunciador e enunciatário estão conversando pessoalmente.

Ainda no primeiro parágrafo, o uso de *você*, linhas 1 e 4, a instância linguística pressuposta pressupõe um *tu*, e o enunciador expulsa da enunciação para o enunciado a categoria de pessoa. Com isso, o enunciador assume-se como narrador por meio de uma debreagem enunciativa, pois, concomitantemente, ao se dirigir ao *você/tu*, se assume como *eu* no discurso. Diante disso, vale lembrar que a debreagem enunciativa acontece quando há a presença das pessoas enunciativas *eu/tu*, implícita ou explícita no enunciado, e neste caso, o *tu*, é pressuposto pela escolha linguística *você*.

Quadro 28: Texto 2 - Tem ciência em tudo – até no balé!

1	O teatro está cheio, as luzes brilham e iluminam todo o cenário. Sobem ao palco as
2	bailarinas. O espetáculo começa e você não acredita nos seus olhos: elas parecem voar!
3	No dia seguinte, você vai para a sua aula de balé com a decisão a fazer igual, mas mal sai
4	do chão. A professora vê você triste e fala: “Você ainda vai aprender a enganar a gravidade...”.
5	O que ela quis dizer com isso? “Essa menina tão pequenina quer ser bailarina. Não conhece nem
6	dó nem ré, mas sabe ficar na ponta do pé.” Assim falou Cecília Meirelles em seu famoso poema
7	A bailarina. Pode ser que a poeta estivesse certa e, realmente, saber as notas musicais não
8	

9	<p>fizesse muita diferença para a pequena bailarina... Mas será que existe algum outro conhecimento que poderia ajudar essa menina?</p> <p style="text-align: right;">CHC, Seção Artigo, Edição 301, 2019</p>
---	---

Fonte (CHC 2019) Grifos do nossos

No texto, logo, linhas 3 e 4, você vai para a sua aula de balé com a decisão a fazer igual, mas mal sai do chão. A professora vê você triste e fala: Você ainda vai aprender a enganar a gravidade. Nesse trecho, as escolhas enunciativas tornam o discurso mais próximo do público infantil, bem como a forma que é usado para fazer a comparação entre o conhecimento científico explícito no texto quando menciona a lei da gravidade e o balé. Esse contexto, suscita outras escolhas lexicais no texto, e nesse caso, as escolhas lexicais das frases seguintes gerou *debreagens*, que Segundo Crestani (2010, p. 70), a *debreagem* consiste na operação de projetar no enunciado as categorias da enunciação. Essa *debreagem* é de primeiro grau, que ocorre quando há a delegação da instância enunciativa do narrador para enunciador, como ocorre na frase da linha 4, A professora vê você triste e fala. Com isso, o narrador se distancia deixando a enunciação por conta do narrador, nesse caso, a fala do narrador é marcada pelo discurso direto na fala da professora, “Você ainda vai aprender a enganar a gravidade”. O discurso direto, segundo Fiorin (2016, p. 63), é definido por meio da *debreagem*:

O discurso direto é resultado de uma *debreagem* interna (em geral de segundo grau), em que o narrador delega voz a um actante do enunciado. (...) O discurso direto é um simulacro da enunciação construído por intermédio do discurso do narrador. Como ele apresenta duas instâncias enunciativas, dois sistemas enunciativos autônomos, cada uma conserva seu eu e tu, suas referências dêiticas, as marcas da subjetividade próprias. (Grifos do autor).

Nesse sentido, o discurso direto transmite a ideia de distanciamento entre narrador e narratário e ao mesmo tempo, dá a ideia de autenticidade pelo fato de reproduzir fielmente as palavras do narratário. Para Maingueneau (2005, p.140), o discurso direto se dá pela dissociação clara entre duas situações na enunciação: o discurso citante e o discurso citado.

Em seguida, após a fala da professora, o enunciador retoma a palavra fazendo uma pergunta ao enunciatário, O que ela quis dizer com isso?, essa interrogação, além de criar efeito de sentido de proximidade entre os interlocutores, também gera

uma debreagem enunciativa, pois a instância enunciativa remete um *ele* no discurso tornando-se actante do enunciado. Se pegarmos essa mesma frase, por exemplo, e substituirmos a instância enunciativa -enunciativa *ele*, por uma instância enunciativa-enunciativa *eu/tu*, teríamos, O que eu quero dizer com isso?, teríamos então, uma debreagem enunciativa de primeiro grau.

Na sequência, encontramos também, debreagem interna de segundo, de para Greimas e Courtés (1979) a debreagem interna de segundo grau ocorre quando um narrador delega a voz para um actante do enunciado. E isso, ocorre nas linhas 5 e 6, Essa menina tão pequenina quer ser bailarina. Não conhece nem dó nem ré, mas sabe ficar na ponta do pé. Essa debreagem é marcada com um discurso direto, que segundo Fiorin (2016), é uma simulação da enunciação constituída por intermédio do discurso do narrador e apresenta duas instâncias enunciativas e dois sistemas enunciativos autônomos, de modo que cada uma conserva seu *eu/tu*, suas referências dêiticas e suas próprias marcas de subjetividade. Além disso, o discurso direto dá a ideia de distanciamento entre narrador e narratário e reproduz a fala do narratário tal e qual é, sem sofrer nenhuma alteração. Na frase, linha 6, Assim falou Cecília Meirelles em seu famoso poema A bailarina, esse distanciamento é reforçado ao citar o discurso do enunciadador e personificá-lo no enunciado ao citar o nome de Cecília Meireles.

Quadro 29: Texto 3 - Etnoconhecimento: saberes que ultrapassam o tempo

1	Vivemos na era da informação. Basta acionarmos o controle remoto da TV, ligarmos o
2	computador ou darmos dois cliques no celular que passamos a ter acesso aos mais diferentes
3	conhecimentos. Tudo em sintonia com a tecnologia. Até para distrair ou relaxar, a gente se
4	acostumou a usar a tecnologia. É videogame, série, novela...Tem sempre uma inovação
5	tecnológica no meio da nossa diversão. Mas fazer o quê, né? O mundo inteiro está assim...
6	Será mesmo?
7	Pelo mundo todo existem povos que podem até ter alguma conexão tecnológica, mas
8	que consideram muito mais importante o aprendizado com a natureza e com os mais
9	experientes. Esse conhecimento, que é passado de uma geração para outra, também pode ser
10	compartilhado com pessoas de fora daquele grupo, seja desinteressadamente ou, por exemplo,
11	com o propósito de conservar o ambiente em que vivemos.
12	Etno vem do grego ethnos , que significa ' identidade de um povo '.
13	Etnoconhecimento é um termo criado para dar conta de tudo aquilo que alguns povos têm e
14	podem compartilhar, incluindo crenças, tradições, modo de fazer ou de produzir alguma coisa.
15	Etnoconhecimento se refere especialmente ao que os indígenas, os quilombolas, os
16	pescadores e outras comunidades tradicionais ou locais e que buscam viver em sintonia com
17	o ambiente e seus recursos naturais, têm a ensinar para quem está bem longe dessa realidade!
	CHC, Seção Artigo, Edição 301, 2019

Nesse texto, no terceiro parágrafo percebemos uma debreagem interna enunciativa de primeiro grau, que ocorre porque há uma projeção das categorias da enunciação no enunciado (CRESTANI 2010), e nesse caso, a pessoa é manifestada. Nessa debreagem, o enunciador, delega a voz ao narrador, projetando no enunciado um *eu* que enuncia e um *tu* a quem a enunciação é dirigida. Esta ocorrência está presente na linha 12, ao explicar o significado da palavra, *Etno vem do grego ethnos*, que significa, identidade de um povo. Com isso, o enunciador sai da cena enunciativa e projeta no enunciado um narrador não personificado, mas que pelo discurso direto percebe-se a presença do narrador, e, ao sair da cena enunciativa, o enunciador se distancia do enunciado pelo uso da terceira pessoa que se caracteriza pela enuncividade. Desse modo, o enunciador retoma o discurso explicando a palavra, *Etnoconhecimento*, redizendo em outros termos o que já foi dito no enunciado, dentro do espaço semântico-enunciativo do acontecimento da enunciação. Essa retomada do texto em outros termos é utilizada no TDC destinado ao público infantil para contextualizar, reformular e adequar a informação ao vocabulário e conhecimento das crianças.

Diante disso, o terceiro parágrafo finaliza o texto ampliando o conhecimento do interlocutor explicando e justificando as afirmações e os questionamentos sobre a tecnologia presentes no primeiro parágrafo. Tais justificativas se dão ao afirmar que os indígenas, os quilombolas, os pescadores e outras comunidades tradicionais ou locais e que buscam viver em sintonia com o ambiente e seus recursos naturais, têm a ensinar para quem está bem longe dessa realidade. Com esse fechamento do enunciado, podemos afirmar que o TDC conduz o interlocutor a fazer um percurso de compreensão e reflexão do texto pela estrutura e escolhas enunciativas do enunciado, fazendo com que a objetivo de levar o conhecimento científico ao público direcionado, seja alcançado.

Quadro 30: Texto 4. Uma partida Genial!

1	Imagine se fosse possível formar uma super-equipe de futebol com os melhores
2	jogadores de todos os tempos. Marta, Pelé, Messi... Competir com essa turma de craques não
3	deve ser uma tarefa fácil!
4	Mas onde conseguir adversários para esse time de craques? Bem, precisa ser galera que
5	goste de desafios. Quem melhor para solucionar problemas complexos do que os cientistas?
6	Galileu, Bernoulli, Marie Curie... Boa! Solte a imaginação para conferir essa partida!
7	Antes de começar a contar sobre o maior jogo de futebol de todos os tempos, temos que
8	mencionar os treinos mais malucos da história. Tudo começou quando, depois de tantas
9	experiências malsucedidas, Galileu decidiu levar um quadro, desses de escola, para o campo:
10	

11	– Nós não vamos aprender a jogar como essas feras do futebol em tão pouco tempo. Mas
12	também somos craques, só que nas leis da natureza. Vamos usar essa nossa qualidade para
13	driblar as dificuldades , colocando a ciência no jogo!
14	Os demais cientistas ficaram animados e, rapidamente, começaram a estudar para superar os
15	craques da bola. O pontapé inicial da discussão foi dado por Marie Curie, quando ela percebeu
16	que o elemento mais importante de um jogo de futebol não são os jogadores:
17	– A bola, gente, temos que usar nossas teorias para fazer a bola entrar no gol! As
	pessoas podem até ser responsáveis pelos passes, porém é a bola quem altera o placar.
	CHC, Seção Artigo, Edição 298, 2019

Fonte (CHC 2019) Grifos nossos

O enunciado inicia com uma debreagem enunciativa por meio do *tu* elíptico na presença do verbo, imagine, linha 1, em que o narrador projeta tanto o narratário quanto a si mesmo no enunciado. Pode-se notar que o verbo, imagine, aparece na forma verbal do imperativo, que pressupõe uma intimação, que para Benveniste (1989, p. 86), são “ordens, apelos concebidos em categorias como o imperativo, o vocativo, que implicam uma relação viva e imediata do enunciador ao outro numa referência necessária ao tempo da enunciação”. Nesse sentido, os verbos também podem demarcar a presença do *tu* no enunciado, mesmo que esse *tu*, esteja implícito.

Na linha 5, Quem melhor para solucionar problemas complexos do que os cientistas?, a interrogação funciona como uma forma de criar efeito de sentido de proximidade entre os interlocutores, e por isso, o narrador lança perguntas ao narratário. Na sequência do texto, há a presença do discurso reportado, ou seja, a presença de uma enunciação em outra, que segundo Fiorin (2016, p. 63), há a presença de um discurso citante e outro citado. Percebe-se esse discurso reportado no quarto e sexto parágrafos, nas linhas 8 e 9, Tudo começou quando, depois de tantas experiências malsucedidas, Galileu decidiu levar um quadro, desses de escola, para o campo:, na linha 10, – Nós não vamos aprender a jogar como esses feras do futebol em tão pouco tempo, linhas 14 e 15, O pontapé inicial da discussão foi dado por Marie Curie, quando ela percebeu que o elemento mais importante de um jogo de futebol não são os jogadores: e na linha 16, – A bola, gente, temos que usar nossas teorias para fazer a bola entrar no gol!.

Nos trechos citados, nota-se o discurso direto, que na maioria dos casos, cria-se um efeito de sentido real, com a sensação de que o narrador apenas repete o que diz o interlocutor, que resulta em uma debreagem interna. Assim, os trechos apresentam debreagem interna de segundo grau que é notada por meio da delegação da voz do locutor no enunciado. Essa debreagem de segundo grau, vem demarcada

com o uso dos dois pontos (:) que finaliza o discurso citante, e do travessão (—), que inicia o discurso citado. Assim, tanto os dois pontos (:), quanto o travessão (—) são usados para marcar as “fronteiras entre as duas situações de enunciação distintas” (FIORIN 2016, p. 63) e funcionam como marcadores de enunciação no discurso direto.

Além disso, as escolhas linguísticas das expressões, driblar as dificuldades, na linha 12, usado no sentido figurado na fala demarcada pelo primeiro travessão, e na linha 16, _ A bola, gente, usada no início do enunciado marcada pelo segundo travessão, se apresenta demarcada no discurso citado, tanto é uma marca enunciativa, como gera um efeito de sentido de chamada de atenção para o próprio objeto, a bola. Nesse sentido, é comum a presença desses recursos linguísticos em textos de divulgação científica, pois, sem fugir da linguagem utilizada para o público infantil, causam proximidade entre enunciador e enunciatário.

Nesse contexto, após entendermos que a debreagem projeta no enunciado a categoria de pessoa e que também é responsável pela instauração do sujeito no enunciado, passaremos, então, para as análises da categoria de pessoa.

5.3 Categoria de pessoa

No processo enunciativo, a categoria de pessoa assume um papel relevante, pois tanto o espaço quanto o tempo na enunciação, dependem da pessoa, que é o eu que enuncia. Por isso, a categoria de pessoa possui uma correlação de personalidade, em que há a pessoa e a não pessoa, de modo que *eu* e *tu* são as pessoas, consideradas enunciativas, logo são subjetivas, pelo fato de dizer *eu* no discurso, e o *ele* é a não pessoa, por não dizer eu no discurso, sendo esta enunciativa e objetiva. Desse modo, a pessoa no discurso é quem fala, e a não pessoa é de quem se fala, e tanto a pessoa como a não pessoa, assumem papéis importantes no enunciado, tendo entre elas características comuns, pois *eu* e *tu* são únicos no enunciado, e o *ele*, pode não ter sujeito, bem como pode ser uma infinidade de sujeito, e, o *eu/tu* podem reverter-se na enunciação, enquanto *ele*, não pode ser revertido. Sendo assim, passemos às análises da categoria de pessoa nos textos a seguir.

9	Os elementos químicos reunidos por Mendeleev fazem parte da nossa vida . Na
10	verdade, tudo à sua volta tem elementos químicos. Inclusive o papel em que você está
11	escrevendo sua lista, assim como a tinta da caneta, e até sua mão, o resto do seu corpo, a
12	água, o planeta inteiro – ufa! Tudo que existe está composto por elementos químicos. E tudo é
13	formado por partículas muito, muito pequenas chamadas átomos.
14	Cada elemento químico é um tipo diferente de átomo. Hoje conhecemos 118
15	elementos químicos. E eles estão todos na tabela que Mendeleev criou. Já percebeu que essa
16	lista ocupou muito espaço na vida do cientista, não é? E deve ter dado um trabalhão escrever
17	os nomes dos elementos...então, a solução foi abreviar, usando um símbolo para cada item.
CHC, Seção Artigo, Edição 300, 2019	

Fonte (CHC 2019) Grifos do nossos

Nesse excerto, há a presença de marcas enunciativas próprias de textos falados que geram efeitos de sentido de oralidade, de realidade no enunciado, e aparece ora em terceira pessoa, ora em primeira pessoa. Isso podemos perceber no segundo parágrafo, que o enunciador se projeta, se inclui no enunciado pressupondo um *nós* por meio do uso da escolha enunciativa, *nossa vida*, na linha 9. Essa projeção do enunciador no enunciado, ocorre com o uso da primeira pessoa, e logo em seguida, mais uma vez o enunciador faz uso da terceira pessoa, na linha 10, *você/sua*, pressupondo um *tu* e ao mesmo tempo se posicionando como *eu*. Tanto o uso da primeira pessoa, quanto o uso da terceira pessoa, quando se pressupõe um *tu* no discurso, produzem efeitos de sentido de proximidade, e essa proximidade é enfatizada mais ainda no texto, pela expressão linguística, *ufa*, linha 11, que é uma expressão característica de texto falado, e nesse contexto, produz efeito de sentido de interação face a face entre os interlocutores.

O terceiro parágrafo, assim como no segundo parágrafo, há ocorrência da projeção do enunciador no enunciado pressupondo um *eu/tu* e ao mesmo tempo um *nós*, pela forma verbal, *conhecemos*, na linha 14, que implicitamente, há a presença de *nós*, que acrescentando à frase poderíamos reformular, Hoje nós conhecemos.... Na linha 15, a escolha linguística, *já*, além de introduzir no enunciado um conteúdo pressuposto, como afirma Koch (2006), também pressupõe um *tu/você*, direcionado ao enunciatário.

Quadro 32: Excerto 1 do texto 2

1	O teatro está cheio, as luzes brilham e iluminam todo o cenário. Sobem ao palco as
2	bailarinas. O espetáculo começa e você não acredita nos seus olhos: elas parecem voar!
3	No dia seguinte, você vai para a sua aula de balé com a decisão a fazer igual, mas mal sai
4	do chão. A professora vê você triste e fala: “Você ainda vai aprender a enganar a

5	gravidade...”. O que ela quis dizer com isso? “Essa menina tão pequenina quer ser bailarina.
6	Não conhece nem dó nem ré, mas sabe ficar na ponta do pé.” Assim falou Cecília Meirelles
7	em seu famoso poema A bailarina. Pode ser que a poeta estivesse certa e, realmente, saber as
8	notas musicais não fizesse muita diferença para a pequena bailarina... Mas será que existe
9	algum outro conhecimento que poderia ajudar essa menina?
CHC, Seção Artigo, Edição 301, 2019	

Fonte (CHC 2019) Grifos do nossos

Em todo o texto observamos que o intuito do enunciador é conduzir o enunciatário a acompanhar a história com o objetivo de fazê-lo entender que a ciência está presente na arte, e para isso, utiliza-se recursos linguísticos tornando a linguagem leve e de fácil entendimento. Esses recursos, fazem com que o enunciatário, mesmo que implicitamente, acompanhar em seu imaginário todo o percurso textual a qual o sentido do texto é direcionado.

Com isso, podemos notar que o uso da terceira pessoa e as escolhas lexicais do texto causa um certo distanciamento entre narrador e narratário com caráter de objetividade. Com isso, nota-se que o narrador não se personifica no enunciado, e isso reforça a escolha enunciativa da categoria de pessoa, tanto pelo uso da terceira pessoa, como pelo uso implícito do *eu/tu*, pois, o narrador não diz *eu* explicitamente, mas podemos identificar um *eu* implícito ao se direcionar a um *tu*, que também está implícito através do *você*, explícito. Pois de acordo com Fiorin (2016), o *e/le*, não participa do ato enunciativo porque não há uma alternância de turno com o *eu* que enuncia, desse modo, *e/le* é enuncivo, pois no processo comunicativo o *e/le*, não diz eu por meio da linguagem no processo de comunicação. Por isso, o *e/le* é uma não pessoa, porque não é ele que fala, mas é de quem se fala. No entanto, as outras pessoas no discurso, no caso do *eu/tu*, são enunciativas porque falam e constituem um ato enunciativo, logo são pessoas enunciativas.

Quadro 33: Texto 5 - Restauração é vida de volta!

1	Um ambiente que, no passado, dizem os mais antigos, estava cheio de plantas e bichos,
2	hoje tem poucas árvores e quase nenhum animal à vista... Opa! Estamos diante de uma área
3	danificada, que parece não ter mais como se recuperar. Será mesmo que tudo está perdido?
4	“No passado era diferente, com rio correndo aqui, muitas árvores, eu brincava com
5	meus amigos e pegava manga no pé!” , disse sua avó. Mas, hoje o mesmo local é uma área
6	degradada, ambientalmente falando, um local que não tem capacidade de se regenerar
7	naturalmente para voltar a ser como era antes. Mas como foi que isso aconteceu?
8	A degradação da natureza é resultado de atividades humanas desordenadas e intensas –
9	como ocupações indevidas, práticas de cultivo e de criação de animais sem cuidado e em
10	excesso, incluindo queimadas e desmatamento.
11	Mas (boa notícia!) nem tudo está perdido. Muitos pesquisadores trabalham para
12	restaurar essas áreas. O termo é esse mesmo! Restaurar é tornar o ambiente o mais próximo

13	possível da sua condição natural. Essa medida é muito importante para a conservação dos ecossistemas. Você sabe o que são ecossistemas?
14	
CHC, Seção Artigo, Edição 305, 2019	

Fonte (CHC 2019) Grifos nossos

No texto apresentado, é perceptível que a linguagem utilizada é voltada para público infantil que ainda não consegue compreender o sentido do texto sem recursos linguísticos introduzidos no mundo das crianças, pois as estruturas utilizadas em outros textos científicos, cuja linguagem é rebuscada visando outro público, ainda não pertencem ao campo semântico produzido pelo enunciatário. Por esse motivo, o enunciador utiliza palavras conhecidas e sintaticamente organizadas de forma simples e pertencentes à forma de falar do cotidiano, fazendo uso do sentido figurado, afim de produzir efeitos de sentidos condizentes com a realidade do enunciatário. Segundo Hilgert (2011, p. 174) “quem determina essa caracterização do texto não é propriamente o enunciador, mas sim o enunciatário”. Com base nisso, o autor acrescenta ainda que o enunciatário também se torna um enunciador, o que se constata que o enunciatário é co-enunciador.

No primeiro parágrafo, na linha 2, a forma verbal, estamos, refere-se a um *nós* implícito, pois segundo Fiorin (2016), o *nós*, não é a multiplicação de objetos idênticos, mas é a junção e um *eu* com um não *eu*. O parágrafo finaliza com uma interrogação, linha 3, Será mesmo que tudo está perdido?. As frases interrogativas ocorrem também na linha 7, finalizando o segundo parágrafo, Mas como foi que isso aconteceu?, e na linha 14, encerrando o quarto parágrafo, Você sabe o que são ecossistemas?. Para Benveniste (1989, p. 86), a interrogação é uma “enunciação construída para suscitar uma ‘resposta’, por um processo linguístico que é, ao mesmo tempo um processo de comportamento com dupla entrada” na tentativa de criar um efeito de proximidade entre narrador (eu) e narratário (tu).

O segundo parágrafo inicia com uma marca encontrada na pessoa transformada, que ocorre com a deportação do discurso, que é a citação feita pelo narrador do discurso de outrem. Fiorin (2016, p. 63) enfatiza na pessoa transformada o discurso reportado que “é a citação pelo narrador do discurso de outrem e não apenas de palavras ou sintagmas, é a inclusão de uma enunciação em outra”. Com isso, se há a ocorrência de um discurso em outro, há a ocorrência de dois discursos, o de quem cita e o discurso de quem é citado, de maneira que esses, podem pertencer ou não à mesma situação enunciativa, e exatamente isso irá determinar os dois

diferentes tipos de discurso reportado. A pessoa transformada é fundamentada no funcionamento nos discursos direto, indireto e indireto livre, bem como no uso das mais variadas formas de efeito de sentido que são produzidos por eles.

Diante disso, além de uma debreagem interna de segundo grau presente no texto demarcando a fala da avó, linhas 4 e 5, No passado era diferente, com rio correndo aqui, muitas árvores, eu brincava com meus amigos e pegava manga no pé!, (a fala da avó), observa-se também, no trecho, que aparece entre aspas, o discurso direto, marcando o distanciamento entre as duas situações enunciativas diferentes. Esse discurso apresenta as instâncias enunciativas do narrador e do interlocutor, e por isso, cada uma dessas instâncias conserva o *eu* e o *tu* no enunciado, e isso se confirma com a presença do *eu*, que aparece explícito no texto que são pessoas enunciativas. Além disso, as marcas enunciativas deixadas nos textos pelas pessoas enunciativas, assim como ocorre na linha 2, Opa!, e na linha 11, Mas (boa notícia!) nem tudo está perdido, gera efeito de proximidade, são expressão de natureza de texto falado, dando uma impressão de uma conversa face a face e atuam como uma pausa para chamar a atenção do enunciatário para o enunciado posterior.

Quadro 34: Texto 6 - E-lixo. O que é isso?

1	Já percebeu que alguns equipamentos eletrônicos, depois de um tempo de uso – ploft! – não
2	funcionam mais? O que você e sua família fazem com computadores, celulares, tablets, micro-
3	ondas, televisão e outros aparelhos que enguiçam? Jogam no lixo? Hummm... será essa a
4	melhor opção? Com certeza, não. Descartando de maneira incorreta o 'e-lixo', como ficou
5	conhecido o lixo eletrônico, contribuimos com a poluição do planeta. Mas a verdade é que
6	alguns desses equipamentos já saem das lojas com um tempo de vida determinado. Assim, o
7	consumidor logo compra outro mais moderno, e não sabe mesmo o que fazer com o anterior.
8	Mas será que as coisas precisam ser assim? (...) No mundo todo, estima-se que são produzidas
9	50 milhões de toneladas de <i>e-lixo</i> por ano. Os pesquisadores já apontam que, até o ano de
10	2050, o nível de produção desse tipo de resíduo alcançará 120 milhões de toneladas por ano.
11	É muito e-lixo, gente!
	CHC, Seção Artigo, Edição 299, 2019

Fonte (CHC 2019) Grifos nossos

A relação *eu/tu*, no texto, inicia com o título, E-lixo. O que é isso?, por meio da interrogação feita pelo narrador direcionada ao narratário, caso que ocorrerá no decorrer do texto com mais frases interrogativas. Assim como no título, o parágrafo se inicia com a interrogação, linha 1, Já percebeu que alguns equipamentos eletrônicos, depois de um tempo de uso – ploft! – não funcionam mais?. Nota-se que em, Já percebeu, que dá início ao parágrafo, pressupõe um *você* pela conjugação do verbo.

Em seguida, outra interrogação é lançada ao narratário, linha 2, O que você e sua família fazem com computadores, celulares, tablets, micro-ondas, televisão e outros aparelhos que enguiçam?. Nessa interrogação, ao contrário da anterior, aparece *você*. Com isso, observa-se a subjetividade, que por mais que o locutor pareça estar implícito, ele se expõe no enunciado pela forma verbal, no primeiro caso, e no segundo caso, pela colocação do *você/tu*, pois afirma Benveniste (1989, p.84) que “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios de outro”. Nesse sentido, o *eu* implícito presente no texto, tornou-se percebido por meio dos procedimentos acessórios usados para fazer ser notado a presença do narrador. Além desse contexto, as escolhas linguísticas, como, *ploft*, linha 1, *hummm*, linha 3 e, *É muito e-líxo, gente!*, linha 11, são marcas enunciativas usadas intencionalmente pelo locutor, pessoa enunciativa, como estratégia para persuadir o interlocutor por meio de uma linguagem mais aproximada da realidade do público destinado.

Diante disso, podemos afirmar que a categoria de pessoa ocupa uma função relevante no texto, pois todo texto, mesmo que não apareça explicitamente, há a presença do sujeito que escreve. Desse modo, continuaremos a pesquisa analisando os efeitos de sentido de oralidade.

5.4 Efeitos de sentido de oralidade

A oralidade na escrita, nesse contexto, funciona como um efeito de sentido produzido por certos recursos de linguagem que são utilizados na constituição do texto escrito e evocam características próprias das interações faladas. Dessa maneira, nos enunciados escritos, encontraremos marcas enunciativas, um simulacro de uma interação face a face, gerando efeito de sentido de realidade e verdade. Nos enunciados, orais ou escritos, seja de forma implícita ou explícita, há expressão de quem fala, e com isso, expressões linguísticas próprias da oralidade são usadas propositalmente pelo enunciador com o intuito de persuadir o enunciatário. Dessa forma, ao falarmos em oralidade em enunciados escritos, falamos em efeitos de sentido de oralidade, que são produzidos pelo uso de recursos linguísticos na

construção do enunciado. Nessa perspectiva, passemos às análises desses efeitos de sentidos de oralidade presentes nos textos a seguir.

Quadro 35: Excerto 2 do texto 1

14	Cada elemento químico é um tipo diferente de átomo. Hoje conhecemos 118 elementos
15	químicos. E eles estão todos na tabela que Mendeleev criou. Já percebeu que essa lista
16	ocupou muito espaço na vida do cientista, não é? E deve ter dado um trabalhão escrever os
17	nomes dos elementos...então, a solução foi abreviar, usando um símbolo para cada item. Quer
18	um exemplo? Se você adora comida mineira e resolve fazer uma lista de comidas da região,
19	ela poderia ficar assim:
20	Pão de queijo – P
21	Frango com quiabo – Fr
22	Feijão tropeiro – Fe
23	Canjiquinha – Ca
CHC, Seção Artigo, Edição 300, 2019	

Fonte (CHC 2019) Grifos do nossos

Diante desse excerto do texto 1, que é um TDC destinado ao público infantil, podemos dizer que a criança tem uma participação conjunta na compreensão do texto, e sendo o público alvo do texto, tem a opção de concordar ou discordar com os argumentos propostos pelo enunciador. Pois, segundo Leibrunder (2000), enquanto representante do saber institucionalizado, a ciência, ao possibilitar acesso de indivíduos leigos aos seus domínios, objetiva, em última instância, persuadi-los da legitimidade do conhecimento por ela transmitida, por meio de sua prática discursiva.

Vale ressaltar, que o TDC, tem como uma de suas características a proximidade, e por isso, é comum encontrarmos marcas enunciativas com efeito de sentido de oralidade. Diante disso, afirma Hilgert (2007), que oralidade e escrituralidade são duas formas de ser dos textos, independentemente de os textos serem falados ou escritos. E o TDC, em sua escrituricidade, apresenta marcas enunciativas próprias de textos falados que geram efeitos de sentido de oralidade, de realidade no enunciado. Diante disso, podemos notar que as marcas enunciativas e orais estão presentes no texto como um todo, e nesse parágrafo, essas marcas enunciativas, na linha 16, **não é? E deve ter dado um trabalhão**, produzem efeitos de sentido de realidade fazendo um simulacro de uma interação face a face, e também, facilita a compreensão do enunciatário a entender, que foi por meio de pesquisas que chegou a uma abreviação dos elementos químicos e que esse processo foi difícil.

Tanto o segundo quanto o terceiro parágrafos exploram a temática sobre os elementos químicos de forma clara e objetiva, tornando compreensível e de fácil

acesso ao interlocutor. Para isso, o enunciador faz comparações dos elementos químicos com o cotidiano do enunciatário sugerindo a elaboração de uma lista de ingredientes para a preparação de comida mineira, nas linhas 18 a 23, “Se você adora comida mineira e resolve fazer uma lista de comidas da região, ela poderia ficar assim: Pão de queijo – P. Frango com quiabo – Fr. Feijão tropeiro – Fe. Canjiquinha – Ca”. Nesse sentido, a alusão feita entre o conteúdo trabalhado e a realidade do enunciatário causam efeito de sentido de aproximação entre interlocutores, pois é uma forma de envolver enunciatário no enunciado, além disso, facilita a compreensão e torna a aquisição desse conhecimento importante, pelo fato de usar esses elementos químicos na vida diária, esse processo passa pelo viés da escrituralidade¹⁸ (HILGERT 2007), e é uma das características do TDC.

Quadro 36: Excerto 1 do texto 3

1	Vivemos na era da informação. Basta acionarmos o controle remoto da TV, ligarmos
2	o computador ou darmos dois cliques no celular que passamos a ter acesso aos mais diferentes
3	conhecimentos. Tudo em sintonia com a tecnologia. Até para distrair ou relaxar, a gente se
4	acostumou a usar a tecnologia. É videogame, série, novela...Tem sempre uma inovação
5	tecnológica no meio da nossa diversão. Mas fazer o quê, né? O mundo inteiro está assim...
6	Será mesmo?
7	Pelo mundo todo existem povos que podem até ter alguma conexão tecnológica, mas
8	que consideram muito mais importante o aprendizado com a natureza e com os mais
9	experientes . Esse conhecimento, que é passado de uma geração para outra, também pode ser
10	compartilhado com pessoas de fora daquele grupo, seja desinteressadamente ou, por exemplo,
11	com o propósito de conservar o ambiente em que vivemos.
	CHC, Seção Artigo, Edição 301, 2019

Fonte (CHC 2019) Grifos nossos

O primeiro parágrafo inicia com uma projeção do enunciador no enunciado quando diz, *vivemos*, que ao mesmo tempo que se dirige a um *tu*, se coloca como *eu*, participando do ato enunciativo. Isso ocorre também com outras formas verbais, tais como, *ligamos* e *nossa*, presentes nas linhas 1, 4. Nas linhas 5 e 6, duas interrogações são lançadas ao interlocutor, *Mas fazer o que, né? O mundo inteiro está assim... Será mesmo?*. Esses questionamentos lançados, de acordo com Benveniste (1989), são construídos no intuito de suscitar uma resposta, e, funcionam também, como forma

¹⁸ Esse processo de modificação da linguagem, explicando o sentido de uma palavra em outros termos que não seja o seu sentido literal, para se tornar mais compreensível ao enunciatário é estudado por Eduardo Guimarães (2009), como designação e reescritura na perspectiva da Semântica da Enunciação.

de levar o interlocutor a fazer uma reflexão sobre as tecnologias mencionadas no enunciado anterior e analisar, se de fato, apenas essas tecnologias é que são importantes, ou se antes dessas tecnologias existiam outras formas de conhecimento que também, colaboraram com o que hoje podemos conceituar ou chamar de tecnologia. Além disso, as interrogações funcionam como uma forma de criar efeito de sentido de proximidade entre os interlocutores e levá-los a uma reflexão acerca da temática abordada.

Além disso, nas interrogações supracitadas, e a escolha linguística, a gente, linha 3, percebe-se o uso de marcas enunciativas que caracterizam enunciados orais, que nitidamente, evocam uma interação e relação de proximidade entre os interlocutores. No entanto, por se tratar de um enunciado escrito, de acordo com Hilgert (2015), a oralidade presente no texto é de ordem conceptual¹⁹, pois um texto é assim identificado quando o enunciado, como um todo ou em algumas partes, é reconhecido pelo usuário da língua com alguma configuração oral por recursos e estratégias usados em sua construção. Esses recursos e estratégias utilizadas remetem elementos que caracterizam interações faladas e produzem no texto escrito, efeitos de oralidade, logo, efeitos de proximidade, de verdade e realidade.

Essa relação de proximidade entre os interlocutores, linha 5, o termo, mundo inteiro, condensa toda a informação anterior, dando a entender que a humanidade inteira está imersa na tecnologia. Nesse sentido, a expressão de apenas duas palavras abarca todo o sentido que o enunciador quer transmitir ao enunciatário, sem precisar citar nomes de cidades, países e/ou continentes para se referir à humanidade como um todo. Diante disso, pode-se dizer que expressões como esta são comumente utilizados no TDC destinado ao público infantil, pois mesmo sendo usados de modo generalizado, é de fácil compreensão para o público destinado e também é uma marca enunciativa. Na sequência do texto, o segundo parágrafo, na tentativa de responder aos questionamentos feitos no primeiro parágrafo, coloca em questão um outro tipo de conhecimento que se opõe ao conhecimento tecnológico expresso no enunciado, o aprendizado com a natureza e com os mais experientes, linhas 8 e 9.

Quadro 37: Texto 7 - A lama que conta história

1	Mole... gosmenta... eca! Ah, fala sério! É só isso que vem à sua cabeça ao imaginar a lama
2	que está no fundo de uma lagoa? Pois é hora de rever suas ideias. Saiba que a lama pode ser

¹⁹ Ordem conceptual, segundo Marcuschi (2001) trata-se de um texto marcado pela oralidade, quando, na percepção do usuário da língua, ele se identifica com a fala ou apresenta traços que lembrem uma manifestação falada, não importando se, medialmente, o texto seja escrito ou falado.

3	uma boa informante e revelar histórias sobre os seres que viveram na água – ou até mesmo fora dela! Como a lama conta histórias? Bem... com a ajuda de alguns equipamentos, técnicas e pesquisadores atentos!
4	
5	

CHC, Seção Artigo, Edição 302, 2019

Fonte (CHC 2019) Grifos nossos

O que pensamos quando lemos o título desse texto: A lama que conta história? Inicialmente fica uma interrogação e ao mesmo tempo uma inquietação sobre o conteúdo abordado, e esta é uma forma de atrair a atenção do enunciatário para fazer a leitura do enunciado por completo, bem como criar efeito de sentido de proximidade entre os interlocutores. O título, é composto por metáfora que leva o público leitor a despertar o interesse pela leitura e pelo conhecimento que há por trás do título, do texto e do contexto. Um texto é pensado desde o título à conclusão, com escolhas enunciativas, linguísticas e lexicais adequadas para o público a qual se destina, e nesse caso, o título foi usado como forma de chamar a atenção do leitor, as crianças, para adquirir novos conhecimentos sobre a importância da lama para descobertas relacionadas aos seres vivos que vivem na água.

Segundo Perini (2004), a língua falada tem regras complexas, assim como a escrita, mas na oralidade elas se tornam mais fáceis porque são regras da nossa língua nativa, e por se tratar de modalidades de texto planejado localmente, flui com mais naturalidade, e esse planejamento acontece no ato da fala. Nesse sentido, o texto em análise, mesmo sendo um texto escrito, utiliza marcas de oralidade, buscando maior aproximação entre os interlocutores.

No início do texto, Mole... gosmenta... eca!, na linha 1, podemos observar que o uso das reticências demarca uma pausa, e dependendo da entonação do enunciador, induz o enunciatário a acompanhar de forma mais atenta o trajeto do discurso, que nesse sentido, especificamente, a palavra, eca, dar a entender que se trata de algo que remete nojo, aversão a algo não agradável. Essas pausas são frequentes na utilização oral da língua, e por se tratar de um texto carregado de marcas enunciativas, em cada pausa utilizada faz com que o enunciatário adentre no texto com mais profundidade. Vale lembrar, que as pausas utilizadas no trecho em questão, são lacunas ou pausas não preenchidas que possibilita o leitor pensar em algo que possa preencher esse espaço, nesse caso, recursos linguísticos lexicais como: ah, né, ai, ã, heim, etc.. Tomando como exemplo a mesma frase e reescrevemos preenchendo as lacunas: Mole, ã! Gosmenta, ai! Eca, que nojo!, podemos observar que o preenchimento da lacuna não alterou o sentido da frase, mas

a recobriu com outra entonação. Desse modo, na utilização dessas lacunas, buscase organizar as frases ou textos de forma que haja maior compreensão do leitor, e para isso, utiliza-se recursos próprios de interações faladas. Nesse sentido, Hilgert (2015) assegura que a “natureza do texto falado (enunciado) consiste no fato de explicitar seu processo de nunciação, expondo as estratégias do enunciador (do eu) para fazer-se compreender e, assim, persuadir o seu enunciatário (o tu)” em uma interação face a face, em situação de oralidade.

Outra situação de marcas enunciativas com característica de interação falada encontrada no texto, na linha 1, Ah, fala sério! A expressão é considerada como uma gíria, e nesse contexto foi empregada para contestar a veracidade de algo que foi falado anteriormente, e para ser compreendida, necessita estar dentro do campo semântico do enunciatário. As gírias, marcas enunciativas próprias de interações faladas, e segundo Preti (2000), elas são uma variação da língua em constante mudança e está diretamente ligada a grupos sociais por motivos diversos. Por esse motivo, as gírias também são marcas enunciativas, uma vez que para a produção do enunciado, conforme Fiorin (2016), leva-se em consideração um eu, um aqui, um agora, ou seja, um sujeito, um espaço e um tempo na enunciação.

Diante da afirmação do autor, percebemos que enunciados escritos, também trazem marcas enunciativas, e são utilizadas intencionalmente pelo enunciador para gerar efeitos de sentido de oralidade, que pode ser de aproximação ou distanciamento, objetividade ou subjetividade entre os interlocutores, pois nos enunciados contém marcas de quem enuncia, sejam elas explícitas ou não.

Quadro 38: Texto 8 – Vírus gigante? O que é isso?!

1	<i>Alguém aí já ouviu falar em vírus gigantes? Será que eles causam uma</i>
2	<i>supergripe? Será que são do tamanho de um inseto e estão voando por aí? Calma! Os</i>
3	<i>chamados vírus gigantes não são tão grandes a ponto de podermos vê-los a olho nu.</i>
4	<i>Eles são enormes se comparados a outros vírus. Mas há outras curiosidades em torno</i>
5	<i>deles. Vamos conhecê-los? (...)</i>
6	Os vírus gigantes são diferentes de tudo o que já era conhecido na biologia. Para
7	entender um pouco sobre eles, é preciso conhecer mais sobre vírus em geral. Vamos lá?
8	Você deve estar se perguntando por que é que os vírus gigantes são assunto agora? Será que
9	eles são uma forma de vida nova? Não, não são. Os vírus gigantes devem existir há muito
10	tempo. A questão é que, há cerca de 200 anos, quando os primeiros vírus foram descobertos,
11	os cientistas estavam filtrando algumas soluções e apenas os pequenos vírus (que são a grande
12	maioria) passavam pelos poros dos filtros. Os gigantes, por não passarem, ficaram “escondidos”
13	dos cientistas.
	CHC, Seção Artigo, Edição 305, 2019

Inicialmente, o texto já incita o enunciatário com uma interrogação, linha 1, Alguém aí já ouviu falar em vírus gigantes?, como forma de induzi-lo a uma possível resposta, para assim acontecer uma melhor interação criando efeito de sentido de proximidade entre os interlocutores, bem como questionar o interlocutor sobre o conteúdo abordado.

A interrogação é elaborada com um vocabulário ideal para o público infantil, pois, essa forma de dirigir-se a esse público, facilita a compreensão e inserção na temática a ser desenvolvida. Nesse mesmo contexto, ainda na linha 1, aí, e , já, são marcas enunciativas presentes nessa frase interrogativa, que são utilizados para que haja maior participação na interlocução, pois o enunciador pode usar recursos linguísticos para induzir e persuadir o enunciatário a se envolver de forma ativa na conversa. Essas marcas enunciativas que ficam no enunciado favorecem na construção do enunciado oral, e, de acordo com Urbano (1993), são unidades próprias da fala e são cheias de convencionalidade, significação e recorrência que interagem no conteúdo cognitivo do texto. E essas unidades específicas da oralidade, segundo Marcuschi (1986), podem aparecer na troca de falantes, na mudança de tópico, nas falhas de construção, em posições sintaticamente regulares.

Quanto aos traços específicos de oralidade em textos escritos, reitera Hilgert (2015, p.62):

Focalizar os traços que produzem efeitos de proximidade em textos escritos é estender a abordagem da oralidade também à escrita. Em textos escritos, não se apresentam, obviamente, conforme vimos, as marcas de oralidade inerentes a uma conversa, como a alternância de turnos, a negociação aqui e agora da melhor formulação, certas repetições e paráfrases, interrupções sintáticas, recomeços, hesitações e outras similares, que são características próprias de uma enunciação em que os interlocutores enunciam face a face, isto é, em que tempo e espaço de produção e recepção coincidem.

Nesse raciocínio, entendemos que à medida em que acontece a enunciação, marcas próprias do enunciador são intrinsecamente inseridas no enunciado orais ou escritos. Levando em consideração que as marcas enunciativas presentes em textos escritos, não são, obviamente, iguais a uma interação face a face, pois a escrita tem sua própria estrutura e organização de construção do enunciado que se diferencia da forma de organização e formulação do enunciado oral.

Na segunda e terceira interrogações presentes no texto em análise, linhas 1 e 2, Será que eles causam uma supergripe? e Será que são do tamanho de um inseto e estão voando por aí?, a expressão, será, que inicia a interrogação, usado de forma indagativa, é um sinal do ouvinte, que conforme Marcuschi (1986), funcionam como orientação ao falante e também como forma de monitoração quanto à recepção do conteúdo. Observa-se, que em uma das interrogações, finaliza com a palavra, supergripe?, visivelmente marcada pela oralidade, dando intensidade à palavra gripe. O uso dessa expressão, causa um efeito de sentido de proximidade entre os interlocutores e ao mesmo tempo, enfatiza que a supergripe, é uma gripe mais intensa que a que comumente ocorre.

Um outro sinal do ouvinte é a palavra, Calma!, linha 1, encontrada no texto caracterizada como marca divergente do ouvinte. A palavra é utilizada após os três questionamentos, que após indagar o enunciatário, causa susto, ao se referir ao vírus. Nesse sentido, a escolha enunciativa, Calma!, inicia o período seguinte divergindo da ideia transmitida anteriormente, causando tranquilidade ao invés de susto, e por assim ser utilizada, traz características orais no enunciado.

Na sequência do texto, outras interrogações são inseridas, e dentre elas, Vamos lá?, linha 6, é uma marca enunciativa que caracteriza a oralidade e funciona como um convite para ir a algum lugar, mas nesse caso, o lá, não indica um lugar específico na enunciação, mas um convite a adentrar, a conhecer mais sobre o conteúdo abordado. Ainda no mesmo parágrafo, há uma marca enunciativa de aspectos oral pós-posicionados no início de unidade comunicativa, que indica a presença do sinal do falante, linha 8, Não, não são, que pode ser usado para sustentar um turno, preencher pausas, dar um espaço de tempo para organizar o pensamento e também, monitorar o ouvinte (MARCUSCHI, 1986). Vale lembrar que o trecho em questão, também funciona como uma negação ao que foi dito anteriormente, e isso é reconhecido pelo usuário da língua como configuração oral em virtude dos recursos e estratégias enunciativas utilizadas na construção do enunciado.

Outra marca enunciativa que ainda pode ser levada em consideração no último parágrafo é o uso dos parênteses no trecho, linha 10, (que são a grande maioria). Para Jubran (1996, p.71), “os parênteses têm sido definidos como frases independentes, que interrompem a relação sintática onde estão inseridas e com a qual não apresentam conexão formal nitidamente estabelecida”. Ainda no que se refere aos parênteses, a autora complementa que eles são recursos que podem ser

utilizados para materializar a fala, pois seu uso, ajuda a ampliar o conteúdo ou ideia que está sendo tratado. Nesse sentido, os parênteses podem ser considerados também, como marca de oralidade, pois eles apresentam diferentes formas de construção do texto falado, podendo encaixar informações que causam melhor interação entre enunciador e enunciatário, nesse caso, (que são a grande maioria), caracteriza a oralidade por dar uma explicação do conteúdo causando aproximação e interação entre os interlocutores. Além disso, o enunciado que aparece no texto em parênteses, marca a voz no enunciador no enunciado, mesmo que não haja um *eu* explícito, a voz do enunciador se apresenta no enunciado confirmando uma ideia, dando um posicionamento a um *tu* a qual ele se direciona.

Após percorrermos a base teórica e o processo de análise desta pesquisa, no quadro abaixo, buscamos sistematizar e teorizar a pesquisa para melhor compreensão da teoria e das análises.

Quadro 39 - Sistematização da pesquisa

TEORIA	Seqüência de análise	Categorias de analisadas
Enunciação	As debreagens: Categoria de pessoa:	Debreagem enunciativa; debreagem enunciva; debreagem de primeiro grau; debreagem de segundo grau. Pessoa; não pessoa; pessoa transformada (discurso reportado);
Oralidade em Textos escritos	Efeitos de sentido de oralidade	Escolhas linguísticas projetadas nos enunciados que geram efeitos de sentido de oralidade
Divulgação Científica	Texto de Divulgação Científica	Linguagem acessível; uso da norma padrão da língua, porém, faz uso de palavras própria do vocabulário oral; aparecimento dos interlocutores, uso de 1 ^o e/ou 3 ^o pessoa; argumentativo; expositivo; pode ser subjetivo; explicativo; veicula, compartilha conhecimento.

Fonte (elaborado pela autora)

Diante de todo o percurso teórico e o processo das análises, em que fizemos uma breve contextualização de todos os textos analisados, e analisamos as debreagens, categoria de pessoa e os efeitos de sentido de oralidade no TDC, percebemos que na constituição dos enunciados escritos, os mecanismos de enunciação, as estratégias enunciativas que geram efeitos de sentido de oralidade

são relevantes no processo enunciativo, pois esses recursos de linguagem facilitam não só na compreensão dos textos, mas ajudam o interlocutor entender como funcionam esses processos para que o texto apresente as características próprias que ele tem. No caso do TDC, esses recursos de linguagem e estratégias enunciativas fazem com que se compreenda o porquê de os enunciados escritos, apresentarem marcas enunciativas que caracterizam interações faladas. Para chegarmos a essas análises e resultados, todo o aporte teórico sobre enunciação, sobre as marcas de oralidade em textos escritos e sobre a divulgação científica, foram fundamentais para a realização das análises. Diante disso, a seguir, faremos as nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, seguimos a perspectiva da teoria da enunciação como base para entendermos sobre as escolhas enunciativas utilizadas e projetadas no enunciado gerando efeitos de sentidos de oralidade. Para isso, tomamos como *corpus* oito, Textos de Divulgação Científica, seção artigo, da revista CHC, todos com conteúdo atuais e relevantes para a sociedade e para o público destinado.

Para a realização deste trabalho, tivemos como mote: de que modo as marcas de enunciação se manifestam no Texto de Divulgação Científica gerando efeito de sentido de oralidade entre os interlocutores? Procuramos responder a esse questionamento seguindo os objetivos. O nosso objetivo geral foi analisar as marcas da enunciação presentes em Textos de Divulgação Científica como mecanismo gerador de efeito de sentido de oralidade entre os interlocutores. E buscamos, por meio dos objetivos específicos, identificar as marcas da enunciação presente em enunciados escritos, por meio do mecanismo da debreagem actancial que se instala no enunciado produzindo efeitos de sentido de oralidade entre os interlocutores; examinar como a categoria de pessoa se apresenta nos enunciados escritos manifestando a subjetividade e a objetividade; compreender os diferentes efeitos de sentidos gerados pelas escolhas enunciativas nos enunciados escritos; investigar as marcas de enunciação em Textos de Divulgação Científica da revista Ciência Hoje das Crianças.

Diante dos objetivos apresentados, consideramos que foram alcançados. No que concerne ao objetivo geral, nós analisamos as marcas da enunciação presentes nos Textos de Divulgação Científica como mecanismo gerador de efeito de sentido de oralidade, entre os interlocutores, e percebemos que os mecanismos de enunciação geram efeitos de sentido de oralidade, proximidade, verdade e identificação, por meio das escolhas e estratégias enunciativas utilizadas pelo enunciadador ao produzir o enunciado. Quanto aos objetivos específicos, vimos que os enunciados orais e escritos se complementam, mesmo a oralidade sendo de natureza da fala e não da escrita. Compreendemos também, que os efeitos de sentido projetado no enunciado dependem das escolhas enunciativas, e a partir das escolhas enunciativas é que suscitam diferentes efeitos. E, são essas escolhas enunciativas que nos mostram no enunciado, explicitamente ou implicitamente, objetivamente ou subjetivamente, a

categoria de pessoa, os mecanismos de enunciação, bem como nos fazem entender os diferentes efeitos de sentidos de oralidade projetados nos enunciados escritos.

Para alcançarmos os objetivos, fizemos uma revisão de literatura que nos embasou teoricamente para o desenvolvimento desta pesquisa. Iniciamos a revisão de literatura com a teoria da enunciação, em que tecemos conceitos e discussões sobre enunciação e enunciado, de modo que se pudesse compreender que a enunciação é o ato de produzir o enunciado, e enunciado é o produto da enunciação dentro de um espaço e um tempo. Em seguida, discutimos sobre as instâncias enunciativas, e pudemos perceber que elas funcionam em pares, sendo eles, enunciador e enunciatário, narrador e narratário, interlocutor e interlocutário, e juntos constituem o sujeito na enunciação. Dentro das instâncias enunciativas, vimos também, a instância linguística pressuposta e a instância de instauração do sujeito que se instalam no interior do enunciado. Após essa discussão, apresentamos os mecanismos da enunciação, embreagem e debreagem, que são os mecanismos responsáveis pela instauração do sujeito no enunciado. Logo após, tratamos sobre a categoria de pessoa na enunciação, compreendendo que o espaço e o tempo dependem da pessoa, que é o “eu” que enuncia, e o “eu”, interage com o “tu”, que por sua vez, gera efeito de proximidade e subjetividade, e uso da terceira pessoa “não pessoa- e/le” gera efeito de distanciamento e objetividade.

Nos pressupostos teóricos sobre as marcas de oralidade em textos escritos, falamos em marcas de oralidade em textos escritos como efeitos de sentido de oralidade, de um simulacro de realidade da fala que são produzidos por certos recursos linguísticos utilizados na construção do texto escrito, que evocam características específicas de interações faladas. E, para isso, discutimos as características gerais sobre o texto falado e o texto escrito, e em seguida, abordamos o texto falado e o texto escrito na perspectiva do *continuum*, levando em conta o contexto a qual a enunciação aconteceu, e confirmou-se que todo ato de fala provém de uma enunciação, e o ato enunciativo produz um enunciado oral ou escrito. E baseado nisso, vimos que oralidade e escrita devem ser vistas como atividades interativas e complementares inseridas em um contexto enunciativo, de práticas socioculturais, e não mais como atividades estanques e dicotômicas. Para tanto, finalizamos as discussões sobre as marcas de oralidade em textos escritos discorrendo sobre os efeitos de sentido de marca de oralidade em textos escritos,

visto que em enunciados escritos podem ser usados certos recursos da linguagem que caracterizam a oralidade como efeitos de sentido de oralidade.

Ainda na revisão de literatura, fizemos um percurso teórico sobre a Divulgação Científica, que nas últimas décadas difundiu-se por diferentes meios de comunicação, com a finalidade divulgar o conhecimento científico e popularizar a ciência, transmitindo valores relevantes para a população, por estar inserido no contexto histórico, político e social. Nesse sentido, fizemos um breve percurso histórico sobre a divulgação científica para pudermos entender o modo que se deu o processo de popularização da ciência atuando nos contextos científico, midiático e educacional. Nesse contexto, tratamos sobre o Artigo de Divulgação Científica, e enfatizamos o modo de circulação na sociedade, sua função dentro do meio científico e para o público a qual se destina. Após essa discussão, abordamos sobre o Texto de Divulgação Científica, que figura socialmente como um instrumento de popularização da Ciência, levando o conhecimento científico para além da comunidade acadêmica, com uma linguagem acessível e adequada ao público destinado, neste caso, o público infantil. E se tratando de público infantil, de forma breve, discorreremos sobre a revista Ciência Hoje das Crianças, tomada por objeto de estudo desta pesquisa.

Após a revisão de literatura, descrevemos o percurso, os recursos, procedimentos e categorias de análises utilizados na realização desta pesquisa, a fim de mostrar o processo de construção do Texto de Divulgação Científica destinado ao público infantil da revista CHC. E para isso, descrevemos sobre os critérios de seleção do e definição do *corpus*, os procedimentos e categorias de análises.

Dando sequência à pesquisa, apresentamos os resultados das análises do *corpus*, cujos textos selecionados para as análises, foram da revista CHC, e neles pudemos perceber aproximação dos interlocutores por meio da estrutura própria do Artigo de Divulgação Científica, bem como dos mecanismos linguísticos utilizados na construção do texto. Convém ressaltar, que os textos escolhidos para as análises são de temas atuais e relevantes para a sociedade, por isso, fizemos uma breve contextualização dos textos escolhidos para as análises. Em seguida, analisamos as debreagens enunciativa, enunciva, debreagem interna de primeiro e de segundo grau, compreendendo que a debreagem é uma operação que projeta no enunciado as categorias de pessoa, espaço e tempo na enunciação funcionando como um mecanismo de instauração do sujeito no enunciado.

Na análise da categoria de pessoa, vimos que a pessoa assume um papel relevante, pois o espaço e o tempo na enunciação, dependem do eu que enuncia, que é a pessoa. Quanto aos efeitos de sentido de oralidade, constatamos que tais efeitos de sentido são produzidos pelas escolhas enunciativas e por certos recursos de linguagem que são utilizados na constituição do texto escrito e evocam características próprias das interações faladas, e geram um simulacro de uma interação face a face, com efeito de sentido de realidade e verdade.

Com esta pesquisa, buscamos trazer contribuições acerca das marcas da enunciação e construção dos sentidos em textos de divulgação científica, identificando e analisando o modo em que essas marcas se manifestam nos enunciados escritos, gerando efeitos de sentido de oralidade entre os interlocutores. Além disso, buscamos mostrar que oralidade e escrita, mesmo sendo de natureza linguística diferentes, ambas se complementam e por pertencerem ao mesmo sistema linguístico, podemos encontrar traços da fala na escrita. E com isso, buscamos deixar claro que as escolhas enunciativas são relevantes na construção do texto, pois são essas escolhas, juntamente com outros recursos de linguagem que geram efeitos de sentido de oralidade e que dão sentido ao texto como um todo. No momento, conclui-se esta pesquisa, no entanto, esperamos que este estudo possa dialogar com outras pesquisas acerca das marcas da enunciação e seus respectivos efeitos de sentido, para assim, colaborar com pesquisas posteriores acerca dessa temática.

REFERÊNCIAS

ARTIGO. Meio ambiente o lar de todos. In. **Ciência Hoje das Crianças**. Disponível em / <http://chc.org.br/artigo/meio-ambiente-o-lar-de-todos-nos/>. Acesso em 30 de outubro de 2020.

_____. A árvore sagrada da Amazônia. In. **Ciência Hoje das Crianças**. Disponível em <http://chc.org.br/artigo/a-arvore-sagrada-da-amazonia/>. Acesso em 14 de novembro de 2020.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud Et. AL. 12ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1990.

BARROS, Diana Pessoa de. Algumas reflexões semióticas sobre a enunciação. In. **Enunciação e discurso**. Or. Maria da Glória di Fanti e Barbisan Leci Borges. São Paulo. Contexto, 2012.

BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: **Problemas de Linguística Geral I**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.p.247-259.

_____. Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de Linguística Geral I**. 2 ed.da Unicamp;: Pontes, São Paulo, 1988. p. 284 -293

_____. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Linguística Geral II**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1989. cap. 5. p. 81-92.

BOFF, Josiane. **Notícias on-line: estratégias enunciativas de apelo ao sensível**. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2017.

BOTELHO, J. M. **Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento**. Jundiaí: Paco, 2012.

BUENO, Wilson. **Jornalismo científico no Brasil: o compromisso de uma prática independente**. 1984. 163f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

BUENO, Wilson da Costa. O jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma longa trajetória. In: PORTO, Cristiane de Magalhães (org.) **Difusão e cultura científica: alguns recortes**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 113-125.

BLOG BEDUKA. **Ecologia e meio ambiente**. Disponível em / <https://beduka.com/blog/materias/biologia/ecologia-e-meio->

JUBRAN, Clélia C. A. S. Inserção: um Fenômeno de Descontinuidade na Organização Tópica. In: CASTILHO, Ataliba T. (org.). **Gramática do Português Falado**. Vol. 3. Campinas: Editora da UNICAMP. 1996. p. 61-74.

KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

KOCH, I. V. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **Interferência da oralidade na aquisição da escrita**. Trabalhos em Linguística *Aplicada*. Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Campinas: UNICAMP, 1997.

_____. **Desvendando os Segredos do Texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KÖCHE, Vanilda Salton. et. al. **Gêneros textuais: práticas de leitura, escrita e análise linguística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. de A., **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3. ed. São Paulo, Atlas, 1996.

LEIBRUDER, Ana Paula. O discurso de divulgação científica. In: **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. Brandão, Helena N. (coord.). São Paulo: Cortez, 2000. –(Coleção aprender e ensinar com textos; v.5).

_____. Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica, In: Brandão, H. N. (org.), **“Aprender e ensinar com textos”**, Vol. 5, São Paulo: Cortez, 2002. pp. 229-269.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Museu de ciência, divulgação e hegemonia científica. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 1, pág. 88-95, abril de 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010019652003000100009&lng=en&nrm=iso>. acesso em 19 de maio de 2021.

MACHADO, Carolina de Paula. **Contribuições da semântica da enunciação para a análise de texto**. Traços de Linguagem, Cáceres, v. 3, n. 2, p. 28-41, 2019. Disponível em > <https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/4355>. Acesso em 04 de setembro de 2020.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise dos Textos de Comunicação**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

_____; DIONISIO; Angela Paiva. **Fala e escrita**. 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.

MENDES, M.F.A. **Uma perspectiva histórica da divulgação científica: a atuação do cientista-divulgador José Reis (1948-1958)**. 2006, 256 f. Tese (Doutorado em História das Ciências) – Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2006.

MICHAELIS, **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/modernoportugues/busca/portuguesbrasileiro/m%C3%BAsico/>. Acesso em 03 de setembro de 2020.

MOREIRA, Tânia Maria e.al. **Análise crítica de gêneros de popularização da ciência da área de informática no jornal Zero Hora (2009)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

MOTTA-ROTH, D. A popularização da ciência como prática social e discursiva. In: MOTTA-ROTH, D.; GIERING, M. E. (Orgs.) In: MOTTA-ROTH, D.; GIERING, M. E.(Orgs.) **HIPER@SABERES - Discursos de popularização da ciência**. 1 ed. Santa Maria, RS: PPGL Editores, 2009. v. 1, p. 130-195. Disponível em <<http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumel/>>. Acesso em 18 de novembro de 2020.

MOITA LOPES, Luiz Paulo de. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: A linguagem como condição e solução. DELTA. V. 10, n.2, 1994. p. 321-338.

MONTENEGRO, Oswaldo. **Sim**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/oswaldomontenegro/sim/>. Acesso em: 27 de outubro de 2020.

PEREIRA, Mauricio Gomes. Estrutura do artigo científico. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 351-352, jun. 2012. Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167949742012000200018&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 maio 2021. <http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742012000200018>.

PERINI, M. A. Os dois mundos da expressão linguística. In: **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PRESTES, M. L. M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 4 ed. São Paulo: Rêspel, 2012.

PRETI, Dino. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanistas, 2000. p. 241-257.

REVISTA, D.C; **Ciência Hoje das Crianças**. Disponível em: www.chc.org.br. Acesso aos 22 de dezembro 2019.

REVISTA, C.H.C. **Uma partida genial**. Disponível em <http://chc.org.br/artigo/uma-partida-genial/>. Acesso em 09 de dezembro de 2020.

REVISTA, C.H.C. **E-lixo. O que é isso**. Disponível em <http://chc.org.br/artigo/e-lixo-o-que-e-isso/>. Acesso em 09 de dezembro de 2020.

REVISTA, C.H.C. **Organização para ninguém botar defeito**. Disponível em <http://chc.org.br/artigo/organizacao-para-ninguem-botar-defeito/>. Acesso em 09 de dezembro de 2020.

REVISTA, C.H.C. **Etnoconhecimento: saberes que ultrapassam o tempo**. Disponível em <http://chc.org.br/artigo/etnoconhecimento-saberes-que-ultrapassam-o-tempo/>. Acesso em 09 de dezembro de 2020.

REVISTA, C.H.C. **Tem ciência em tudo, até no balé**. Disponível em <http://chc.org.br/artigo/tem-ciencia-em-tudo-ate-no-bale/>. Acesso em 09 de dezembro de 2020.

REVISTA, C.H.C. **A lama que conta história**. Disponível em <http://chc.org.br/artigo/a-lama-que-Conta-historia/>. Acesso em 09 de dezembro de 2020.

REVISTA, C.H.C. **Nariz para fazer som**. Disponível em <http://chc.org.br/artigo/nariz-para-fazer-som/>. Acesso em 09 de dezembro de 2020.

REVISTA, C.H.C. **Restauração é vida de volta**. Disponível em <http://chc.org.br/artigo/restauracao-e-vida-de-volta/>. Acesso em 09 de dezembro de 2020.

REVISTA, C.H.C. **Vírus gigante. O que é isso**. Disponível em <http://chc.org.br/artigo/virus-gigantes-o-que-e-isso/>. Acesso em 09 de dezembro de 2020.

REVISTA, C.H.C. **Crispr parece biscoito, mas não é**. Disponível em <http://chc.org.br/artigo/crispr-parece-biscoito-mas-nao-e/>. Acesso em 17 de dezembro de 2020.

REVISTA, C.H.C. **Meio ambiente lar de todos nós**. Disponível em <http://chc.org.br/artigo/meio-ambiente-lar-de-todos-nos/> Acesso em 17 de dezembro de 2020.

REVISTA, C.H.C. **Meio ambiente lar de todos nós**. Disponível em <http://chc.org.br/artigo/tesouros-do-mar/> Acesso em 31 de maio de 2021.
artigo/

SANTOS, Solange de Sousa. **Ciência, discurso e mídia: a divulgação científica em revistas especializadas**. 2007. 100 f. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Gislene. **De que campo do jornalismo estamos falando?** Matrizes, vol. 3, núm. 1, agosto-diciembre, 2009, pp. 197-212 Universidade de São Paulo São Paulo, Brasil. Disponível em> <https://www.redalyc.org/pdf/1430/143012785011.pdf>. Acesso em 18 de maio de 2021.

SILVA, Henrique César. **O que é divulgação científica?** Ciência & Ensino, vol. 1, n. 1, dezembro de 2006.

TEIXEIRA, Celso Márcio. **Fontes Franciscanas e Clarianas**. RJ, 3 ed. Vozes, 2014.
URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. São Paulo: 1993. FFLCHUSP, p. 81-101

VALÉRIO, M. **Os desafios da divulgação científica sob o olhar epistemológico de Gaston Bachelard**. In: V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 2005, Bauru. *Anais...* Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/venpec/conteudo/artigos/3/pdf/p153.pdf>>. Acesso em 18 de setembro de 2020.